

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E
EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

JULIANO CARRER

**FORMAÇÃO HUMANA E MOVIMENTOS SOCIAIS NA
CULTURA DIGITAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Graziela Fatima Giacomazzo

**CRICIÚMA
2019**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

C314f Carrer, Juliano.

Formação humana e movimentos sociais na cultura digital/ Juliano Carrer. – 2019.

144 p. : il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2019.

Orientação: Graziela Fatima Giacomazzo.

1. Formação humana. 2. Movimentos sociais. 3. Cultura digital. 4. Cidadania. I. Título.

CDD. 22. ed. 303.483

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla – CRB 14/1101

Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

JULIANO CARRER

**“FORMAÇÃO HUMANA E MOVIMENTOS SOCIAIS NA
CULTURA DIGITAL”**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 12 de dezembro de 2018.

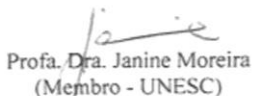
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Graziela Fátima
Giacomazzo Nicoleit (Orientadora -
UNESC)

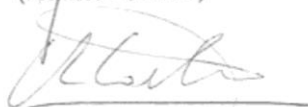


Profa. Dra. Maria Elly Herz Genro
(Membro - UFRGS)



Profa. Dra. Janine Moreira
(Membro - UNESC)

Prof. Dr. Alex Sander da Silva
(Suplente – UNESC)



Prof. Dr. Carlos Renato Carola
Coordenador do PPGE-UNESC



Juliano Carrer
Mestrando

Às pessoas que insistem na
esperança!

AGRADECIMENTOS

Minha construção enquanto ser humano, em eterno andamento, proporcionou que eu chegasse nesse momento de aprendizagem que foi o mestrado em educação. Nos processos mais marcantes destaco minha família, amigos e amigas que contribuíram para isto. Minha gratidão é imensa a essa oportunidade que tive, propiciada por tantas pessoas e lugares, dos quais destaco:

- A Pastoral da Juventude e o Instituto Catarinense de Juventude, que continuam mostrando que existem pessoas que sonham com uma sociedade mais justa;
- Minhas alunas e alunos, que sempre me motivam a aprender mais;
- Meus colegas de trabalho, que insistem em acreditar na educação como via de transformação da sociedade;
- A EEB Barão do Rio Branco por acreditar e permitir minha ausência na escola por tanto tempo;
- A UNESCO por me receber tão bem! Sempre me senti acarinhado e respeitado com o trabalho dos meus professores do PPGE;
- Os colegas do programa que ajudaram em tantos e tantos diálogos, sejam pessoais ou da pesquisa, que tanto se misturavam;
- Minha querida orientadora, Graziela, que com muita esperança respeitou o processo que eu decidi seguir na pesquisa e orientou mesmo em momentos difíceis que se apresentaram para ambos;
- As professoras Maria Elly e Janine, que tão carinhosamente avaliaram este trabalho;
- O Coletivo Amplifica por topar fazer parte dessa pesquisa;
- Meus irmãos Davi e Beatriz, que leram e releeram a dissertação, seus olhares foram esperançosos e importantíssimos para mim;
- E finalmente, todos os autores e autoras com os quais dialoguei na pesquisa, especialmente Paulo Freire e Milton Santos, que inspiram na luta por um mundo mais justo.

“Não posso me perceber como uma presença no mundo mas, ao mesmo tempo, explicá-la como resultado de operações absolutamente alheias a mim. Neste caso o que faço é renunciar à responsabilidade ética, histórica, política e social que a promoção do suporte ao mundo nos coloca. Renuncio a participar, a cumprir a vocação ontológica de intervir o mundo. O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História.”

Paulo Freire (1996)

RESUMO

Dentro da perspectiva de que vivemos em uma cultura digital, na qual o espaço *on-line* e o *off-line* se interligam, Santos (2007) e Giddens (1991) apontam que a condução da vida das pessoas ultrapassa o domínio dos estados-nações. Este trabalho analisa justamente a interferência dos movimentos sociais nesta cultura digital, definida como sociedade em rede por Castells (2005), e na formação humana cidadã dos seus participantes. Para realizar o diálogo com o conceito de formação humana cidadã recorre-se principalmente a Suchodolski (2002), Freire (1996), Severino (1994, 2005, 2006, 2010) e Santos (2007). Entende-se que os movimentos sociais são agentes de transformação da sociedade, como apontado por Gohn (2010a, 2010b, 2014), Castells (2013) e Scherer-Warren (1989). Compreende-se que um movimento social, ao visualizar a realidade como possível de ser transformada, saindo de uma tendência essencialista e existencialista, projeta uma educação virada para o futuro, como defende Suchodolski (2002) e possibilita que se rompa com a dominação existente (FREIRE,1987), seja ela em nível mais local ou global, pessoal ou interpessoal, nos espaços *on-line* ou *off-line*. Como objetivos deste trabalho buscou-se compreender o que são movimentos sociais na contemporaneidade; definir o que se entende por formação humana cidadã; e verificar como esses espaços contribuem para formação humana cidadã. Para alcançá-los, produziu-se um diálogo com os seguintes instrumentos de uma pesquisa de campo numa abordagem qualitativa: roda de conversa, questionário e análise da mídia social *Facebook* do grupo pesquisado. Os sujeitos da pesquisa integram um coletivo feminista da cidade de Criciúma, que se organiza a partir do encontro destas mulheres em uma instituição de ensino superior, intitulado Coletivo Amplifica. O diálogo foi realizado com a coordenação deste grupo. Conclui-se ao final do trabalho que o Coletivo Amplifica possibilita a esta coordenação a ampliação da formação humana cidadã na medida em que propicia que atuem na tentativa de transformar a realidade que vivenciam. Entretanto, percebeu-se que, ao mesmo tempo que se possibilita a ampliação da formação humana cidadã destas participantes, existem forças conservadoras que colocam à deriva esta cidadania.

Palavras-chave: Formação Humana; Movimentos Sociais; Cidadania; Cultura Digital.

ABSTRACT

Within the perspective of we live in a digital culture, where online and offline spaces interconnect, Santos (2007) and Giddens (1991) point out that the conduct of people's lives exceeds the domain of nation-states. This work analyzes the interference of social movements in this digital culture, defined as a network society by Castells (2005), and in the human formation of its participants. To carry out the dialogue with the concept of citizen human formation, it is resorted to Suchodolski (2002), Freire (1996), Severino (1994, 2005, 2006, 2010) and Santos (2007). It is understood that social movements are agents of society's transformation, as pointed out by Gohn (2010a, 2010b, 2014), Castells (2013) and Scherer-Warren (1989). Besides, it's noticeable that a social movement, when viewing the reality as being possible to be transformed, coming out of an essentialist and existentialist tendency, designs a future-oriented education, as Suchodolski (2002) argues, and enables it to break with existing domination (Freire, 1987), be it at a more local or global level, personal or interpersonal, in online or offline spaces. One of the objectives of this work was to understand what social movements are in this day and age; define what is meant by citizen human training; and to verify how these spaces contribute to citizen human formation. To reach them, a dialogue was produced with the following instruments of a field research in a qualitative approach: dialogue circle, questionnaire and analysis of social media known as Facebook of the group researched. The subjects of the research are part of a feminist group of Criciúma's city, which is organized from the meeting of these women in a higher education institution, entitled Coletivo Amplifica. The dialogue was done with the coordination of this group. It concludes at the end of the work that the Coletivo Amplifica allows this coordination the enlargement of the human formation as it promotes that it acts in the attempt to transform the reality that they experience. However, it has been realized that, while it is possible to expand the citizen human formation of these participants, there are conservative forces that drift this citizenship.

Keywords: Human Formation; Social movements; Citizenship; Digital Culture.

SUMÁRIO

1	Introdução	17
2	Formação humana cidadã	23
2.1	Pedagogias da essência e existência: ressignificando a formação humana cidadã.....	23
2.2	Mas afinal, onde se dá o processo formativo humano?.....	32
2.3	Cidadania e formação humana: uma relação intrínseca.....	35
3	Movimentos sociais em rede	41
3.1	Movimentos sociais conectados.....	41
4	Sociedade contemporânea e a cultura digital	51
4.1	Que sociedade é essa?.....	51
4.2	A dominação como elemento humano-histórico.....	54
4.3	Sociedade contemporânea em rede: cultura digital.....	62
5	Metodologia e diálogo com os dados	67
5.1	Protocolo de análise e grupos escolhidos.....	67
5.2	Enfim, quais os passos para responder a esta pesquisa?.....	77
6	Escuta e diálogo: na busca da formação humana cidadã	83
6.1	História e organização do coletivo amplifica.....	83
6.2	Necessidades motivadoras da existência do coletivo amplifica.....	87
6.3	Objetivos do Coletivo Amplifica.....	89
6.4	Frentes de atuação do Coletivo Amplifica.....	91
6.5	Quais possibilidades de formação o coletivo oferece?.....	93
6.6	Que mudanças a existência do coletivo proporciona?.....	95
6.7	O Coletivo Amplifica e a cultura contemporânea digital.....	98
6.7.1	Qual a relação do Coletivo Amplifica com o Facebook?	99
6.7.2	Dados levantados: Facebook	101
6.7.3	A cultura digital e o espaço off-line	107
6.8	Utopia e esperança do coletivo amplifica.....	108
6.8.1	Continuidade da caminhada	108
6.8.2	Ampliando o campo da ação: em busca de mais autonomia	110
6.9	Uma formação humana cidadã?.....	113
7	Conclusão	117
	Referências	123
	Apêndices	127

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho, compreender um pouco da trajetória pessoal e profissional do pesquisador ajudou a definir os caminhos. Na medida em que retomou a própria trajetória de vida, conseguiu delinear com mais clareza uma proposta de trabalho. Por este motivo, antes de apresentar aquilo que se vai investigar, traz-se presente na introdução deste texto um pouco deste percurso.

Quando ainda estudava no ensino médio e optou por cursar licenciatura em Física, esta escolha foi motivada fortemente pela participação na Pastoral da Juventude¹ (PJ). Trata-se de uma organização de jovens dentro da Igreja Católica, que preza pela autonomia dos seus jovens participantes. Nela, teve-se a experiência de uma organização que respeitava o protagonismo dos jovens, que a partir de espaços democráticos na organização decidem seus próprios rumos. Vale frisar que a participação dos adultos em geral se dá como uma forma de acompanhamento, de parceria. Cabe aos jovens encaminharem sua organização. Enquanto cursava a faculdade, e após o seu término, continuou atuando dentro da PJ. Nela teve a oportunidade de participar em vários níveis da organização, desde a liderança de um grupo de jovens mais local, até instâncias em nível estadual.

Embora a atuação na PJ sempre se manteve, no ano de 2011, em conjunto com várias outras lideranças da própria PJ, começou a discutir a possibilidade de um espaço além da PJ com ainda mais liberdade, pois mesmo estando em um espaço autônomo, a Pastoral da Juventude está ligada a uma instituição com poder de interferência em seu trabalho, a Igreja Católica. Nasce desse debate o Instituto Catarinense de Juventude² (ICJ,) em 2012, e do qual, atualmente, tem participado mais intensamente.

¹ A Pastoral da Juventude (PJ) é um serviço de acolhimento da Igreja Católica do Brasil e da América Latina para a participação juvenil. Possui como uma das características marcantes ser conduzida pelos próprios jovens com o acompanhamento de adultos, em sua maioria leigos. A base da PJ são os grupos de jovens, chamados de grupos de bases, que a partir de organizações locais, regionais, nacionais e internacionais constroem a própria Pastoral da Juventude. Tem seu surgimento nos anos 70 a partir da Ação Católica Especializada. <<http://www.pj.org.br/quem-somos/historia-da-pastoral-da-juventude/>>. Acesso em 16 set. 2018.

² O ICJ é uma entidade do terceiro setor constituída em sua maioria por jovens espalhados por Santa Catarina. Sua atuação é fortemente marcada pela atuação política na busca pelos direitos da juventude.

<http://icj.org.br/novo/?page_id=2> Acesso em 22 jul. 2017.

Neste processo, conjunto ao grupo que fazia o debate da necessidade de um espaço além da PJ, foram convidadas outras pessoas que corroboravam com a ideia de uma entidade em nível estadual como potencial de contribuir com a juventude do estado de Santa Catarina, incluindo a própria juventude da PJ. Ao longo dos últimos anos, ao ICJ tem se somado mais pessoas na tentativa de contemplar ainda mais a diversidade de jovens e entidades juvenis no estado. Desde o início tem se discutido a necessidade de o ICJ não fazer o papel do Estado, mas de cobrar deste a realização de suas funções e de propiciar para que as diversas juventudes catarinenses possam, com autonomia, interferirem na condução de suas vidas.

Qual a necessidade deste olhar para além da licenciatura em Física? Trouxe-se presente esta participação em grupos externos à formação acadêmica, pois ao olhar para esta trajetória, percebe-se fortemente a influência destes espaços na formação pessoal e na atuação de mestrado em educação, o autor da presente dissertação, por acaso, teve a oportunidade de conhecer alguns grupos juvenis ao acompanhar sua irmã em alguns espaços de lazer. Estes grupos, a partir da internet, se organizavam para promover eventos culturais na cidade de Criciúma³. Desde o primeiro momento encantou-se com a participação dos jovens, em sua maioria, nestes eventos e a forma como se organizavam. É uma atração que não se sabe definir completamente, mas que se move em busca de uma maior compreensão destes espaços. Neles, algo sempre marcante eram as mulheres feministas que participavam.

Com esse novo olhar para os espaços não formais, encantou-se pela atuação destes grupos nas redes sociais virtuais, e como, a partir delas, conseguiam reunir diversas pessoas. Nesse sentido, na tentativa de entender melhor os espaços de educação não formais, optou-se inicialmente pela busca de grupos com presença na internet. Inicia-se assim uma pesquisa na cidade de Criciúma por grupos juvenis⁴ que se organizam pela (ou na) internet.

A escolha por grupos juvenis tem forte interferência da vida compartilhada na PJ e no ICJ, que também acabou direcionando a pesquisa para, dentre estes grupos, escolher aqueles com perfil de movimentos sociais, que buscavam, por este motivo, uma transformação da sociedade. Com isso, a formulação do problema de pesquisa se deu da

³ “Pik Nik Coletivo” e o “The Living Room Sessions” que serão melhor referenciados no capítulo de discussão metodológica.

⁴ No capítulo 5, onde se discute a metodologia desta pesquisa apresenta-se os grupos levantados.

seguinte forma: “Em que sentido a atuação dos sujeitos nos movimentos sociais na cultura digital contribui com uma formação humana cidadã?”

Na busca de resposta a esta pergunta entende-se como necessária a compreensão do que seriam movimentos sociais na contemporaneidade, marcada pela cultura digital, sendo este também um tema essencial desta pesquisa. Bem como definir com clareza de que formação humana cidadã se está falando. Afinal, busca-se justamente entender como estes espaços, os movimentos sociais e a cultura digital, se entrelaçam, interferindo na formação humana das pessoas que participam deles.

A partir deste momento delineou-se o caminho da investigação, desta forma, iniciando um levantamento⁵ de pesquisas sobre a temática para decidir se existia certa novidade no problema. Para o pesquisador, além da relevância que essa busca possui individualmente, enxerga-se que essa compreensão amplia a visão da relação entre formação humana, cidadania e os movimentos sociais. Entretanto, percebe-se necessário verificar se algo já havia sido escrito sobre a temática e em que elementos focaram as análises.

Os artigos⁶ foram selecionados na rede *Scientific Electronic Library On-line* (SciELO) a partir de diversas palavras-chaves relacionadas à temática (Palavras Pesquisadas: "movimentos sociais" "internet"; "movimentos sociais" "internet" “educação”; "movimentos sociais" "digitais"; "movimento social" "digitais"; "movimento social" "digital"; "coletivos" "internet"; "coletivos" "internet" “educação”; "coletivos" "digitais"; "coletivos" "digital"; "coletivos" "digital" “educação”; "coletivos" "digitais" “educação”; "movimentos sociais" "formação humana"; "movimento social" "formação humana"). A busca foi aplicada para toda⁷ a base SciELO, mas foram selecionados para análise apenas os artigos em português. O período aplicado foi de 2012 até a data de 30 de junho de 2017.

Encontrou-se 19 artigos em português. Após a leitura destes artigos foi possível perceber que apenas nove relacionam-se a movimentos sociais que atuam na internet. Entretanto, nenhum deles estudava a

⁵ Dados completos desta pesquisa no quadro 8 nos Apêndices.

⁶ A pesquisa foi aplicada em todos os índices dos artigos.

⁷ A princípio o filtro escolhido era apenas para artigos publicados no Brasil. Entretanto, foi encontrado um artigo publicado em uma revista latino-americana, em português, que tratava justamente dos movimentos sociais contemporâneos no Brasil. Por este motivo, a pesquisa foi ampliada para toda a base de dados do Scielo. Entretanto, considerou-se apenas artigos publicados em português (Brasil).

formação humana presente nestes movimentos sociais conectados. Em cinco deles houve um olhar mais amplo, mais geral, enquanto em quatro existe um olhar voltado para movimentos sociais específicos, como o “Movimento Passe Livre” no Brasil e o “Coletivo Femen” na Ucrânia, o que também seria um dos focos desta pesquisa: um olhar mais específico para um, ou alguns, movimentos sociais conectados, afinal se pretende avaliar apenas um movimento social da cidade de Criciúma.

Interessante perceber que em todos os artigos analisados, nos movimentos sociais encontrados na internet, sempre existe uma atuação *off-line*, uma espécie de militância nas ruas. Parece que para os pesquisadores e pesquisadoras dos artigos encontrados, a internet (*on-line*) é espaço que dialoga com as ruas (*off-line*). Em nenhum artigo aponta-se um movimento social com atuação exclusiva na internet. Será que existe? Aparentemente não. Entretanto, esta pesquisa trará mais elementos para responder a esta pergunta.

Desta percepção inicial do levantamento dos artigos indica-se que pesquisar a formação humana dos sujeitos participantes destes movimentos sociais conectados é pesquisar a formação humana dos movimentos sociais em geral. É por esta razão que no problema que orienta esta pesquisa optou-se pela expressão “cultura digital”⁸, que amplia o olhar para além dos espaços *on-line*. Quando se usa o termo cultura digital, não se está retirando a força da definição de cultura, mas acrescentando um elemento que se considera presente nesta, o fato de a humanidade expandir sua vivência para espaços digitais e sofrerem interferência desta lógica. Não se trata de o espaço do *off-line* ser substituído, mas de entender que na atualidade os espaços *on-line* e *off-line* dialogam.

Um dos instrumentos de análise, como será visto na discussão metodológica deste trabalho, é a mídia social *Facebook*. Opta-se assim por um dos elementos da atuação dos grupos na cultura digital. Importante ter clareza de que este espaço virtual não representa toda a cultura digital, outros espaços, mais antigos, também trazem elementos desta cultura. Entretanto, como as redes sociais virtuais são, de fato, elementos que surgem na contemporaneidade, optou-se por focar parte do olhar nelas.

Realizado este recorte histórico deste pesquisador e tentando responder ao problema levantado, dialoga-se inicialmente, no capítulo 2, com Suchodolski (2002), Freire (1996) e Severino (1994, 2005, 2006, 2010) na busca de clarear e definir o que seria uma formação humana. Santos (2007) amplia esse diálogo quando acrescenta a busca constante e

⁸ No início utilizava-se a expressão “contextos digitais”.

própria da humanidade por cidadania desde o seu momento de nascimento. Todos estes autores trazem em suas defesas a possibilidade de transformar a realidade em que se vive.

Após o debate sobre formação humana e tendo clareza de que o foco pretendido são grupos além da escola, foi-se, no mesmo capítulo, a caminho de uma definição do conceito de educação não formal. Encontra-se relevante contribuição em Gohn (2010), ao defender a educação não formal enquanto processo que ocorre contribuindo para uma formação cidadã, dentro da coletividade, e que, neste sentido, faz parte da educação que ocorre dentro dos movimentos sociais. Gohn (2010) também apresenta o que seriam movimentos sociais e, juntamente com Castells (2013) e Scherer-Warren (1989), aponta que um movimento social existe dentro da possibilidade de mudança da sociedade que temos, lutando assim por esta humanidade apontada por Freire (1996), Suchodolski (2002), Severino (1994, 2005, 2006, 2010) e Santos (2007).

Todo este diálogo entre formação humana, movimentos sociais e processos formativos precisa ser situado dentro de um tempo histórico, que interfere no debate e que se tentou trazer, principalmente a partir do conceito de modernidade apontado por Giddens (1991) e da leitura de mundo que Vieira Pinto (2005) apresenta. Fez-se isso no capítulo 4, que antecede a apresentação da pesquisa de campo e a discussão dos dados.

É importante perceber que todo este caminho percorrido traz presente intencionalidade, que se ainda não ficou explícita, ousa-se fazê-lo. Busca-se, na medida em que se compreende melhor o processo formativo dos movimentos sociais na cultura digital, contribuir para transformar a realidade em uma direção cada vez mais coletiva e justa. Justiça esta que, impreterivelmente, passa pela ampliação da cidadania das pessoas.

Dito os apontamentos colocados até aqui, faz-se um convite à leitura desta pesquisa, e com uma possível e relevante crítica a este trabalho. Mais importante que o ego do pesquisador é a reflexão que a coletividade pode desenvolver na busca de uma educação virada para o futuro, a partir de Suchodolski (2002). Buscando-se, assim, uma formação dos seres humanos cada vez mais ampla, conectada com a realidade e com o potencial transformador.

2 FORMAÇÃO HUMANA CIDADÃ

No processo histórico vão surgindo diferentes formas de compreensão de como se dá a formação da pessoa. A partir da síntese que Suchodolski (2002) realiza sobre o olhar humano para a sua própria formação, discute-se neste capítulo a relação entre uma pedagogia da essência e outra da existência, e da possível transposição de ambas para o que Freire (1996) apresenta como pedagogia da autonomia e Suchodolski (2002) de uma educação virada⁹ para o futuro. Com esses autores, e em conjunto com Severino (1994, 2001, 2005, 2006, 2010) e Santos (2007) busca-se a definição para o que seria uma formação humana cidadã na contemporaneidade. Gohn (2010) dialoga também com estes autores na medida em que amplia este olhar da formação do ser humano para os espaços não formais de educação nos movimentos sociais.

Algo importante de anteceder neste capítulo, inspirado fortemente no diálogo que Santos (2007) propõe, é a possibilidade de existência de diferentes conceitos para a cidadania, logo, tem-se “cidadãos” e “cidadãos”, assim como poder-se-ia dizer que existe “formação humana” e “formação humana”. Significa que ao fechar um conceito estático para cada um desses elementos não se consegue abranger as diferentes possibilidades de atuação das pessoas no mundo. A questão central seria: Que cidadania e que formação humana este trabalho defende? É neste sentido que se inicia a conversa entre os autores.

2.1 PEDAGOGIAS DA ESSÊNCIA E EXISTÊNCIA: RESSIGNIFICANDO A FORMAÇÃO HUMANA CIDADÃ.

Quando se discute a formação humana, que elementos seriam relevantes? Quais os pontos fundamentais para as pessoas se desenvolverem individualmente e coletivamente? É possível pensar/planejar um processo que contribua com a formação humana? Para

⁹ Suchodolski (2002) propõe o termo “virada” para o futuro. Inicialmente esta pesquisa optou por trocar por “voltada” para o futuro. Entretanto, no decorrer da pesquisa o termo “virada” além de ser o utilizado pelo autor (ou por seu tradutor), parece mais próximo ao conceito de educação para o futuro que ele coloca, visto ser uma proposta de esperança que olha para frente com a possibilidade de mudança. Quando se usa o termo “voltada” para o futuro, traz a sensação de uma educação que vive apenas do futuro, distante da realidade presente, afinal, quando se vira, os pés continuam onde estão, mas o olhar está além, na busca. No decorrer do capítulo esse conceito será melhor trabalhado.

responder parcialmente a esta última pergunta, pode-se dizer que, a princípio, a humanidade acredita que sim. Exemplo prático e evidente disso são as instituições educativas tais como escolas, centros de formação, faculdades e universidades existentes em diversos cantos deste planeta com a função social de educar as pessoas.

Ao separar a pedagogia da essência e pedagogia da existência, Suchodolski (2002) consegue identificar duas diferentes formas de pensar o processo formativo humano ao longo da história. A capacidade de síntese desta visão permite analisar o processo formativo planejado ao longo da história humana, a partir destas duas perspectivas formativas.

Na pedagogia da essência enxerga-se o ser humano como sedento de uma formação que valorize aspectos do mundo das ideias. Assim, ao se pensar a formação de crianças, por exemplo, se deveria buscar elementos humanos que são imutáveis e atemporais para serem transmitidos. Nesta lógica surgem diversas formas de enxergar o que seria ideal, no qual por exemplo, para grupos religiosos seria o ideal divino. Foi na busca deste ideal humano que a pedagogia da essência tratou de:

descurar tudo o que é empírico no homem e em torno do homem e a conceber a educação como medidas para desenvolverem no homem tudo o que implica a sua participação na realidade ideal, tudo o que define a sua essência verdadeira, embora asfixiada pela sua existência empírica (SUCHODOLSKI, 2002, p. 13).

A pedagogia da essência considera que a realidade acaba por aprisionar o verdadeiro sentido do ser humano. Assim, pensar o processo formativo a partir da realidade seria deixar de lado a própria humanidade. Nesta linha de pensamento, a pedagogia da essência teria justamente a função de resgatar nas pessoas esta essência eterna que possuem dentro de si, como o fez Platão¹⁰ ao tentar buscar diferenciar o mundo das ideias, lugar de perfeição, e o mundo das sombras, lugar de imperfeição e da vida humana (SUCHODOLSKI, 2002).

Entretanto, Suchodolski (2002) argumenta que a pedagogia da existência possui outra visão e surge justamente questionando os dogmas eternos da pedagogia da essência. Para esta perspectiva, que surge no Renascimento, mas que tomou maior força no século XVIII com

¹⁰ Considerado um dos primeiros iniciadores da pedagogia da essência, que vai após ele ser desenvolvida fortemente pelo cristianismo ao defender uma realidade eterna, espiritual e verdadeira, em oposição a uma realidade passageira, mutável.

Rousseau e posteriormente se fortalece com as teorias evolucionistas de Darwin e Spencer, a realidade deve ser a orientadora da vivência humana e não a essência. As pessoas tornam-se humanas a partir das vivências que possuem com o mundo externo, com a realidade. Não aceita, assim, a ideia de uma essência imutável do humano. Crê-se que ao longo da história vai-se mudando esta “essência”, pois ela é forjada pelo ambiente em que se vive. Assim, a pedagogia da existência, ao planejar a formação de uma criança, foca sua atenção na capacidade deste indivíduo em se adaptar àquilo que a realidade fornece. Dentro desta linha teórica, chegou a existir escolas em que os ‘professores’ não podiam interferir no processo formativo das crianças. Linha fortemente marcada por uma proposta educativa que daria à criança um desenvolvimento livre e espontâneo (SUCHODOLSKI, 2002).

Por mais que pareça forte o argumento da pedagogia da existência em questionar a visão de uma educação voltada apenas para o mundo das ideias, e que isso perdia o sentido visto à necessidade das pessoas viverem na realidade existente, a pedagogia da essência tem sua defesa amparada no argumento de que não é possível questionar o mundo das ideias com aspectos da vida cotidiana do ser humano. E que, se a concepção de ser humano está no mundo das ideias, em uma realidade metafísica, não possui sentido associar esta concepção do humano de forma temporal, visto que no espaço metafísico as concepções deveriam ser fixas, ideais, finais (SUCHODOLSKI, 2002).

Enquanto uma linha teórica aponta para a adaptação à realidade, sem questioná-la, a outra defende ignorar esta realidade. Acabam afastando a dialeticidade de suas bases. “Uma [pedagogia da existência] reduz o homem às proporções de receptáculo e veículo de valores culturais, a outra [pedagogia da essência] concebe-o como uma experiência contemplativa ou uma emoção mística” (SUCHODOLSKI, 2002, p. 96).

Nesta luta histórica por se constituir uma visão pedagógica do desenvolvimento humano, a pedagogia da essência foi se transformando, chegando a ter um olhar mais amplo para a pessoa, entretanto, ainda focando seu olhar para a essência metafísica da educação. Isso acontece quando a moderna pedagogia da essência reconhece quatro níveis do ser humano. Entretanto, a educação ainda deveria dar atenção apenas à dimensão metafísica.

A análise do homem feita nesta perspectiva revela uma estratificação ainda mais rica que a apresentada por outras orientações pedagógicas,

discrimina quatro níveis do ser individual: psicobiológico, social, cultural e metafísico. A verdadeira educação deve ocupar-se deste quarto nível, o nível mais elevado (SUCHODOLSKI, 2002, p. 92).

Desta forma, mesmo nessa modernização e reconhecendo várias dimensões do ser humano, a pedagogia da essência acaba colocando estas dimensões subordinadas à metafísica. Interessante perceber que a Igreja Católica do Brasil, através de sua experiência no trabalho com a juventude, incluindo a PJ, publicou em 2007 um olhar institucional para a juventude, em que acredita no ser humano¹¹ enquanto pedagogicamente dividido em cinco dimensões (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2007). A dimensão pessoal, que relaciona a pessoa com ela mesma, em um processo de educação interpessoal, de autoconhecimento. A dimensão comunitária, que reconhece que a pessoa se constitui também humana na relação com outras pessoas. A dimensão sócio-política-cultural, que entende que a sociedade em que a juventude vive também interfere neste processo de formação. A dimensão da capacitação técnica, que entende que o humano se constitui enquanto atua, aprendendo ao fazer suas atividades. E a dimensão teológica/mística, que entende que o ser humano possui um vínculo formativo também com o transcendental, neste caso da Igreja, com Deus. Se aplicássemos o olhar da pedagogia da essência nesta visão das cinco dimensões, seria o mesmo que entender como papel da educação a atenção apenas à dimensão pessoal e a teológica/mística. Já a pedagogia da existência focaria sua atenção nas outras dimensões, mais interligadas à realidade.

Os olhares diferentes para o mesmo objeto seguem entre as duas correntes e, na tentativa de avançar nessa visão dicotômica da pedagogia da essência e da pedagogia da existência, na modernidade, cria-se um instrumento perigoso e de controle pela burguesia, uma espécie de tentativa de integração das duas propostas antagônicas. Utilizou-se da ideia de uma educação a partir da realidade, fruto da pedagogia da existência, tendo esta realidade contemporânea como ideal, como se fosse nossa essência. Assim, em vez de possibilitar às pessoas caminharem em busca de novos rumos para a humanidade, ensina-se a adaptação à

¹¹ Não é objetivo deste trabalho discutir a formação humana a partir das cinco dimensões, entretanto, apontar é necessário devido a possibilidade de um futuro diálogo ampliado nesta perspectiva.

realidade dada, visto esta ser apresentada como ideal, mística e metafísica (SUCHODOLSKI, 2002). Nessa linha de pensamento pode-se dizer, com um exemplo um pouco exagerado, que a fome faz parte da existência humana. Assim, cabe às pessoas se adaptarem a essa essência, a ausência de alimentos para alguns e o exagero para outros. Trata-se de uma visão adaptativa à realidade existente tendo-a como essência do ser humano.

A incoerência nesta proposta de junção das duas pedagogias é desafiadora, pois em um primeiro momento, ou talvez até em um segundo, esta visão apresenta uma possível solução para as crises enfrentadas entre as duas correntes. Suchodolski (2002) faz uma análise, no mínimo, interessante:

Tentemos ver esta questão pelo ângulo filosófico: a concepção da “essência” humana não pode dar origem a uma “existência” do homem correspondente a esta “essência”; no entanto, nem toda a “existência” humana dá necessariamente origem à “essência” do homem. O que importa é facultar à vida humana condições e encorajamentos, garantias e organização tais que possa tornar-se base do desenvolvimento e da formação, base da criação da “essência” humana (SUCHODOLSKI, 2002, p. 99).

Como resolver essa crise entre essencialismo e existencialismo¹²? Teria uma solução? Um caminho que não seja tão dicotômico? Desde o início do texto, Suchodolski (2002) vai construindo uma possibilidade de superação de ambas teorias. Para isso, apresenta uma proposta de educação virada para o futuro:

A educação virada para o futuro é justamente uma via que permite ultrapassar o horizonte das más opções e dos compromissos da pedagogia burguesa. Defende que a realidade presente não é a única realidade e que, por conseguinte, não é o único critério de educação. O verdadeiro critério é a realidade futura. A necessidade histórica e a

¹² Neste trabalho explora-se o diálogo realizado por Suchodolski (2002) sobre a dicotomia entre pedagogia da essência e existência, e da sua superação para uma educação virada para o futuro. Entretanto se olharmos na literatura sobre as correntes filosóficas pode-se encontrar divergências com a ideia apresentada sobre um existencialismo adaptativo e um essencialismo distante da realidade.

realização do nosso ideal coincidem na determinação desta realidade futura. [...] esta atividade protege-nos do fatalismo (SUCHODOLSKI, 2002, p. 101).

A educação virada para o futuro vê no ser humano alguém que atua na sociedade atual, na realidade tal como se vê e sente, em busca de um futuro diferente do estabelecido. Não aceita, assim, uma realidade estagnada, mas busca novos ideais de sociedade (SUCHODOLSKI, 2002). A partir desta perspectiva, Suchodolski (2002) defende que esta pedagogia não é da essência e nem da existência, pois, respectivamente, não é desconectada da vida e nem adaptativa. Traz presente que para que a juventude possa desenvolver seu caráter criativo e transformativo, esse deve ser o projeto formativo para ela.

Assim, a educação volta seu olhar para a necessidade de uma educação principalmente social, que contribui na formação de cidadãos. Entretanto, surge outra necessidade formativa do ser humano, para além da formação politécnica e social, trata-se de uma educação moral. Não se pode simplesmente ignorar as questões da vida cotidiana do ser humano. Cada vez mais sendo necessário inserir nos programas formativos elementos morais que contribuam para a pessoa crescer individualmente e coletivamente enquanto ser humano, e não apenas tecnicamente (SUCHODOLSKI, 2002). Afinal, “se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar.” (FREIRE, 1996, p. 33). Desta maneira, é incoerente negar a natureza política da vida humana, que intervém na sociedade podendo transformá-la. Discutir formação humana afastada de sua natureza ética é ignorar a capacidade das pessoas de transformarem a si e a realidade que as cerca.

Quando Suchodolski (2002) propõe uma educação virada para o futuro está considerando esta natureza ética da pessoa e sua possibilidade de intervenção no mundo. Aponta para uma educação que olhe o ser humano enquanto um todo, que olhe, usando um termo mais atual, de forma integral para a pessoa, não só enaltecendo determinada dimensão do ser, mas todas. Caminha assim para uma proposta que supera o olhar dicotômico existência-essência em favor de uma visão esperançosa do processo formativo. Esperançosa, pois possível de transformar.

Este olhar histórico da formação do ser humano traz à tona algo que a humanidade acredita ser possível, como apontado inicialmente neste texto, de que é possível formar o humano. As pessoas são seres em formação constante, desde seu nascimento até a sua morte. Esta formação

humana acontece devido à característica de inacabamento das pessoas (FREIRE, 1996; SEVERINO, 2006). Característica essa que reforça a possibilidade de intervenção no mundo de forma ética ou antiética, transformando¹³ ou se adaptando. Negar isto é se colocar novamente diante de um olhar dicotômico (essencialismo/existencialismo).

Embora a visão da formação das pessoas tenha se ampliado criticamente, vive-se em uma sociedade que prima pela adaptação. Por exemplo, quando o atual sistema neoliberal apregoa que as coisas estão do jeito que deveriam estar, que não se necessita intervenção. Este olhar desesperançoso ataca a incompletude humana ao retirar a possibilidade de mudança, dizendo que é preciso aceitar as incoerências do mundo, negando, assim, a inconclusão dos seres humanos (FREIRE, 1996). Acaba-se desta forma, apresentando uma visão existencialista de suas vivências.

Suchodolski (2002), quando defende uma educação virada para o futuro, e Freire (1996), ao defender que as pessoas estão sempre em processo de transformação, apontam a necessidade de uma formação que permita que as pessoas sejam criativas, capazes de construir seus próprios caminhos e, conseqüentemente, que lutem contra o controle e a domesticação. Não se trata de negar a possibilidade de domesticação. Ela existe e se faz presente cotidianamente. Trata-se de aceitar que ao se tornar humano, com o nascimento, capazes de intervir e de transformar, portanto seres éticos, tornam-se também seres capazes de serem controlados, manipulados, domesticados. Ter consciência da possibilidade de transformação/domesticação permite que se amplie a autonomia em contrapartida da diminuição da manipulação (FREIRE, 1996).

Desta necessidade de uma formação crítica que faça frente às injustiças do mundo, Freire (1996) propõe uma educação voltada para a autonomia. Severino (1994, 2005) também corrobora com esta visão, ao apontar para o ser humano enquanto ser que se constrói a si mesmo. Não são seres feitos para serem preenchidos, mas sim para se (re)construírem criativamente a todo instante. Assim, uma formação que prive a criatividade própria do ser humano ataca fortemente a essência enquanto seres que vivem historicamente no mundo, e que nele se constroem. Não significa que neste processo de formação das pessoas não existirão condicionantes, entretanto, cabe a clareza de que eles podem definir ou

¹³ Ao longo de todo o trabalho, a transformação da realidade proposta e discutida caminha na direção ética na medida em que amplia a justiça para cada vez mais pessoas na sociedade.

não os rumos a serem tomados. Nada está determinado. Assim, uma formação que permita que a pessoa se reconstrua e reconstrua tudo a sua volta amplia a humanidade dela. Entretanto, uma formação adaptativa, que tolhe a criatividade, diminui sua humanidade.

Toda experiência formadora pode atacar ou estimular essa capacidade autônoma, própria da humanidade nas pessoas. Como se entende a partir de Freire (1996), os seres humanos são incompletos, por isso seres de esperança e seres éticos. Percebe-se que a formação da qual as pessoas participam podem ampliar sua vocação ontológica em ser mais, ou diminuí-la. Nesse sentido, este trabalho defende que, quando uma formação despreza esses elementos/características que fazem das pessoas humanas, se trata de uma formação desumanizadora.

Este olhar cuidadoso para a possibilidade de uma formação desumana surge, pois quando o ser humano ampliou seu olhar para além do espaço decisório instintivo, permitiu diversas possibilidades de caminhos para sua própria existência. Ao fazer isto, permite-se que a condução de sua existência seja autônoma ou alienante (SEVERINO, 2010). Ao se fazer humano, também se fez ser ético, capaz de intervir e de sofrer intervenção do mundo em que vive.

Formação humana seria esta busca constante pela própria formação da pessoa, na tentativa de ampliar aquilo que se considera próprio da humanidade, a sua capacidade de transformação. Coloca-se no centro do processo educativo a própria pessoa. Não podendo ser dita formação humana a tentativa de domesticação, de preenchimento, de enquadramento das pessoas a qualquer que seja a proposta. Nesta perspectiva, a educação dita institucional, no espaço formal e fora dele, corresponde à busca da formação humana ao favorecer processos de busca entre as pessoas, processos de autonomia (SEVERINO, 2006).

Essa formação humana autônoma, que tanto Freire (1996) como Severino (2006) propõem, pauta uma autonomia libertadora, que permite ao ser humano um desenvolvimento pleno em conjunto com as outras pessoas. Diferentemente da “autonomia liberal” na qual os valores individuais sobrepõem os valores coletivos.

Assim, entende-se que uma formação humana surge quando amplia a característica das pessoas enquanto seres de esperança e, portanto, seres com a possibilidade de transformar a si e a realidade existente. A prática formadora que a sociedade neoliberal, a qual em sua base produz a desigualdade, impõe, de que as coisas são do jeito que são, é uma formação que ataca a humanidade, desumanizando-se, assim, a pessoa.

Tendo-se clara a definição de formação humana construída até este momento e dentro de uma ética coletiva, universal, uma formação humana deve passar por uma formação para a cidadania, como aponta Severino (2001). Uma educação para a cidadania é exigência frente à própria existência humana. Pois a existência das pessoas “é mediada pelo trabalho, pela sociabilidade e pela prática subjetiva” (SEVERINO, 1994, p. 58). Desta forma, o ser humano é um ser de relações práticas, consigo mesmo, com a natureza e com outras pessoas. Tentar entendê-lo, é olhar para a sua prática real, consciente que esse olhar vai ser sempre mediado pela subjetividade e sempre passível de mudança, de transformação.

A prática humana pode ser dividida em três tipos de relacionamentos. Na prática produtiva os humanos se relacionam com a natureza para garantirem sua existência, constituindo o que se chama de trabalho¹⁴. O trabalho se dá com a natureza a partir de uma relação grupal. Assim as pessoas precisam se relacionar entre si e em grupo com a natureza. E, por último, as pessoas se relacionam com uma realidade subjetiva, que surge devido a capacidade de pensar e simbolizar a própria existência. Nesta análise, uma formação humana precisa ser uma formação para a cidadania na medida em que formar um cidadão é trazê-lo para uma ampliação dessa relação entre trabalho, sociabilidade e subjetividade. Uma formação que desrespeite esses três elementos ataca diretamente a própria existência das pessoas no planeta.

Para Severino (1994), o ser humano vai se constituindo na medida em que vai atuando. Assim, a essência das pessoas apenas existe temporariamente, devido à existência concreta delas no mundo. Desta forma, para serem humanas, é indispensável a possibilidade de atuação, da prática. Em uma sociedade em que se tenta conduzir a vida das pessoas, pode-se dizer que se está impedindo que estas sejam humanas, pois impossibilitadas de atuar em sua própria existência, acabam se afastando da natureza criativa do ser humano. Logo, o trabalho pode tanto humanizar quanto desumanizar. Esta dualidade é marcante frente à possibilidade de atuação consciente/humanizada ou atuação alienante/desumanizada (SEVERINO, 1994).

Dentro desta concepção de humanidade, se formar humano é exercer a autonomia, é construir sua própria relação com a natureza e com

¹⁴ Importante ter clareza que o conceito de trabalho aqui aponta para uma relação ampla de atuação das pessoas no mundo para manterem sua existência. Significa que trabalhar é tudo aquilo que permite o ser humano continuar existindo. Assim, atuar numa fábrica ou ensinar é trabalho, se relacionar com outras pessoas é trabalho, pensar é trabalho, etc.

os outros. Assim, um movimento social pode contribuir para uma ampliação da formação humana na medida em que propicia que seus participantes atuem, trabalhem. Esta visão corrobora com as ideias defendidas de Suchodolski (2002), Freire (1996) e Severino (1994, 2001, 2005, 2006, 2010).

O que se identifica ser uma formação humana é historicamente construído, assim, o que se defende atualmente pode, com o passar dos anos, ser enquadrado em outra classificação/definição. Portanto, acusar uma formação focada na existência ou na essência como não humanas, é visualizar o passado com a crítica do presente. Tendo-se esta clareza, pode-se entender que a concepção de formação humana enquanto formação para a cidadania está posta neste momento histórico que as pessoas vivem e a partir dos autores deste trabalho.

Entender que o ser humano é incompleto e que vai se construindo ao longo de sua própria existência faz refletir que a formação humana pode ocorrer a cada instante de sua existência. Assim, pensar a escola como único espaço de formação é equivocado. Não cabe o olhar para a formação humana como sendo exclusiva das instituições de ensino espalhadas pelo mundo.

2.2 MAS AFINAL, ONDE SE DÁ O PROCESSO FORMATIVO HUMANO?

Quando Suchodolski (2002), Freire (1996) e Severino (1994, 2001, 2005, 2006, 2010) discutem o processo de educação humana é comum, entre alguns pesquisadores e pesquisadoras de educação, interligá-los apenas aos espaços formais de educação. Entretanto, as pessoas se formam não apenas nestes espaços. Com o intuito de trazer clareza sobre a possibilidade de formação em diversos espaços, traz-se Gohn (2010), com uma visão ampla sobre o assunto.

Ao discutir processos de formação e de educação, Gohn (2010) aponta para três possíveis locais de educação: formal, informal e não formal. A educação formal é aquela relacionada principalmente à escola e espaços onde se possui o objetivo de transmitir conteúdos, com planejamento prévio. A exemplo pode-se citar, além da escola, cursos, seminários, faculdades, etc. A educação informal é fruto da espontaneidade das relações intrapessoais na família e fora dela, seja com um grupo de amigos, um clube, uma igreja, etc. Nela são apreendidos conhecimentos e saberes pela simples convivência entre seus pares. E por último, a educação não formal, que será mais detalhada nesta pesquisa, visto a relevância para o debate deste trabalho quando surge o diálogo

com o processo formativo nos movimentos sociais. Tanto que Gohn (2010) traz que o uso do termo educação não formal surge de uma necessidade de dar nome aos processos formativos que ocorriam nos movimentos sociais e outras práticas associativas na década de 1980 e que não eram *a priori* reconhecidos como espaços formativos. E, desde então, a autora vem trabalhando academicamente com mais profundidade esta categoria de análise, que foi sendo construída.

Mas o que seria a educação não formal? Para Gohn (2010), apenas podemos caracterizar como educação não formal os processos em que se busca coletivamente a cidadania. Valores como o individualismo e o egoísmo não cabem dentro da educação não formal.

Nela, os sujeitos que participam de ações coletivas vão contribuindo com a formação uns dos outros. Desta forma, na medida em que se colocam a caminho, juntos em busca de algo, acabam por contribuir com a aprendizagem de todos sem a necessidade de um professor ou mestre nesse processo. Ao se compreender os processos de formação que as pessoas vivenciam, sejam informais, formais ou não formais, amplia-se a visão do processo educativo do ser humano de forma mais integral (GOHN, 2010).

Como nesta pesquisa o objeto central serão movimentos sociais, e entendendo-os como palco privilegiado da educação não formal, traz-se uma síntese das características que, para Gohn (2010), teria uma educação não formal:

- Acontece em espaços em que os participantes escolhem estar - existe intencionalidade;
- Não existe uma figura responsável pelo papel educativo, este processo se dá de forma coletiva, com uma integração entre os participantes;
- “A educação não formal, [...], não é herdada, é adquirida. Ela capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo” (GOHN, 2010, p. 19);
- Está relacionada aos aspectos de solidariedade e cidadania, contribuindo para o desenvolvimento de uma consciência política, ou, como Gohn (2010) prefere dizer, contribui para desenvolver um acervo sociocultural e político¹⁵;
- Colabora com o desenvolvimento de uma identidade coletiva dos participantes;

¹⁵ Gohn (2010) traz que alguns autores preferem o termo ‘capital social’.

- Forma para a vida como um todo, não tendo seu olhar voltado apenas para o mercado de trabalho;
- A autonomia e a emancipação dos participantes são desenvolvidas;
- Articula-se ao campo de uma educação cidadã.

O conceito de educação não formal geralmente surge pela negação daquilo que ela não é. Assim, por exemplo, em vez de definirem educação não formal, os autores geralmente a caracterizam como educação não escolar (Gohn, 2010). Neste sentido, a autora busca propor uma conceituação:

Chegamos portanto ao conceito que adotamos para educação não formal. É um processo sociopolítico, cultural e pedagógico de formação para a cidadania, entendendo o político como a formação do indivíduo para interagir com o outro na sociedade. Ela designa um conjunto de práticas socioculturais de aprendizagem e produção de saberes, que envolve organizações/instituições, atividades, meios e formas variadas, assim como uma multiplicidade de programas e projetos sociais (GOHN, 2010, p. 33).

Importa perceber que, independentemente se ao longo da vivência humana se está participando de processos de educação formal, informal ou não formal, esses são processos que contribuem para constituir as pessoas. Sendo assim, colaboram com a formação humana. Como o foco é analisar esta formação nos movimentos sociais na cultura digital, faz-se necessário compreender estes espaços formativos, nominados de não formais.

Quando propõem uma educação virada para o futuro, para a autonomia e para a cidadania, Suchodolski (2002), Freire (1996) e Severino (1994, 2001, 2005, 2006, 2010), respectivamente, entendem que frente à realidade é possível construir outras possibilidades de sociedade, de um mundo pensado para todos e não fechado em privilégios como no atual sistema capitalista. Este olhar avança além dos espaços de educação formais, sendo possível uma educação cidadã para todos os espaços, formal, não formal e informal. Nos movimentos sociais tem-se palco privilegiado deste tipo de formação não formal, com a possibilidade de olhar com esperança para o futuro, frente a uma realidade com possibilidade de transformação.

Quando um movimento social vive seu cotidiano, mesmo que não preveja espaços de formação dentre seus participantes, esses estão participando de uma educação não formal. Assim, ao participarem de um movimento social, as pessoas acabam por aprender saberes e vivências necessárias à vida cidadã (GOHN, 2010). Os movimentos sociais ampliam a formação humana de seus participantes sem, necessariamente, este ser o foco de suas atuações.

Ao defender uma educação como processo de emancipação, com o exercício da autonomia, Freire (1996) propõe que a educação acompanhe seus participantes, sem expectativas de controle, mas com liberdade e respeito. Para ele, ser humano é ser mais, é justamente a possibilidade que se tem de sair de onde se está e avançar individualmente e coletivamente. Assim, uma formação que olha para as pessoas com um recorte adaptativo, como já dito, é desumanizadora.

Se as pessoas são feitas para a liberdade, apenas se permite aceitar um processo formativo que colabore com a construção de outras sociedades. Discursos como “É assim que as coisas são, cabe apenas aceitarmos” não corroboram com uma formação humanizadora. Ressalva importante é que a liberdade só existe frente ao respeito aos outros, pois a “liberdade amadurece no confronto com outras liberdades” (FREIRE, 1996, p. 105). Assim, ser humano é justamente construir um mundo cada vez mais justo entre todas as pessoas, cada vez mais livre.

2.3 CIDADANIA E FORMAÇÃO HUMANA: UMA RELAÇÃO INTRÍNSECA

Na tentativa de ampliar o conceito de formação humana, bem como deixar clara que cidadania é esta trazida por Severino (2001) e Gohn (2010), traz-se para este trabalho o diálogo que Santos (2007) apresenta em sua obra “O espaço do cidadão”. Nela, ele apresenta a visão de uma cidadania que deve ser conquistada, que, independentemente do fato das pessoas, ao nascerem, fazerem parte desta sociedade, isto não é garantia de cidadania.

Assim, os seres humanos, mesmo nascendo essencialmente livres, nascem também em uma lógica dominada pelo mercado, a qual desumaniza a pessoa, que a faz acreditar que as possibilidades estão dadas, determinadas. Mesmo sendo detentoras do direito a plena cidadania, não existe lei que garanta esta situação. Cabe lutarem ao longo de suas vidas para ampliarem suas cidadanias. Neste sentido, fica claro que para Santos (2007), a cidadania pode existir em diversos níveis. Tem-se pessoas mais cidadãs que outras, países mais cidadãos que outros.

Percebe-se também que este conceito de cidadania é resultado desse momento histórico vivido pela humanidade. Assim, no século XVIII ele estava associado ao fazer parte de determinada sociedade nacional. Atualmente, além de ser membro de determinada sociedade, ser cidadão está conectado à possibilidade de intervenção política pelo voto e pelo direito de livre associação. Uma característica marcante do último século, que faz parte do conceito de cidadania são os “direitos sociais”¹⁶, que tentam garantir uma mínima condição de vida e de participação às pessoas da nação (SANTOS, 2007).

Nessa mutabilidade da história, encontra-se atualmente uma sociedade marcada pelo consumo, na qual lutar pela cidadania é lutar contra o consumismo. Existe essa necessidade mundial de ir pautando a cidadania acima do mercado, alguns países com menos barreiras a serem transpostas e outras com várias. No Brasil, infelizmente as barreiras são gigantescas e, inclusive, aqui o Estado contribui, geralmente de forma sutil, para que o consumo vença (continue vencendo). Inclusive instrumentos que se dizem contribuir na busca de cidadania acabam se tornando elementos também do consumo, como o fato de possuir um título eleitoral e votar, que acaba permeado pela lógica do mercado, tratando-se a pessoa enquanto consumidora do processo democrático e não como participante. Debates que deveriam ser pautados pelo viés da busca da cidadania entram na pauta também do consumo, como a questão da moradia. Fala-se pouco do direito à moradia e mais do direito à propriedade, ambos antagonizando propostas (SANTOS, 2007).

Frente a essa barreira para a cidadania das pessoas, Santos (2007) defende que o consumo seja feito criticamente. Que as pessoas sejam consumidores imperfeitos¹⁷, entretanto, até o consumo que parece crítico pode estar à serviço do mercado, como exemplo entidades que discutem o consumo “consciente” avaliando a qualidade dos produtos, comparando preços, durabilidade, etc. Estes elementos por si só, não tornam as pessoas consumidores imperfeitos, apenas dão a impressão disto. Essas entidades possuem sua presença mais forte no exterior, entretanto, atualmente, com o uso frequente da internet para compras, podemos dizer que no Brasil também existe acesso a essas entidades “críticas”. Não basta o olhar com

¹⁶ Garantidos na constituição de 1988 e que serão retomados mais a frente.

¹⁷ Consumidor imperfeito seria aquele que não entra no jogo do mercado, buscando nas suas compras colocar e priorizar mecanismos de comércio que coloquem a vida das pessoas acima do consumo. Exemplos no Brasil deste tipo de relação comercial seriam a chamada economia solidária, que tenta, a partir do trabalho de seus membros, expandir cidadania para cada vez mais pessoas.

critérios para o consumo, é necessário que este esteja à serviço da vida humana, e não o contrário, como é praxe.

Quando o capitalismo cria sistemas de alienação, cria também as contradições necessárias para que a humanidade o perceba injusto e o ataque. Quando, como e onde esta percepção será ampliada, generalizada, é algo impossível de se dizer. Existe a possibilidade de a cidadania existir em maiores ou menores graus. Assim, o ser humano ao nascer em determinada sociedade e determinada época, mesmo possuidor de diversos direitos precisa aprender e agir perante a sociedade para ampliar sua cidadania. Mesmo nascendo com a possibilidade de ser cidadão, a pessoa precisa ir lutando contra os interesses do mercado financeiro para consegui-la, do contrário, a cidadania é posta à deriva (SANTOS, 2007).

Assim, é necessário sair do olhar econômico, que se move a partir do conceito de recursos, para um olhar amplo, onde o conceito de recursos seja trocado pelo conceito de valor. Criando-se, assim, um modelo cívico, com a pessoa no centro, a qual os outros modelos (econômico e político) se subordinem (SANTOS, 2007).

Santos (2007) é enfático ao dizer que o consumidor não é um cidadão, e muito menos o eleitor que termina sua participação no voto. Para ele, o cidadão é um ser multidimensional, que caminha politicamente e livremente na realidade em que vive e traça seu caminho coletivamente com outras pessoas. O cidadão aspira seus próprios sonhos e não aquilo que o mercado impõe. A partir desse olhar, se fosse possível existir uma pessoa sem sonho e sem autonomia, esta não seria uma cidadã.

Dito isto, optou-se por trabalhar o conceito de cidadania neste texto a partir de Santos (2007), para quem os seres humanos ampliam sua cidadania na medida em que ampliam seus direitos. É consenso para esta pesquisa que todo direito deve respeitar concomitantemente a coletividade e a individualidade e estar à serviço das pessoas, e não do poder econômico. Entretanto, percebe-se que aquilo que se entende direito é uma noção construída historicamente, e, para facilitar a leitura desta pesquisa, quando se fala de direitos das pessoas se está considerando os direitos sociais apresentados no art. 6º da Constituição da República Federativa do Brasil de 1988:

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição (BRASIL, 1988).

Sabe-se da mutabilidade dos direitos, entretanto, esta escolha mais palpável dos direitos sociais está longe de ser descartada, haja visto a tendência em diminuição dos direitos das pessoas no Brasil e no mundo. A confecção da lei em nada garante um direito e conseqüentemente a cidadania de ser atingida, é preciso um contínuo processo de busca destes escritos na lei e da ampliação deles. Santos (2007) faz referência à categoria jurídica da cidadania como um elemento estático, fixo, momentâneo, fruto de lutas pela ampliação da cidadania. Entretanto, destaca a necessidade de continuar a busca por mais cidadania e pela aplicação dessas leis.

Assim, a busca por ampliação dos direitos é intrínseca à existência humana. Do nascimento até a morte as pessoas devem lutar para terem suas cidadanias ampliadas. Não se nasce cidadão, mas se constrói cidadão na medida em que frente a sua existência a pessoa batalha pela ampliação dos seus direitos, sempre respeitando neste processo a coletividade.

E como o objetivo deste trabalho é olhar para a formação humana dos sujeitos participantes de movimentos sociais, retoma-se neste momento o conceito adotado de formação humana a partir de todos esses diálogos entre Suchodolski (2002), Freire (1996), Severino (1994, 2001, 2005, 2006, 2010), Santos (2007) e Gohn (2010a) antes de entrar no capítulo específico sobre movimentos sociais. Formação humana cidadã é entendida como uma formação para a cidadania, na medida em que possibilita a atuação dos sujeitos em construir algo diferente do que é apresentado. Significa que uma formação humana cidadã deve ir contra o poder hegemônico, que diz existir naturalmente dominados e dominadores, e, portanto, deve apresentar a possibilidade contra hegemônica da mudança. É esperançosa por essência, pois visualiza a possibilidade de transformação. Desta forma, neste trabalho, para avaliar a formação humana cidadã das pessoas, olha-se para a busca de ampliação dos seus direitos sociais e pela busca de participação nos rumos da sociedade.

Quando um grupo toma consciência de injustiças e caminha na luta contra elas, amplia, assim, sua formação humana e sua cidadania. Ambas estão entrelaçadas de tal forma que falar da formação do ser humano é também falar da sua ampliação da cidadania. Entendendo que os movimentos sociais são palco privilegiados de uma educação não formal e, com isso, de uma formação cidadã, como aponta Gohn (2010a), é importante dizer que, ao se estudar a formação humana nos movimentos sociais, está-se especificamente estudando a formação via processos de educação não formais.

Cabe colocar que uma formação cidadã também acontece¹⁸ nos espaços formais e informais de educação, entretanto, são nos espaços não formais que uma educação cidadã é centro das atenções na formação da pessoa. Quando se participa de um movimento social pela reforma agrária, se tem como objetivo central a luta pelo direito à terra. Assim, a luta e os mecanismos que são criados para buscar essa transformação são foco da formação das pessoas que participam dele. Ampliam, desta forma, sua formação humana cidadã na medida em que ampliam sua participação na sociedade e a conquista de seus direitos.

Ao se tentar resumir o que seria uma pessoa cidadã, poder-se-ia dizer que quanto mais participante das decisões da sociedade e quanto mais detentora de direitos, mais humana e cidadã será esta pessoa. O leitor desse conceito poderia trazer presente a possibilidade, então, da existência de pessoas não humanas. Não se trata disso, pois mesmo considerando que existem níveis de cidadania e de humanidade, ambas sempre coexistem com a sua negação. Assim, ao mesmo tempo que se ataca os direitos sociais das pessoas, surge nesse emaranhado de ataques lutas buscando mais direitos. Nunca se podendo conhecer alguém não humano, ou não cidadão. Afinal, como Freire (1987) aponta, o poder opressor ignora a possibilidade do ser humano em ser mais, mas não elimina essa possibilidade.

Como o interesse deste trabalho são movimentos sociais conectados na internet, algumas perguntas começam a surgir frente às colocações de Suchodolski (2002), Freire (1996), Severino (1994, 2001, 2005, 2006, 2010), Santos (2007) e Gohn (2010): Que tipo de formação os movimentos sociais conectados desenvolvem? Contribuem para uma formação humana cidadã? Visualizam uma possibilidade de futuro para a humanidade? O que buscam com sua atuação? Frente a estas indagações, no próximo capítulo se discute mais detalhadamente sobre o que seriam movimentos sociais conectados e quem seriam os participantes deles.

¹⁸ No texto não se fica retomando que uma formação humana cidadã também pode ocorrer nos espaços formais e informais, visto o foco do processo formativo ser o não formal. Entretanto, corrobora-se com a possibilidade de uma formação humana cidadã em todos os espaços (formal, informal e não formal).

3 MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE

O que mobiliza as pessoas? Quando esta mobilização passa a fazer parte de um movimento social? Quais seriam as características dos movimentos sociais historicamente? Com a contribuição de Castells (2013), Gohn (2010a, 2010b) e Scherer-Warren (1989), apresenta-se neste capítulo o conceito de movimento social que esta pesquisa utiliza, bem como uma reflexão sobre os movimentos sociais e a contemporaneidade.

3.1 MOVIMENTOS SOCIAIS CONECTADOS

Mobilizações sociais como as de junho de 2013 no Brasil, a primavera Árabe no Oriente Médio e no norte da África, os Indignados na Europa, o *Occupy Wall Street* nos EUA e, mais recentemente no Brasil, as marchas pelo *Impeachment* da presidenta Dilma e do presidente Michel Temer têm trazido à tona a temática das mobilizações sociais¹⁹ e, principalmente, a relação dessas com a internet. Em todos os exemplos apontados é possível perceber duas características marcantes: a maioria dos participantes são jovens e a internet teve papel fundamental nas mobilizações.

Mas seria a internet o motivador? Alguns autores discordam disso e apontam que o motivo das mobilizações são as críticas que as pessoas fazem à maneira como a sociedade tem sido conduzida. Deixam registradas e insistem, com as mobilizações, de que os rumos que a sociedade está seguindo não são adequados (CASTELLS, 2013; GOHN, 2010).

Uma das principais críticas dos movimentos sociais na atualidade é a ausência de uma verdadeira democracia nas instituições existentes. “O que esses movimentos sociais em rede estão propondo em sua prática é uma nova utopia no cerne da cultura da sociedade em rede: a utopia da

¹⁹ Não é foco desta pesquisa avaliar se estas mobilizações são consideradas movimentos sociais ou não, por esse motivo optou-se pelo termo “mobilização”. Entretanto, elas trazem para o debate mobilizações que apontam desejar mudanças na sociedade, e por este motivo, foram apontadas neste trabalho. Que mudanças seriam estas? São de fato movimentos sociais? São perguntas importantes e relevantes, mas que a pesquisa não irá aprofundar. Gohn (2010a) traz também que as categorias redes e mobilizações sociais não substituem a categoria movimento social, podendo atuar de forma conjunta, ou isoladamente, embora as redes e as mobilizações têm sido ambientes fortes de atuação dos movimentos sociais na atualidade.

autonomia do sujeito em relação às instituições da sociedade” (CASTELLS, 2013). Autonomia esta ligada diretamente ao que Freire (1996) aponta como caminho a ser percorrido de responsabilidade com a própria vida e com a vida dos outros.

Dentro da atual crise do capitalismo, com as grandes diferenças entre as condições de vida das pessoas no planeta, alcança-se o ápice da indignação social (CASTELLS, 2013). E, se as instituições falharam na solução das crises, a mudança só pode ocorrer fora delas.

Instituições estas fortalecidas, inclusive, com luta social. Na história dos movimentos sociais no Brasil, por exemplo, além da contribuição contra a ditadura militar, estes ajudaram na criação de políticas públicas, controladas pelo Estado. Ajudaram na criação de diversas instâncias governamentais, como os próprios conselhos de direito, entretanto, ficou centrada nos governos a responsabilidade de manterem estes espaços. Desta forma, distanciou-se as decisões destes espaços conquistados pela luta social da maior parte da população, dos que mais necessitam dessas políticas públicas. Isto e o atual processo de globalização centrado na economia tem dificultado a atuação dos movimentos sociais existentes na busca de intervenção nas ações governamentais (GOHN, 2010a, 2014).

Freire (1996) e Vieira Pinto (2005) apontam um elemento de análise para esta caminhada ao dizer que o opressor não irá voluntariamente ceder de seus privilégios em detrimento da população excluída, ao contrário, irá usar deste espaço de poder para continuar a dominação. Dito isto, pode-se apontar, que se os movimentos sociais representam os anseios da população empobrecida e desatendida nos seus direitos cabe a eles continuarem atuando na sociedade. Ao se desprenderem de sua função social de insistência na busca de transformação e permitindo que espaços institucionalizados exercem essa transformação, acabam permitindo que a dominação se perpetue.

Como bem lembra Freire (1987), todo ser humano nasce para ser livre, e, conseqüentemente, nasce para poder sonhar com mudanças em sua vida, seja pessoalmente, seja coletivamente. Não é livre quem segue os caminhos que outros traçaram. Assim com também não é livre quem deseja impor caminhos aos outros. As liberdades vão sendo traçadas na medida em que, coletivamente, respeitamos mutuamente as escolhas individuais e coletivas das pessoas. Entretanto, nesta lógica perversa em que as pessoas vivem, a uniformização e a orientação dos caminhos a partir apenas do ponto de vista de poucos tem sido dominante. Como o atual cenário mundial, governado e orientado pelo mercado financeiro,

pouco importando as opiniões dos milhões de habitantes da Terra atingidos pelas decisões tomadas.

Mas ao longo da história sempre foram presenciados grupos e pessoas que se colocam contra a uniformização da sociedade, buscando, assim, mudanças na sociedade e na vida das pessoas. Esta visão contribui para entender o surgimento dos movimentos sociais enquanto coletivos de pessoas que caminham para a liberdade, buscando assim um mundo em que os seres humanos possam ser mais do que simples peças de um jogo, no qual possam, assim, conduzirem os próprios caminhos, seja na esfera local ou global, interpessoal ou coletiva.

Os movimentos sociais surgem quando existe um descontentamento da sociedade com determinada injustiça, que torna incompatível a vivência da maior parte da população. Eles surgem quando as pessoas decidem enfrentar o medo causado pelo opressor. No início, o sentimento que motiva este enfrentamento é a raiva, mas que, com o tempo e insistência na luta por justiça, esta raiva se transforma em entusiasmo, em luta social (CASTELLS, 2013). Seria o que Freire (1996) chama de justa raiva, quando o oprimido, frente a uma injustiça, geralmente age de forma impulsiva. Com o tempo e a organização, esta justa raiva pode ir sendo organizada e estrategicamente usada para transformar a realidade.

Entretanto, os movimentos sociais não surgem apenas da crise ou da indignação, eles precisam de condições para o surgimento. Exige-se, assim, mobilização e esperança de uma possível sociedade diferente da colocada. Ninguém caminha ou luta por algo que não acredita ser possível (CASTELLS, 2013). Por isso, seja em qualquer época, aqueles que se mobilizam o fazem pois possuem esperança no novo, em um amanhã diferente. Quem ousaria lutar, sabendo que, usualmente, a luta é sempre contra um sistema violento, se não sonhasse com um mundo diferente? Quem ousaria enfrentar a violência simbólica e física das lutas sociais? Afinal, como são tratados aqueles e aquelas que lutam pelo direito à terra? Como são tratados aqueles e aquelas que ousam dizer que não aceitam mais serem tratados com desigualdade? Como são tratadas as mulheres que ousam dizer que os valores democracia e igualdade devem existir também nos lares, nos empregos, nas universidades? Quem ousaria questionar se não visualizasse uma outra maneira de ser das coisas? A esperança é caminho forte de toda e qualquer luta social.

E quando se trata daquilo que move os movimentos sociais, existe certa ressonância entre os autores Castells (2013) e Gohn (2010a), que referenciam o surgimento dos movimentos sociais, e os autores desta pesquisa que referenciaram o conceito de formação humana cidadã,

trazido no capítulo anterior. Ao apontarem a formação humana como busca pela cidadania, evitam o fatalismo em se aceitar a sociedade como ela está posta. Deixando evidente a necessidade em se defender a transformação da sociedade. Saindo-se de um momento histórico conduzido pelo consumo e por poucas pessoas, para uma sociedade centrada no ser humano e conduzida cada vez mais por um maior número de pessoas. Assim, uma formação humana cidadã está intimamente interligada à existência dos movimentos sociais, como ficará mais evidente a partir do conceito de movimento social que se traz adiante.

Uma formação humana cidadã permite claramente visualizar a utopia neste percurso. Assim, partindo da realidade e de um sonho de sociedade utópico, caminha-se nesta busca a partir de situações concretas. Os movimentos sociais surgem e atuam neste sentido. Dialogando com Gohn (2010a) e Scherer-Warren (1989), podemos ampliar o conceito de movimento social.

Os movimentos sociais são elementos fundamentais na sociedade moderna, agentes construtores de uma nova ordem social e não agentes de perturbação da ordem, como as antigas análises conservadoras escritas nos manuais antigos, ou como ainda são tratados na atualidade por políticos tradicionais (GOHN, 2010a, p. 65).

Uma ação grupal para a transformação (a práxis) voltada para a realização dos mesmos objetivos (o projeto), sob a orientação mais ou menos consciente de princípios valorativos comuns (a ideologia) e sob uma organização diretiva mais ou menos definida (a organização e sua direção) (SCHERER-WARREN, 1989, p. 20).

Um movimento social, por essência, busca lutar por valores que *a priori* considerem éticos, tentando, a partir de sua organização, lutar pelas demandas dos seus participantes e de outras as quais se sensibilizam. Possuem caráter transformador, pois agem a partir de uma necessidade de mudança da situação posta, e caminham na busca de concretizar um caminho diferente (CASTELLS, 2013; GOHN, 2010a, 2010b, 2014; SCHERER-WARREN, 1989). Ao requisitarem a partir de suas lutas a mudança, requisitam explicitamente direito a participar da condução das decisões. O simples fato de questionar alguma medida é sintoma desse desejo de participar. Obviamente, não ficam apenas com a crítica, bem

como constroem possibilidades a serem trilhadas. A exemplo disso, pode-se retomar a criação de tantos espaços democráticos na sociedade brasileira a partir da luta dos movimentos sociais. Este conceito apresentado tenta englobar os movimentos sociais em todas as épocas históricas. Mas quais seriam as características dos movimentos sociais contemporâneos?

A história do Brasil é acompanhada pela luta dos movimentos sociais, seja na luta pela própria democracia (durante a ditadura civil-militar) ou por direitos trabalhistas, seja pelo direito à terra e à moradia, ou pelo direito ao voto e à igualdade entre as pessoas. Em alguns momentos avançaram e em outros retrocederam. Nesta caminhada, depois da década de 1990, se transformaram em outras formas de organização, no qual o Estado, a partir de políticas públicas começou a possuir uma maior “obrigatoriedade” de intervenção na sociedade. Surge, desta forma, novos atores e atrizes em cena, como ONG’s e entidades do Terceiro Setor e como os conselhos de direitos, com a função de, em alguns casos, acompanhar a implementação das ações sociais governamentais (GOHN, 2010a, 2014).

Ao longo da história, os movimentos sociais sempre tiveram um fim e não se imagina ser diferente na sociedade contemporânea. Seja atingindo seus objetivos ou tornando-se espaços mais institucionalizados, governamentais ou da sociedade civil (ONG’s, partidos políticos), ou simplesmente desaparecendo sem muitas conclusões evidentes. Independentemente se o movimento social continua ou tem seu fim, devido sua existência, deixa na história sua luta por participação.

Mas enfim, quais seriam estas características dos movimentos sociais existentes no século XXI?

Na análise que faz dos movimentos sociais na contemporaneidade, Castells (2013) verificou que esses surgem geralmente a partir da internet, mas ultrapassam este espaço e requisitam os espaços urbanos, atuando, assim, em ambos. O que corrobora com a própria ideia de sociedade em rede apontada pelo autor. A lógica da rede permeia a vida das pessoas, em todos os espaços que atuam, conectados ou não (CASTELLS, 2005). Isto se confirma também no levantamento realizado para esta pesquisa, em que aponta-se, na introdução da dissertação, que todos os movimentos sociais estudados atuavam na internet e fora dela.

Afinal, se a rede é o espaço que pode possibilitar a horizontalidade, a democracia, é preciso buscá-la onde nem sempre as pessoas conseguem facilmente, como nos espaços institucionais e burocráticos estagnados da sociedade. Ocupar uma praça, uma rua, é simbolicamente dizer que não

basta o espaço que encontram na internet. Desejam que aquele lugar, físico, também seja espaço democrático, de busca de igualdade.

Estes movimentos sociais contemporâneos encontram na rede espaços de horizontalidade, de cooperação, de solidariedade. Locais onde lideranças que comandam, que ditam, possuem maior dificuldade de serem aceitas. Aprendem cada vez mais a se organizarem sem a necessidade de alguém que coordene todo o trabalho. Existe uma tendência nas mobilizações virtuais de não se aceitar posicionamentos hierárquicos. Evidentemente, existem pessoas que se destacam nas mobilizações e nos movimentos sociais na internet, entretanto, em geral, o fazem devido ao nível de comprometimento e entrega ao movimento e não por um poder vertical abertamente declarado pelos participantes, pois isto teria certa dificuldade de aceitação pelos seus participantes (CASTELLS, 2013). Entretanto, é preciso cuidado, como nos alerta Viera Pinto (2005), que por trás de toda técnica existem pessoas com intencionalidades, permitindo que também nesses espaços existam interesses de dominação.

É evidente que a internet e a comunicação sem fio estão presentes nos movimentos sociais atualmente, não sendo elas os motivadores das lutas. Entretanto, não se pode apenas colocar a internet como mera ferramenta, pois ela possibilita outras formas de organização, mais horizontais e igualitárias. Permite também outra forma de acesso à população e aos membros do próprio movimento social, sem intermediários diretos, como via TV, rádio, etc. (CASTELLS, 2013).

Com a globalização, Gohn (2010a) visualiza que o cenário se modificou no Brasil e no mundo para os movimentos sociais. Surgindo novos e continuando alguns, mas todos com uma atuação em rede. E aponta um outro detalhe, de que, antes, as ações dos movimentos sociais se davam geralmente de baixo para cima, a partir da mobilização das pessoas por organizações da sociedade civil. Esta característica permanece atualmente, entretanto, com as redes sociais virtuais, essa mobilização pode partir de uma pessoa específica na rede, que desencadeia toda uma organização podendo levar ao surgimento de um movimento social, ou de uma mobilização específica, como uma caminhada no bairro para exigir a reforma da estrada. Para Castells (2013), pode-se dizer que existe uma certa horizontalidade nesta atuação em rede. Afinal, não mais uma ação de determinado movimento social se dá por determinada liderança que convoca os participantes, mas um participante pode e consegue, por meio da rede, iniciar e, com a ajuda de outros, articular uma mobilização. Se a lógica da sociedade se modifica,

as estratégias de mobilização também se modificam. Altera-se, assim, a comunicação na contemporaneidade (GOHN, 2010a).

A partir das conquistas históricas apontadas dos movimentos sociais, na atualidade, percebe-se que eles estão mais autocentrados. Passaram da fase da busca da possibilidade de terem direitos, para a fase de conquistas relacionadas ao vínculo interpessoal. Como, de certa forma, os direitos já foram conquistados, seja concretamente ou legalmente, passa-se por um momento de discussões mais locais, mais próximas de questões relacionadas as próprias pessoas²⁰ (GOHN, 2010b).

Lembrando que mesmo que na sociedade existam diversas formas de lutas sociais, e que nem todas sejam movimentos sociais, sendo algumas inclusive frutos da luta de movimentos sociais no passado, essa existência permite maiores parcerias de diversos setores da sociedade. Assim, um movimento social como o Movimento Sem Terra (MST) pode possuir relações com setores governamentais²¹ e outras organizações da sociedade civil. Muda-se a forma de organização, pois as relações sociais também se transformaram (GOHN, 2010b).

Outro elemento importante, trazido por Castells (2013), são o fato de os movimentos sociais atualmente serem locais e globais.

Começam em contextos específicos, por motivos próprios, constituem suas próprias redes e constroem seu espaço público ao ocupar o espaço urbano e se conectar às redes da internet. Mas também são globais, pois estão conectados com o mundo inteiro, aprendem com outras experiências e, de fato, muitas vezes são estimulados por essas experiências a se envolver em sua própria mobilização (CASTELLS, 2013, p. 131).

O que reverbera nas características que Giddens (1991) aponta da modernidade, do global e local se interligarem de tal forma que não mais

²⁰ Interessante perceber que um dos apontamentos seria de as lutas mudarem com o passar dos anos para questões mais próximas das individualidades devido as conquistas amplas, como os direitos trabalhistas, constituição federal de 1988, diversos estatutos, etc. É entristecedor perceber que ao mesmo tempo que isto ocorre, mundialmente e no Brasil, se percebe justamente um ataque aos direitos conquistados. Não seria intencional, como que uma tentativa de evitar as pessoas de ampliarem ainda mais suas visões de mundo?

²¹ A exemplo disto pode-se apontar diversas parcerias do MST com universidades federais na oferta de cursos superiores específicos para integrantes do movimento.

se percebe esta separação. É o que Castells (2013) chama de hibridismo da sociedade. Então, não mais o olhar para um movimento social apenas se dá no contexto local em que atua. As relações de lutas internacionais interferem neste olhar local. Assim, cada vez é mais comum, por exemplo, que lutas de grupos feministas em determinado país desencadeiem outras lutas mundo afora e, não necessariamente, em outro movimento social feminista. Então, um sindicato, que a princípio não tinha como anseio a questão da igualdade de gênero, ao escutar essa luta de outros grupos, acaba por incorporar essa luta na sua vivência sindical.

Os movimentos sociais na contemporaneidade são classificados por Gohn (2010a, 2010b) em três tipos: identitários, de luta por trabalho/melhores condições de vida e globalizantes. Nesta pesquisa adota-se esta categorização:

Primeira: os movimentos identitários que lutam por direitos sociais, econômicos, políticos, e mais recentemente, culturais. São movimentos de segmentos sociais excluídos, usualmente pertencentes às camadas populares (mas não exclusivamente). [...]

Segunda: os movimentos de luta por melhores condições de vida e de trabalho, no urbano e no rural, que demandam acesso e condições para terra, moradia, alimentação, educação, saúde, transportes, lazer, emprego, salário etc.

Terceira: os movimentos globais, globalizantes, alterglobalizantes, ou transnacionais, tais como o Fórum Social Mundial. São lutas que atuam em redes sociopolíticas e culturais, via fóruns, plenárias, colegiados, conselhos etc. Estas lutas são também responsáveis pela articulação e globalização de muitos movimentos sociais locais, regionais, nacionais ou transnacionais. Na realidade, esta forma de movimento constitui a grande novidade deste novo milênio (GOHN, 2010a, p. 67).

Estas categorias serão utilizadas para enquadrar os grupos apontados no capítulo 5. Duas percepções são importantes de serem apresentadas neste levantamento, a primeira com base em Gohn (2010b, 2014), que aponta que existe uma presença marcante das mulheres nos movimentos sociais na sociedade, superior aos homens. Entretanto, elas geralmente são invisíveis neles, assim, pode-se diferenciar movimento de

mulheres de movimentos feministas. Os primeiros são espaços de luta onde as mulheres, mesmo sendo maioria, ficam invisibilizadas, o segundo são espaços onde as mulheres, além de serem as protagonistas nos espaços focam suas lutas na questão do feminismo²². Embora a luta dos movimentos feministas ataque aparentemente questões mais individuais, possuem como horizontes valores como a igualdade e a democracia como busca coletiva.

E a segunda percepção é de que, a partir do levantamento apresentado naquele capítulo, empiricamente percebeu-se que a maioria dos participantes dos grupos levantados eram jovens. O que corrobora com o que aponta Castells (2013), ao afirmar que a maioria dos participantes em lutas sociais que possuem a internet como veículo são participantes jovens²³ (CASTELLS, 2013).

Sabe-se que esses dois apontamentos possuem caráter, em certa forma, hipotéticos sobre os grupos levantados, baseados nas observações empíricas do pesquisador, mas sem comprovações estatísticas e numéricas. A insistência em fazer isso, neste momento da pesquisa²⁴, é devida a crença de possíveis diálogos a partir desses elementos a serem explorados por outros pesquisadores ou pelo autor deste trabalho, ou em futuras publicações na área.

Traço marcante nos movimentos sociais conectados é o fato de alguns começarem a se auto nominarem diferentemente do termo “movimento social”. É muito usual a palavra “coletivo” associado a grupos sociais que surgiram na contemporaneidade. Traz na nomenclatura, no termo, aquilo que Castells (2013) aponta como característica da rede na internet, o fato de não aceitarem mais um “chefe”, um que decida por todos. Não significa que todos os “coletivos”

²² Entende-se o feminismo como uma luta social das mulheres por igualdade de gênero. Feminismo é práxis na medida em que não pode apenas ficar no debate teórico, indo de encontro da transformação da sociedade com bases patriarcais em um novo mundo. Para compreender melhor o feminismo, sugere-se a leitura da filósofa Marcia Tiburi. Nas referências, adicionou-se, como uma possível sugestão de leitura, uma reportagem da autora.

²³ Para uma maior compreensão do conceito de juventude, sugere-se leitura de: GROPPPO, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre Sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000. Nele, Groppo (2000) define a juventude enquanto uma categoria social, construída socialmente pelo sujeito e pela sociedade na qual participa, tencionando um olhar mais dialético para o conceito de juventude, a ponto de afirmar existem diversas juventudes.

²⁴ Faltam poucos dias para a entrega da dissertação para ser avaliada pela banca de professoras, assim, impedindo a busca destes dados.

são movimentos sociais, mas dentre aqueles levantados na cidade de Criciúma, a maioria dos que são considerados movimentos sociais se autodenominam “coletivos”, como será demonstrado na análise dos dados levantados.

Antes de partir para o próximo capítulo, importa reforçar o caráter formativo dos movimentos sociais trazido por Gohn (2010a, 2010b). Independentemente de qual categoria se enquadre, todo movimento social possui um processo de educação não formal, sendo um local privilegiado deste tipo de formação. Assim, propiciam aos seus membros a possibilidade de aprenderem uns com os outros, ampliando suas cidadanias, formando, assim, pessoas para a vida em sociedade.

4 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E A CULTURA DIGITAL

Tem-se como objetivo central deste capítulo ampliar o olhar para o ambiente de existência dos movimentos sociais conectados. Onde eles atuam? Que características marcam este momento histórico? Que interesses estão em pauta? Que implicações esta sociedade traz para uma formação humana cidadã? Busca-se compreender que sociedade é esta na qual se evidenciam lutas sociais na/pela internet e suas redes sociais virtuais.

Para realizar este olhar, Giddens (1991) dialoga²⁵ com a sociedade em rede de Castells (2005) ao apresentar a ideia de que se vive uma fase da humanidade denominada por ele de “modernidade”, possuidora de algumas características próprias. Faz-se assim um diálogo entre dois autores críticos da sociedade contemporânea e nela se vai analisar os movimentos sociais e suas características.

Para ampliar a análise deste momento histórico vivenciado, serão trazidas as ideias do filósofo brasileiro Álvaro Vieira Pinto (2005), com sua conceituação de tecnologia enquanto construção humana e, como tal, presente em toda a história da humanidade. Visão também defendida por Freire (1987).

4.1 QUE SOCIEDADE É ESSA?

Supostamente, as pessoas vivem em uma sociedade que, com o passar do tempo, automaticamente vai evoluindo enquanto projeto humano. Acredita-se, assim, que, independentemente do caminho que se trilhe, existe cada vez mais evolução. Giddens (1991) aponta que esta visão da história como uma evolução impede de enxergar detalhes relevantes para entender o momento em que vivemos. Significa dizer que, para ele, a história não é contínua, mas possui continuidades e discontinuidades. Cabe então, dentro deste olhar, a possibilidade de questionar o caminho que a humanidade tem seguido e apontar falhas e acertos. No entanto, ao se perceber a história apenas com o olhar evolucionista, impede-se o questionamento dos seus caminhos. Perceber

²⁵ No ano de 1990, quando Giddens (1991) escreve “As Consequências da modernidade” a internet começa a sair de um uso apenas acadêmico/militar para um uso comercial. Existia, entretanto em um formato diferente do atual. Apenas em 1992 ela se tornou mais parecida com o formato que se tem hoje, com a criação, pela Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear, da *World Wide Web*.

este olhar evolucionista presente no cotidiano é necessário para se buscar verdadeiramente a construção de um mundo mais humano, quiçá uma sociedade cada vez mais justa. Não é possível aceitar o *continuum* desenvolvimento linear, que vai conduzindo a vida sem se posicionar frente às possíveis interferências deste universo com a vida coletiva da humanidade. Ou seja, não se pode acreditar que a atual sociedade desigual em que as pessoas vivem está dada. Se assim o fosse, a existência dos movimentos sociais não teria sentido, haja visto a existência destes no mundo tendo como foco a transformação da realidade existente.

Este momento histórico que se vivencia é apontado por Giddens (1991) como modernidade. A sociedade moderna possui algumas dimensões: o capitalismo, o industrialismo, a vigilância e o poder militar. Logo, ao invés de definir a sociedade atual como uma sociedade capitalista, percebe-se o capitalismo como parte da modernidade, em conjunto com as outras dimensões. A modernidade só pode se desenvolver a partir da criação do estado-nação que administra de certa forma estas dimensões. Sendo assim, as organizações políticas dos países, chamados de estados-nações, contribuíram para que atingíssemos o ápice da modernidade.

Ao desenvolver a concepção de modernidade, Giddens (1991) aponta que o capitalismo e sua lógica de acumulação de capital; o industrialismo e sua interferência na natureza; o poder militar que controla de certa forma os meios de violência existentes; e a vigilância enquanto dimensão que controla a informação e a vida social das pessoas, estão interligadas aos estados-nações. Assim, na modernidade, não mais se pode dizer que determinado país toma suas decisões a partir apenas de seus interesses particulares. É preciso dialogar com as quatro dimensões da modernidade para entender esta relação. Como exemplo, é possível perceber a força que as grandes empresas possuem na condução de seus países. Não se compreende a conjuntura olhando apenas para uma destas dimensões. É complexa a rede de poder mundial.

Na leitura feita de Santos (2007), não se é apresentado claramente esta disputa de forças entre os estados-nações com as suas dimensões. Entretanto, corrobora que existem interesses que ultrapassam os interesses dos países na condução de seus governos. Aponta que o mercado, o “deus” mercado, a partir da lógica do consumo, tem dado a direção nesta condução dos ditos estados-nações.

Nesta modernidade, a sociedade é pautada pela confiança nos sistemas abstratos e não em pessoas (GIDDENS, 1991). Estes sistemas abstratos são as técnicas/conhecimentos nos quais se deposita a confiança para a continuidade da vida. Quando, por exemplo, alguém constrói sua

casa, não tem, em geral, pleno conhecimento de todos os processos envolvidos na obra, mas confia que a equipe contratada possui determinado conhecimento. Confia-se, assim, em um sistema abstrato. Neste caso, com uma ligação mais direta com as pessoas envolvidas no processo. Ampliando este olhar para a humanidade, é possível dizer, por exemplo, que o próprio sistema econômico é um sistema abstrato. As pessoas seguem suas vidas confiando que a economia mundial vai continuar funcionando. Neste último exemplo, a relação de confiança é diretamente com o sistema abstrato, o que faz com que, na maioria das vezes, as pessoas responsáveis por esta “segurança” sejam ignoradas. Esta confiança é apontada por Giddens (1991) como necessária para a sociedade atual funcionar, afinal não existiriam condições humanas de se dominar todo conhecimento existente. É preciso, assim, para continuar a vida, a confiança em outras pessoas/técnicas para conduzirem determinadas atividades humanas. Entretanto, nesta lógica em que se confia nas técnicas que são postas, corre-se o risco de esquecer-se que elas foram construídas por outras pessoas, esquecendo-se assim da humanidade da técnica. Fica-se cada vez mais refém de conhecimentos e técnicas que pouco se entende.

Na modernidade, “ atitudes de confiança para com sistemas abstratos são, via de regra, rotineiramente incorporadas à continuidade das atividades cotidianas e são em grande parte reforçadas pelas circunstâncias intrínsecas do dia-a-dia.” (GIDDENS, 1991, p. 82). Quando se usa, por exemplo, uma rede social virtual, existe a confiança em vários conhecimentos e pessoas que a fazem funcionar, muito disso passa distante da percepção humana. Uma questão que surge a partir disso seria a postura a ser tomada frente a este olhar. Aceita-se passivamente este total desconhecimento dos sistemas abstratos ou se caminha na busca de cada vez mais ampliar a criticidade neles? Para Giddens (1991), é do interesse dos estados-nações que a modernidade continue funcionando, logo, continuar nesta lógica de confiança nos sistemas abstratos impede que a modernidade se transforme em algo novo. Atua-se, assim, com estratégias que dificultam a visualização plena da dominação existente de uma minoria para com a maioria pobre da população mundial.

Há, a partir da análise de Vieira Pinto (2005), a necessidade de um olhar crítico, por parte da sociedade, para os chamados sistemas abstratos apontados por Giddens (1991). Para Vieira Pinto (2005), isso faz parte da tentativa do poder hegemônico em se perpetuar. Para ele, em toda a história da humanidade, aqueles que em seu tempo possuem controle sobre os rumos da sociedade tentam resguardar o domínio sobre as técnicas existentes da época para perpetuar este controle. No caso da

modernidade, pode-se dizer que os estados-nações seriam este poder hegemônico. É importante lembrar que o estado-nação²⁶ está imerso em uma relação com as dimensões da modernidade (capitalismo, industrialismo, vigilância e poder militar), logo, está sujeito a interferências destas dimensões.

Santos (2007) é mais enfático, dizendo que o poder econômico domina. Talvez a humanidade viva em um acirramento dessa lógica, na qual os estados-nações têm perdido espaço, ou perderam completamente, para o capitalismo e sua lógica de consumo.

Para se sair de um pensar ingênuo para um pensar crítico, Vieira Pinto (2005) aponta como necessário entender esta relação de domínio pela técnica. Isso, para se poder sair desta tecnocracia, na qual se esquece, ou se faz esquecer, que toda técnica só existe em função de seres humanos que a construíram.

Este pensamento surge em uma sociedade pautada pela razão, em que os artefatos produzidos pelos humanos se tornaram tão complexos que impõem suas lógicas próprias às pessoas, determinando desde as decisões mais individuais até as mais coletivas. A técnica segue pautando, assim, a vida humana na contemporaneidade (PEIXOTO, 2015). Confere-se uma crença exagerada à ciência e à tecnologia, aceitando que elas definam os rumos que devemos tomar enquanto civilização. Somos educados a aceitar que não mais o humano é quem define os rumos da sociedade, mas a técnica.

Estes motivos levam a necessidade que Vieira Pinto (2005) apresenta de discutir uma ciência da técnica, intitulada por “tecnologia”. Ciência esta que olharia com criticidade para as técnicas, para as construções que os seres humanos realizam. Aprofundando-se, assim, cada vez mais em uma filosofia da técnica.

4.2 A DOMINAÇÃO COMO ELEMENTO HUMANO-HISTÓRICO

²⁶ Não é o foco deste texto apontar que países seriam esses. Reconhece-se que a complexidade deste levantamento deve levar em consideração diversos aspectos mundiais, inclusive a constante mudança que a sociedade contemporânea acaba por permitir dos centros de poder pelo globo. Se por exemplo em determinado período os EUA estavam tranquilamente na condução deste cenário, hoje percebe-se que é complexa a rede de influências e não mais ele é o único estado-nação que aponta como líder soberano.

Desde os primórdios até hoje em dia existe possibilidade da dominação por meio da técnica entre os seres humanos. O ser da técnica está posto para a existência humana assim como a existência humana está posta para a técnica. "Toda ação humana tem caráter técnico pela simples razão de ser humana" (VIEIRA PINTO, 2005, p. 239). As técnicas não surgem do nada, mas a partir de um processo histórico e próprio do homem, surgindo e interferindo nele. Por isso, existe a necessidade de enxergar para além das máquinas e inventos e alcançar os objetivos ocultos, ou não, da criação de cada artefato, de cada conhecimento.

Significa uma necessidade de um olhar crítico para as técnicas que desenvolvemos²⁷, tentando entender seu funcionamento e sua função nesta sociedade. Para isso, Vieira Pinto (2005) defende que existem diversas concepções de tecnologia. Uma seria, para ele, a adequada para a libertação do povo do pensamento ingênuo. As demais estariam à serviço da dominação. Nesta concepção libertadora, Vieira Pinto (2005) defende que a técnica não possui vida própria, mas é criação humana e, como tal, carrega com ela intencionalidades. Por este motivo, um olhar crítico para esta construção é necessário. Urge a necessidade de uma ciência da técnica, da tecnologia.

Técnica é o ato humano, a possibilidade desenvolvida para se construir algo. Enquanto que a tecnologia seria o estudo e a reflexão crítica sobre este ato. Logo, é necessário lançar um olhar crítico para a técnica, contribuindo, assim, para a ampliação da tecnologia. Qual a necessidade deste olhar crítico para a técnica? Enquanto se desconsiderar todas as intencionalidades presentes no desenvolvimento das técnicas, se fica prisioneiro dos ditos detentores deste conhecimento. Mesmo o ato técnico mais simples carrega intencionalidade.

É desejo dos dominadores da técnica que não sejam aprofundados os estudos sobre a técnica e que, conseqüentemente, não se desenvolva a tecnologia. Sendo assim, alguns países vão controlando o acesso a diversos conhecimentos, permitindo que se tenha contato, até certo ponto, de determinada técnica apenas dentro de limites que permitam a continuidade da dominação (VIEIRA PINTO, 2005).

Ao explorar este tema, Vieira Pinto (2005) aponta que mesmo com o controle dos dominadores, para que o sistema funcione é preciso dar acesso à informação, mesmo que aos poucos. Assim, por exemplo, quando determinado país é detentor do conhecimento para construção de

²⁷ Considera-se, assim como Vieira Pinto (2005), que toda técnica, por ser uma construção humana, pertence à humanidade e não exclusivamente a uma determinada pessoa ou grupo.

uma máquina, ao vendê-la para outro país, acaba dando possibilidade de, a partir da máquina, o país comprador se apropriar deste conhecimento e construir seu próprio caminho. Esta relação dialética de acesso e controle da técnica é necessária e presente na realidade, afinal, de que valeria saber construir determinado artefato se não forem comercializá-lo com os países explorados? Significa que com a dominação surge também a possibilidade da libertação. Assim também ocorre com os movimentos sociais. Na medida em que vão atuando na sociedade, a partir dos processos de educação não formal, vão ampliando os conhecimentos da própria organização da sociedade. Esta organização da sociedade também é uma técnica, também é uma construção humana. Assim, por viverem nesta sociedade, acabam tendo um acesso mínimo a sua lógica de funcionamento, e com a possibilidade de intervenção, na medida em que vão transformando a própria sociedade, vão se utilizando dos conhecimentos usados antes para oprimir, para agora reconstruir, levando em consideração suas pautas.

Ao trabalhar essas relações de força existentes na modernidade, Giddens (1991) aponta que os estados-nações seriam estas grandes potências mundiais que conduzem a vida da humanidade. Isso dá uma chave de leitura interessante para o domínio da técnica. Perceber que nem sempre é um determinado país que domina a técnica, pois os estados-nações estão atrelados a interesses do mercado financeiro, de grandes empresários e de outros grupos políticos. Assim, analisar quem são os dominadores de determinado conhecimento exige um olhar crítico para com ele. Exige o desenvolvimento da ciência da técnica, como aponta Vieira Pinto (2005).

Como já dito, Santos (2007) fala que o mercado é o elemento central neste domínio, e os Estados estariam à serviço dele. Quem está correto? Na análise deste trabalho considera-se que ambos, apenas Giddens não tinha evidenciado ainda o crescimento econômico tão forte como atualmente. Os estados-nações ainda existem e interferem, mas o mercado é elemento central nesta disputa de poder, dominando as relações de forças existentes entre as dimensões da modernidade.

Esta dominação sempre sofre mudanças para garantir sua continuidade. Nessa lógica, Vieira Pinto (2005) e Freire (1987) apontam que todo dominado assume sua derrota ao naturalizar a dominação. Aceita-se neste pensamento que a sociedade deveria ser como está posta. Assim, o único sonho possível dos dominados é ocupar o lugar dos dominadores. Nesta busca pela troca de lugar de poder, em vez de se trabalhar para a superação desta desigualdade, assume-se o papel de disputa pelo lugar do outro.

A consciência ingênua, conforme era de se esperar, continuará a proclamar ter de haver sempre povos dirigentes e dirigidos, nações superiores e inferiores, porque não sabe tirar outra conclusão da realidade visível do decurso da história interpretado pela razão formal (VIEIRA PINTO, 2005, p. 260).

Nesta sociedade de dominados e dominadores, coloca-se toda a responsabilidade dos rumos da humanidade na técnica. Isto vai ficando tão distante da nossa capacidade de entendimento que as pessoas acabam por aceitar. Deste modo, quanto maior o aperfeiçoamento tecnológico, mais difícil de compreender, para os não especialistas, a relação de dependência entre a maioria da população e as técnicas desenvolvidas com o controle dos estados-nações/mercado financeiro. Tem-se uma visão da máquina como que se fosse Deus, como alguém incompreensível na totalidade.

As pessoas olham para os caminhos que o Brasil toma, e pouco sabem dizer/sugerir outras possibilidades. Não entendem claramente as disputas políticas, as forças existentes, o que cada força representa, os conceitos de esquerda e direita, etc. Tudo isso leva a uma aceitação passiva daquilo que é oferecido. Afinal, que soluções a maioria da população daria, por exemplo, para a dívida financeira do Brasil? Conhecem a maneira como ela foi adquirida? Os movimentos sociais, ao vivenciarem lutas em diversos âmbitos, acabam conseguindo ampliar os conhecimentos dos espaços políticos na nação. Isto, com o tempo, dá a possibilidade de interferirem e repensarem o caminho político do Brasil. Assim, a partir dos processos de educação não formal, apontados por Gohn (2010a), vão ampliando suas capacidades de interferirem na sociedade e consequentemente ampliando a formação humana cidadã de seus participantes.

Quando as mulheres nos movimentos sociais feministas questionam a lógica atual da sociedade, que trata com desigualdade homens e mulheres nos mais diversos espaços, estão questionando e reconstruindo o conhecimento, a técnica, a partir do ponto de vista coletivo das mulheres participantes. Percebe-se, nesse exemplo de luta, uma tentativa de transformação mais individual, como destacado como característica dos movimentos sociais contemporâneos. Entretanto, esta luta local interfere globalmente, como apontado por Giddens (1991), alterando a forma como se visualiza as questões de gênero no mundo.

Freire (1987) aponta esta lógica de dominação existente entre as pessoas, levantando que todo ser humano nasce para a liberdade, para ser mais, na busca de viver em harmonia uns com os outros. Entretanto, opressores e oprimidos possuem medo desta liberdade. Para os opressores, o medo é o de perder a falsa liberdade de oprimir. Para os oprimidos, permanece o medo de assumi-la. Assim, em vez de buscarem a liberdade para todos e todas, fogem dela ao permanecerem enquanto oprimidos e opressores. É preciso mudar o pensar ingênuo, que tenta se adaptar às condições dadas, pelo pensar crítico, que se posiciona detentor da história e dos rumos da humanidade. É nesta transição para a criticidade que se busca um verdadeiro diálogo com as pessoas, onde se possa, coletivamente, traçar os rumos da humanidade (FREIRE, 1987). Não se trata de simplesmente enxergar as incoerências do mundo, mas sim de intervir a partir de um olhar crítico e na busca por incorporar todos e todas neste processo, ampliando assim a cidadania das pessoas.

Um dos erros intencionais por parte de quem controla a técnica é de colocar o desenvolvimento da técnica como direito de algumas poucas pessoas e países. Esquece-se toda a contribuição histórica e contemporânea da humanidade no seu desenvolvimento. Como se, ao desenvolver um novo *software*, por exemplo, se estaria usando apenas conhecimentos e informações desenvolvidas por aquela específica pessoa e nação. Como se, ao produzir um medicamento, não fosse importante a necessidade de toda população no seu uso. Vão assim dizendo que os caminhos estão dados e que nada se pode fazer a não ser os trilhar. Dominam naquilo que por direito é de toda a humanidade, a técnica, o conhecimento.

As pessoas vivem neste planeta, participam da vida da sociedade e possuem direito de intervirem nos seus rumos. Fazendo uma leitura da própria democracia que o país vive como uma técnica, a partir de Vieira Pinto (2005), pode-se dizer que ela é também uma construção humana. Nesta criação humana com diversas especificidades se prega que as pessoas conduzem os rumos da sociedade brasileira. Entretanto, sabe-se que os rumos trilhados beneficiam poucos. Para esse sistema abstrato, essa técnica, funcionar, é necessário que as pessoas minimamente participem, como através do voto. Com o tempo e insistência, pode-se ir percebendo o real funcionamento dela e recriá-la dentro de uma lógica que englobe um número maior de pessoas. Exemplificando, com o tempo, pode-se ir construindo mais espaços de decisão comunitária para que os representantes tenham menos poder e a população mais.

O interessante nesta análise é poder apontar os movimentos sociais como colaboradores do desenvolvimento da ciência da técnica, da

tecnologia. Afinal, ao questionarem a “democracia” existente, buscam entendê-la melhor para transformá-la. Importa, desta forma, ressaltar que não são apenas as máquinas que são consideradas técnicas. Toda construção humana o é. Assim, a condução de uma nação e do mundo é uma técnica, pois parte de um conhecimento desenvolvido por pessoas. A questão é: a quem beneficia a atual técnica²⁸ de condução das nações?

Se as pessoas são diretamente participantes das técnicas que a humanidade possui, logicamente, deveriam ter direito aos seus usos e, principalmente, ao acesso a este conhecimento. Aí está a chave da dominação, quando uma minoria mundial se apropria da técnica e usa disso para continuar em situação de privilégio financeiro e intelectual. Fazem acreditar que a técnica se auto conduz. Esquece-se, ou não se enxerga, que existem pessoas e interesses além de toda produção tecnológica.

Qual a intencionalidade deste distanciamento entre o conhecimento/técnica e os seres humanos? Giddens (1991) destaca que quanto mais se compreende os sistemas abstratos, quanto mais se aprofunda o conhecimento, conseqüentemente a confiança no sistema que está posto será diminuída, pois apareceriam as possíveis falhas deste e, principalmente, se entenderia que existem seres humanos que controlam estes sistemas. Vieira Pinto (2005) e Freire (1987) caminham em uma análise parecida quando discutem a ideologização da tecnologia²⁹. Apontam que na contemporaneidade os detentores da técnica acabam criando um ar de divindade para o conhecimento. Fazendo isso, acabam por colocá-lo em um pedestal distante do humano e, conseqüentemente, distante de ser compreendido e criticado. Assim, o acesso à técnica, ou melhor, o acesso a uma ciência da técnica, é intencionalmente limitado para que continuem o controle dos caminhos da nossa sociedade.

Surge neste contexto a necessidade de uma atuação de enfrentamento a este domínio imposto pelos poderes hegemônicos. Agindo-se, então, em uma perspectiva que Giddens (1991) chama de engajamento radical³⁰.

²⁸ A maneira como são conduzidas as ações governamentais, dos poderes executivos, legislativo e judiciário não partem do senso comum, mas de bases teóricas que, na maioria das vezes, estão quase que ocultas para a população.

²⁹ Aqui o termo ideologização está associada a uma falsificação da realidade, no caso, da tecnologia. Diferente do conceito de ideologia enquanto conjunto de ideias.

³⁰ Giddens (1991) aponta quatro possíveis atitudes de adaptação aos riscos globais: 1) Aceitação pragmática – onde mesmo sabendo dos riscos opta-se por

Aqueles que assumem uma postura de engajamento radical alegam que, embora estejamos cercados por graves problemas, podemos e devemos nos mobilizar para reduzir seu impacto ou para transcendê-los. Esta é uma perspectiva otimista, mas vinculada à ação contestatória ao invés de a uma fé na análise e discussão racional. Seu veículo principal é o movimento social (GIDDENS, 1991, p. 122).

Caminhar na direção da compreensão cada vez mais crítica dos sistemas abstratos leva a uma compreensão de sociedade em que o conhecimento é passível de mudança. Logo, é ter consciência de que nunca será possível prever os rumos da sociedade, mas que é possível interferir neles. Para debater estas constantes mudanças, Giddens (1991) traz o conceito de “reflexividade”, que levanta a característica de que, na modernidade, as pessoas vivem sob a condição do conhecimento sempre revisitado. Nada é uma verdade absoluta devido a constante reformulação que esta “verdade” sofre. Esta rotineira, e cada vez mais veloz, reconstrução dos conhecimentos que possuímos faz gerar uma incerteza do que virá pela frente. Como o próprio Giddens (1991) elenca:

A modernidade é constituída por e através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas a equação entre conhecimento e certeza revelou-se erroneamente interpretada. Estamos em grande parte num mundo que é inteiramente constituído através de conhecimento reflexivamente aplicado, mas onde, ao mesmo tempo, não podemos nunca estar seguros de que qualquer elemento dado deste conhecimento não será revisado (GIDDENS, 1991, p.40).

Logo, atuar de forma radicalmente engajada é estar consciente da reflexividade da modernidade e ir em busca de caminhos de menores riscos e na procura de uma nova forma de funcionamento desta sociedade.

continuar a vida. 2) Otimismo sustentado – acredita-se que a razão conseguirá resolver caso aconteça algum destes riscos. Ou por vezes acredita-se em intervenção divina. 3) Pessimismo cínico – ignora-se os acontecimentos e se tenciona um olhar humorístico para a realidade, afinal, para este olhar tudo vai dar errado, independente do caminho. 4) Engajamento radical.

Busca-se assim, mesmo sabendo da impossibilidade do pleno conhecimento, cada vez mais compreender os sistemas abstratos desenvolvidos. Vieira Pinto (2005), com a defesa da criação de uma ciência da técnica, corrobora nesta perspectiva de, enquanto sociedade, se ampliar cada vez mais o conhecimento das entrelinhas da técnica. E os movimentos sociais colaboram na medida em que ampliam a formação humana cidadã de seus participantes enquanto atuam na sociedade.

Entretanto, atuar radicalmente em uma sociedade globalizada, onde o local e o global estão entrelaçados, exige uma atuação ampla e focada ao mesmo tempo.

O local e o global, em outras palavras, tornaram-se inextricavelmente entrelaçados. Sentimentos de ligação íntima ou identificação com lugares ainda persistem. Mas eles mesmos estão desencaxados: não expressam apenas práticas e envolvimento localmente baseados, mas se encontram também salpicados de influências muito mais distantes (GIDDENS, 1991, p.98).

Nesta perspectiva, na modernidade, a luta por uma sociedade mais justa passa necessariamente não apenas por questões globais como transformações ecológicas e do sistema capitalista, mas também por questões locais, assim como não basta um olhar focado na diminuição da desigualdade social sem olhar também para a autorrealização das pessoas. Esta análise, se direcionada para os movimentos sociais na cultura digital, como na internet, no auge da modernidade, aponta para a possibilidade de que não basta um olhar apenas para a estrutura ampla da sociedade, é necessário um olhar focalizado nas pessoas também, o que corrobora com os apontamentos feitos por Castells (2013) e Gohn (2010b, 2014) sobre a tendência dos movimentos sociais na contemporaneidade dar atenção a questões mais íntimas do ser humano, mas sem abrir mão do olhar amplo. Para Giddens (1991), é impossível na modernidade esta separação.

Surge assim, nesta conjuntura, movimentos sociais com foco na autorrealização do ser humano, em questões do indivíduo, como a luta por igualdade entre mulheres e homens, e em questões mais amplas como a luta ecológica. Tudo isso não é algo aleatório, mas fruto das características da modernidade.

Entender neste contexto da modernidade a atuação destes movimentos sociais, que para Castells (2013), Gohn (2010a) e Scherer-Warren (1989) são um dos principais agentes de transformação da sociedade, é entender uma ampliação da ciência da técnica, da tecnologia.

Afinal, toda ampliação de criticidade no desmascaramento do domínio realizado a partir da técnica sobre as pessoas não amplia a tecnologia?

4.3 SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA EM REDE: CULTURA DIGITAL

Neste planeta, em que o local e o global se interconectam, surge uma sociedade que Castells (2005) denomina sociedade em rede. Para ele, não vivemos uma sociedade do conhecimento ou da informação, mas sim uma sociedade em rede com base microeletrônica. Todas as sociedades são do conhecimento e da informação. Assim, pode-se também dizer que todas as sociedades são técnicas. A sociedade em rede afeta toda a humanidade com sua lógica, entretanto, exclui uma grande parcela da população mundial que não está conectada (CASTELLS, 2005).

Usando o olhar de Giddens (1991), é possível dizer que a sociedade moderna apresenta mudanças em determinado local que se interconectam por todo o planeta, o que Castells (2005) chama de rede. Significa dizer que elementos básicos da modernidade estão no escopo das relações entre pessoas mundialmente. Logo, a própria rede, por exemplo a internet e suas ferramentas, coexistindo com a modernidade, fazem parte deste projeto, conectando o local e o global dialeticamente.

Na rede se vivencia cotidianamente a possibilidade de conexão e desconexão entre local e global. Para que isso aconteça existem, na modernidade, mecanismos de desençaixe e reencaixe. Giddens (1991) aponta que os mecanismos de desençaixe/reencaixe reorganizam as relações sociais através de grandes distâncias tempo-espaciais. Assim, não se pode analisar a atuação de movimentos sociais apenas em contextos amplos, é preciso também percebê-los em lutas nos contextos mais focalizados. Para tal ventura os mecanismos de desençaixe são essenciais, pois são eles que possibilitam esta desconexão/conexão local-global. “Por desençaixe me refiro ao "deslocamento" das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço” (GIDDENS, 1991, p. 24).

Trazendo o conceito de desençaixe de Giddens (1991) para a atualidade, a rede virtual pode ser vista como um destes elementos de desençaixe. Quando a internet é utilizada, as pessoas não mais sabem quem construiu tais ferramentas cotidianas que são utilizadas globalmente. Por isso é possível dizer que o desençaixe se dá na base da confiança. Este movimento sempre é dialético, afinal, ao mesmo tempo que afasta o local do global, desençaixando temporalmente e espacialmente, torna o global de certa forma local, ampliando as barreiras

tradicionalmente construídas de estados, cidades, vilas, bairros. Perceber este movimento dos contrários é visualizar também a rede virtual como ferramenta de reencaixe.

Quando Giddens (1991) reflete sobre a modernidade, a internet não tinha tomado os rumos que temos atualmente, acelerados por conta da reflexividade da modernidade. A sociedade em rede de Castells (2005) traz coerência com a concepção de modernidade apontada por Giddens (1991). Nela, o conhecimento é cada vez mais reelaborado, aquilo que é considerado como verdade pode, a qualquer instante, estar ultrapassado. Assim, a incerteza se amplia e cada vez mais se confia sem a compreensão dos mecanismos que conduzem a internet e a sociedade como um todo.

Esta sociedade em rede apontada por Castells (2005), fruto da modernidade trazida por Giddens (1991), onde a lógica de rede ultrapassa a internet e invade a vida das pessoas com espaços, no qual o pensar e agir em rede que está presente nos espaços *on-line*, passam a se fazer presente também nos espaços *off-line*, isto tudo convencionou-se chamar de cultura digital.

Importante nessa conjuntura, que os movimentos sociais, na contradição das teorias evolucionistas³¹ da humanidade, repensem suas atuações frente a esta realidade de maneira ética. É preciso clareza que eles, ao vivenciarem os espaços *on-line* ampliam as possibilidades de atuação, mas ampliam também as possibilidades de dominação. Tenha-se visto que toda técnica possui intencionalidade, a internet e as redes sociais, também possuem. Exemplo contemporâneo é o fato de existirem empresas especializadas em estudar a atuação dos sujeitos nas redes sociais virtuais para traçar um perfil de venda de produtos.

O cuidado com as forças hegemônicas deve estar sempre presente em todas as sociedades e, na contemporaneidade, significa entender como estas forças atuam frente à lógica da rede e a usam para continuar sua dominação. Exemplo marcante da rede é a internet, onde é preciso cuidado para não se cair no “conto do vigário”, demonizando ou endeusando esta técnica. É preciso olhar criticamente para este espaço em que também as forças hegemônicas do mercado atuam.

Mas não representa o mundo de liberdade entoada pelos profetas da ideologia libertária da Internet.

³¹ Como foi apresentado no início deste capítulo, Giddens (1991, p. 29) faz crítica a vários sociólogos que associam o desencaixe a uma lógica evolucionista, de especialização. Como se tudo que se é vivenciado na atual sociedade fosse mais evoluído que a anterior.

Ela é constituída simultaneamente por um sistema oligopolista de negócios multimédia, que controlam um cada vez mais inclusivo hipertexto, e pela explosão de redes horizontais de comunicação local/global. E, também, pela interação entre os dois sistemas, num padrão complexo de conexões e desconexões em diferentes contextos (CASTELLS, 2005, p. 24).

Mesmo as mobilizações nas redes da internet possuindo valores mais próximos à democracia, como apontadas por Castells (2005, 2013), nelas os sujeitos que não compreendem seu funcionamento estão mais predispostos a serem conduzidos, manipulados a partir de um espaço que se julga “neutro”. Também os dominadores das técnicas atuam neste espaço dito democrático, assim, o mercado, ao invés de se sentir ameaçado, se coloca inteligentemente, propiciando novamente uma falsa liberdade enquanto controla os caminhos através do domínio da técnica, do domínio de diversos conhecimentos relacionados à internet e à psique humana (DEMO, 2010). Captam, assim, para eles, o controle da rede e limitam a atuação libertadora dos movimentos sociais. A rede de internet pode ter um caráter de liberdade, entretanto, é sempre preciso lembrar que toda técnica é criação humana e, como tal, é construída com intenções. Assim,

Poderes soberanos se curvam, em última instância, ao software, porque este é que, usando formalizações precisas digitais, desenha o espaço possível de liberdade. Liberdade não é espaço qualquer, mas dentro de um campo dado (DEMO, 2010, p. 61).

Ignorar as forças do poder hegemônico frente a qualquer técnica produzida é justamente o que desejam os detentores de sua produção. Desta forma, naturaliza-se a exploração, buscando ao invés de combatê-la, perpetuá-la. Este caminho é perigoso e cheio de artimanhas que negam a essência do ser humano enquanto ser autônomo, como traz Freire (1996): “Quer dizer, mais do que um ser no mundo, o ser humano se tornou uma Presença no mundo, com o mundo e com os outros. Presença que, reconhecendo a outra presença como um ‘não-eu’ se reconhece como ‘si própria’” (FREIRE, 1996, p. 10).

Ampliar os conhecimentos frente à internet enquanto um sistema abstrato, enquanto uma técnica, propicia maior compreensão do domínio

presente através destes conhecimentos, destas construções humanas. Ter clara a intencionalidade do controle dos estados-nações/mercado para com a maior parte da população é essencial para atuar de forma crítica e ética na contemporaneidade.

Existe interesse dos grupos dominantes em manter no imaginário das pessoas a lógica atual de pouca interferência das pessoas na condução dos rumos da sociedade. Seja em uma visão mais ampla, como a política econômica de um país, seja mais íntima, como leis que garantam acesso igualitário entre homens e mulheres em diversos espaços. Assim, um movimento social, ao atuar nesse cenário, precisa ter consciência desta força “invisível” do consumo na condução do planeta. Presente também nas redes sociais e com possibilidade de alienação dos seus participantes.

Em uma época chamada de modernidade, na qual disputam com os estados-nações diversos interesses além da vontade e necessidade da maioria da população como aponta Giddens (1991), existe a necessidade de atuação dos movimentos sociais, focados por essência na transformação da sociedade, como traz Gohn (2010a, 2014), apontando assim, um caminho para a ampliação da filosofia da técnica trazida por Vieira Pinto (2005), e conseqüentemente ampliando a capacidade de interferência da população na sociedade moderna. Com tudo isso, concomitantemente se amplia a formação humana cidadã dos envolvidos nessa busca de mudança de uma realidade desigual para uma sociedade onde os valores coletivos e individuais consigam coexistir. Seria isso uma visão diferente da realidade apresentada pelo mercado? Sim. Para que qualquer sociedade se transforme, mude, é necessário a crença em um possível mundo diferente do atual. Neste momento, a partir das leituras e do diálogo deste trabalho, este seria um caminho para a ampliação da formação humana cidadã das pessoas.

5 METODOLOGIA E DIÁLOGO COM OS DADOS

Nesta parte do texto, utilizando-se principalmente do diálogo realizado nos capítulos iniciais, propõe-se um caminho metodológico para tentar responder aos questionamentos desta pesquisa. Inicialmente, apresentam-se as motivações e escolha dos grupos a serem investigados e, em seguida, é apresentada uma proposta de investigação de um destes grupos.

Dentre as várias estratégias de pesquisa nas ciências humanas, optou-se pelo estudo de caso. Visto ser considerado, segundo Yin (2005), como um método de investigação empírico capaz de analisar na contemporaneidade com profundidade um grupo específico, dentro do seu contexto real. Conseguindo assim, a partir da base teórica deste trabalho traçar diversas ferramentas de coletas de dados.

Nesta pesquisa de campo, que, segundo Trivinos (1995), possibilita a ida até o local de vivência do grupo e aprofundar o olhar para esta realidade, foram adotadas três fontes de dados: um grupo focal, que chamou-se de roda de conversa³² neste trabalho, um questionário para verificar as questões da roda de conversa com uma integrante e, por fim, a análise de conteúdo digital produzido pelo grupo, onde foi analisado a mídia social *Facebook* do grupo.

Pela imersão do pesquisador no diálogo com o grupo investigado e pela quantidade de mulheres que participaram desse diálogo no grupo focal (roda de conversa), optou-se por caminhar por uma pesquisa qualitativa, que para Yin (2005), possibilita maior liberdade de escolha das estratégias de coleta de dados, bem como daquilo que será enfoque do olhar do pesquisador.

5.1 PROTOCOLO DE ANÁLISE E GRUPOS ESCOLHIDOS

Na tentativa de buscar por movimentos sociais conectados e tentando fazer o recorte daqueles em que a maioria dos participantes é jovem, levantou-se alguns espaços virtuais de organização. A princípio, o olhar não foi de identificar aqueles que seriam ou não movimentos sociais, mas de levantar grupos/coletivos juvenis que, a partir da internet, ou com a ajuda dela, se organizavam.

³² Será utilizada como metodologia o grupo focal, entretanto, optou-se pelo uso do termo roda de conversa visto as características do que se busca no diálogo com o coletivo tais como igualdade de falas, autonomia do grupo no diálogo e o próprio posicionamentos das mulheres em roda para realizar a conversa.

Esta pesquisa inicial tenta dialogar com a definição de movimento social adotada por Castells (2013), Gohn (2010) e Scherer-Warren (1989). Entretanto, o primeiro olhar foi mais solto, menos criterioso, para apenas depois se fazer o recorte de quais desses seriam movimento sociais.

Como estratégia de pesquisa, inicialmente fez-se contatos informais com algumas pessoas de sindicatos e ONG's da cidade de Criciúma/SC e região, perguntando se eles conheciam grupos juvenis que lutavam por direitos através da internet ou com a ajuda dela na região de Criciúma. Após este primeiro levantamento pesquisou-se na mídia social *Facebook* por estes e outros grupos, a partir das seguintes palavras chaves: “coletivo” “criciúma”, “coletivos” “criciúma”, “movimento” “social” “criciúma”, “movimentos” “sociais” “criciúma”, “juventude” “luta” “criciúma”, “juventude” “grupo” “criciúma” “democracia”, “luta” “criciúma” “democracia”, “juventude” “democracia” “criciúma”. Todos os dados apontados na pesquisa informal e os grupos encontrados na pesquisa no *Facebook* são apresentados no quadro 1.

Quadro 1 – Grupos levantados

(continua)

	Páginas encontradas	Perfis Encontrados³³
Pesquisa informal ³⁴ : Sindicatos e ONG's	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coletivo Antonieta de Barros 2. Família ZL 3. PiK Nik Coletivo 4. Criciúma Invisível 5. Coletivo Alimento a mente 6. Sonore 7. The living Room Sessions 8. Coletivo Chega de Racismo 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coletivo Antonieta de Barros
Pesquisa na mídia social <i>Facebook</i>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coletivo Chega de Racismo Criciúma 2. Coletivo pela Democracia Criciúma 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coletivo Antonieta de Barros

³³ São perfis pessoais criados para determinado grupo utilizar.

³⁴ Todos os grupos levantados informalmente possuíam páginas na internet.

Quadro 1 – Grupos levantados

	Páginas encontradas	Perfis Encontrados
Pesquisa na mídia social <i>Facebook</i>	3. GPK Alimentação Coletiva 4. Coletivo Memória, Verdade e Justiça: João Batista Rita - Criciúma/SC 5. Juventude PSDB Criciúma	2. Cardappios Coletivo (Cardappios) 3. Hands Coletivo
Síntese (considerando páginas e pessoas)	1. Coletivo Alimente a mente 2. Coletivo Antonieta de Barros 3. Coletivo Chega de Racismo 4. Coletivo Memória, Verdade e Justiça: João Batista Rita - Criciúma/SC 5. Coletivo pela Democracia Criciúma 6. Criciúma Invisível 7. Família ZL 8. GPK Alimentação Coletiva 9. Juventude PSDB Criciúma 10. PiK Nik Coletivo 11. Sonore 12. The living Room Sessions 13. Cardappios Coletivo (Cardappios) 14. Hands Coletivo	

É importante relatar que a escolha de realizar este levantamento na mídia social *Facebook* se dá pela familiaridade do pesquisador com ela e pelo fato de todos os indicados informalmente a partir dos sindicatos e ONG's possuírem páginas nesta rede social.

Justifica-se também a busca por uma mídia social, neste caso o *Facebook*, porque esta pesquisa caminha na busca do diálogo entre os espaços virtuais e reais (*on-line* e *off-line*). E segundo Castells (2013), os sites com redes sociais virtuais possuem grande importância na vida e organização dos movimentos sociais conectados, sendo espaço propício para o diálogo que se deseja realizar.

A atividade mais importante da internet hoje se dá por meio dos sites de rede social (SNS, de Social Networking Sites), e estes se tornam plataformas

para todos os tipos de atividade, não apenas para amizades ou bate-papos pessoais, mas para marketing, e-commerce, educação, criatividade cultural, distribuição de mídia e entretenimento, aplicações de saúde e, sim, ativismo sociopolítico (CASTELLS, 2013, p. 136).

Com isso, pretende-se usar como uma das ferramentas de análise justamente o site da mídia social *Facebook*³⁵.

Desta busca, algumas percepções iniciais podem ser apresentadas. Primeiro, não foi difícil realizar o levantamento, principalmente porque a maioria dos grupos está conectada entre si e se conhece. Outro fator, já apontado, é que todos os grupos possuem como espaço prioritário de comunicação na internet as mídias sociais, especificamente o *Facebook*, característica da cultura digital. Pouco se encontra de informações destes grupos fora desses canais e a maioria não possui uma página específica a não ser a página do próprio site das mídias sociais.

Realizado este levantamento dos grupos, a partir das três categorias apontadas por Gohn (2010a, 2010b) para os movimentos sociais, buscou-se identificar os grupos pesquisados dentro destas categorias revisitadas no quadro 2, logo abaixo. A lembrar, as três categorias apresentadas são:

Primeira: os movimentos identitários que lutam por direitos sociais, econômicos, políticos, e mais recentemente, culturais. São movimentos de segmentos sociais excluídos, usualmente pertencentes às camadas populares (mas não exclusivamente). [...]

Segunda: os movimentos de luta por melhores condições de vida e de trabalho, no urbano e no rural, que demandam acesso e condições para terra, moradia, alimentação, educação, saúde, transportes, lazer, emprego, salário etc.

Terceira: os movimentos globais, globalizantes, alterglobalizantes, ou transnacionais, tais como o Fórum Social Mundial. São lutas que atuam em redes sociopolíticas e culturais, via fóruns, plenárias, colegiados, conselhos etc. Estas lutas são também responsáveis pela articulação e globalização de muitos movimentos sociais locais, regionais, nacionais ou transnacionais. Na

³⁵ <<http://pt-br.facebook.com/>>. Acesso em 04 set. 2017.

realidade, esta forma de movimento constitui a grande novidade deste novo milênio (GOHN, 2010a, p. 67).

Antes deste olhar para os grupos seria importante retomar o conceito de movimentos sociais utilizado para avaliar se os grupos seriam de fato movimentos sociais. Um movimento social a partir de Castells (2013); Gohn (2010a); Scherer-Warren (1989), atua na sociedade como elemento transformador desta. Sendo elemento essencial na história para construir uma ordem diferente da colocada pelo sistema dominante. Atuam, assim, a partir das lutas levantadas por seus integrantes, na busca do direito à participação nos rumos da sociedade, propiciando nesta luta ampliar a formação humana cidadã de seus membros.

Quadro 2 – Grupos pesquisados nas categorias de Gohn (2010a, 2010b)

(continua)

	Categorias	Grupos	Perfil
Movimentos sociais	Movimentos identitários	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coletivo Antonieta de Barros 2. Família ZL 3. Coletivo Chega de Racismo 4. Coletivo Amplifica³⁶ 	<ol style="list-style-type: none"> 1. "Coletivo de mulheres idealizado por estudantes da Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC a fim de disseminar o feminismo na academia e na região sul."³⁷ Este coletivo é recente e tem demonstrado cada vez mais organização, realizando formação entre suas participantes e intervenções de rua. Como objetivo central buscam uma transformação da sociedade, principalmente nas questões de gênero. Por este motivo, entendemos o Coletivo Antonieta de Barros como um movimento social. Pelo fato de priorizar as questões de gênero, com foco no feminismo, foi classificado nesta categoria. 2. "Somos: A juventude invisível e desacreditada das periferias do Brasil. Sonhadores que acreditam num mundo sem armas, sem escravos do vício, dinheiro ou uns dos outros. Sonhamos com um lugar onde nenhuma criança passa fome, e onde os adultos carregam sentimentos e não objetos, nem conceitos e sim sonhos. Onde Deus está no coração de forma simples longe das estatuas e impérios, nossa poesia é o que somos, um pouco do que vivemos e o que queremos viver, caminhamos nesta verdade. Por todas as periferias do Brasil, contra a opressão e as injustiças do governo!"³⁸ A partir do Hip-hop (o que o classifica

³⁶ O Coletivo Amplifica não aparece no primeiro levantamento de dados. Sendo adicionado posteriormente, conforme será explicitado no texto da dissertação.

³⁷ <https://www.facebook.com/pg/coletivoantonietta/about/?ref=page_internal/>. Acesso em 30 ago. 2017.

³⁸ <<https://www.facebook.com/familiazl/>>. Acesso em 30 ago. 2017.

Quadro 2 – Grupos pesquisados nas categorias de Gohn (2010a, 2010b)

(continua)

	Categorias	Grupos	Perfil
Movimentos sociais	Movimentos identitários	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coletivo Antonieta de Barros 2. Família ZL 3. Coletivo Chega de Racismo 4. Coletivo Amplifica 	<p>enquanto um movimento identitário), a família ZL tenta atuar na realidade em sua volta. Tem tencionado sua atuação mais fortemente na música a partir do Rap.</p> <p>3. “O Coletivo Chega de Racismo Criciúma, nasceu em 2013 fruto da necessidade de organizar os negros e negras desta região para lutar contra o fim do direito as Cotas Raciais no Concurso público de Criciúma. Esse objetivo fortaleceu um grupo de pessoas que se conheciam somente pelas redes sociais e se propuseram a atuar na realidade. O primeiro desafio foi traçar os princípios da nova entidade que surgia, pois estes seriam capazes de proteger seus integrantes dos assédios advindos do processo de cooptação naturalizado nos movimentos sociais das últimas décadas.”³⁹ A luta deste coletivo é pelo fim do racismo, por este motivo se enxerga nesta categoria. Além disso, atuam, sonham e buscam pela transformação da sociedade, próprio de um movimento social. A maioria dos dos participantes possui idade além do posto pelo Estatuto da Juventude⁴⁰ (2013), por este motivo, mesmo entendendo o Coletivo Chega de Racismo como um movimento social, não será nosso objeto de estudo.</p>

³⁹ <<https://www.facebook.com/colechegaderas/>>. Acesso em 04 set. 2017.

⁴⁰ De acordo com BRASIL (2013) “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”.

Quadro 2 – Grupos pesquisados nas categorias de Gohn (2010a, 2010b)

(continua)

	Categorias	Grupos	Perfil
Movimentos sociais	Movimentos identitários	<ol style="list-style-type: none"> 1. Coletivo Antonieta de Barros 2. Família ZL 3. Coletivo Chega de Racismo 4. Coletivo Amplifica 	<p>4. “O projeto tem como essência unificar a parcela estudantil feminina através de encontros semanais para discutir temas importantes sobre ser mulher e dividir experiências. Por meio dessas conversações será mais fácil de identificar problemas na faculdade e propor soluções que sejam conscientes de ambos os sexos, visto que a voz feminina, hoje, é menos ouvida. Os encontros ocorrerão semanalmente, no intervalo das aulas, onde debateremos sobre o assédio no dia a dia em uma instituição de ensino, o feminismo negro e branco, as lutas das mulheres dentro da faculdade, e suas representações.”⁴¹ Assim como o Coletivo Antonieta de Barros, o Coletivo Amplifica é um grupo de mulheres organizadas dentro de um ambiente universitário que busca discutir e interferir nas questões voltadas a luta feminista.</p>
	Movimentos de luta por melhores condições de vida e de trabalho	Nenhum grupo.	<p>Dentro da busca realizada com o foco juvenil nenhum grupo foi encontrado. Não é objetivo central desta pesquisa, entretanto, uma possível discussão seria: Qual o motivo da inexistência ou invisibilidade de movimentos sociais nesta categoria? Seria apenas o olhar do pesquisador que interferiu nesta inexistência a priori?</p>

⁴¹ <<https://www.facebook.com/coletivoamplifica/>> Acesso em 04 nov. 2018.

Quadro 2 – Grupos pesquisados nas categorias de Gohn (2010a, 2010b)

(continua)

	Categorias	Grupos	Perfil
Movimentos sociais	Movimentos globais, globalizantes, alterglobalizantes	1. Coletivo pela Democracia Criciúma ⁴²	A maioria dos participantes possui idade além do posto pelo Estatuto da Juventude (2013), por este motivo, mesmo entendendo o Coletivo pela Democracia Criciúma como um movimento social, não será objeto de estudo.
Não se considerou movimentos sociais	Outros	1. PiKNik Coletivo ⁴³ 2. Criciúma Invisível ⁴⁴ 3. Coletivo Alimente a mente ⁴⁵ 4. Sonore ⁴⁶ 5. The living Room Sessions ⁴⁷	Em todos estes grupos, encontram-se fortes traços de assistencialismo, não necessariamente com uma discussão e desejo concreto de transformar a realidade. O único que possui esta característica mais forte de transformação e se organiza para buscá-la é o “Coletivo Memória, Verdade e Justiça: João Batista Rita - Criciúma/SC”, entretanto trata-se de um espaço institucional, logo, não foi considerado um movimento social. Alguns, na verdade, não são grupos, como o Criciúma Invisível, organizado por apenas uma pessoa, eventualmente com a ajuda de outras.

⁴² <<https://www.facebook.com/cdemocri/>>. Acesso em 04 set. 2017.

⁴³ <<https://www.facebook.com/piknikcoletivo/>>. Acesso em 30 ago. 2017.

⁴⁴ <<https://www.facebook.com/criciumainvisivel/>>. Acesso em 30 ago. 2017.

⁴⁵ <<https://www.facebook.com/ColetivoAlimenteamente/>>. Acesso em 30 ago. 2017.

⁴⁶ <<https://www.facebook.com/sonore.me/>>. Acesso em 30 ago. 2017.

⁴⁷ <<https://www.facebook.com/TheLivingRoomSessions/>>. Acesso em 30 ago. 2017.

Quadro 2 – Grupos pesquisados nas categorias de Gohn (2010a, 2010b)

	Categorias	Grupos	Perfil
Não se considerou movimentos sociais	Outros	<p>6. Coletivo Memória, Verdade e Justiça: João Batista Rita - Criciúma/SC⁴⁸</p> <p>7. GPK Alimentação Coletiva⁴⁹</p> <p>8. Juventude PSDB Criciúma</p> <p>9. Cardappios Coletivo (Cardappios)⁵⁰ Hands Coletivo⁵¹</p>	<p>Alguns são grupos comerciais, com propostas de venda de mercadoria, um trata-se de um grupo partidário e aqueles que defendem transformações culturais apresentam elementos fortes da lógica de mercado, em alguns momentos chegando a confundir se são empresas ou “coletivos”. É uma última característica marcante dos grupos levantados mais ligados à cultura é o fato de possuírem características mais próximas a um evento, ou seja, se reúnem com o objetivo de realizar determinada ação cultural, entretanto, não discutem uma atuação para além disso, buscando uma transformação da sociedade.</p>

⁴⁸ < <https://www.facebook.com/Coletivo-Mem%C3%B3ria-Verdade-e-Justi%C3%A7a-Jo%C3%A3o-Batista-Rita-Crici%C3%B3ma-SC-553468034744000/>> Acesso em 04 set. 2017.

⁴⁹ <<https://www.facebook.com/GPK-Alimenta%C3%A7%C3%A3o-Coletiva-936510086373579/>>. Acesso em 04 set. 2017.

⁵⁰ <<https://www.facebook.com/cardappios.coletivo>>. Acesso em 04 set. 2017.

⁵¹ <<https://www.facebook.com/profile.php?id=100013332074232>>. Acesso em 04 set. 2017.

A partir da visualização dos grupos encontrados nas categorias de movimento social apontadas por Gohn (2010a, 2010b) e de uma análise mais detalhada, pode-se perceber que na cidade de Criciúma existiam apenas dois movimentos sociais, entre os encontrados pelo pesquisador, que se encaixam no perfil juvenil desejado para esta pesquisa na cultura digital: o Coletivo Antonieta de Barros e a Família ZL. Optou-se por realizar a pesquisa em apenas um desses e, pelo critério já apontado na introdução deste trabalho, de as feministas terem tido papel relevante no desencadeamento desta pesquisa, o grupo investigado seria o Coletivo Antonieta de Barros.

Percebe-se que, no quadro 2, onde se apontam os grupos pesquisados a partir das três categorias de movimentos sociais, que apareceu o Coletivo Amplifica. Como a pesquisa é dinâmica, aconteceram alguns fatos que levaram a uma mudança de movimento social a ser pesquisado e por esse motivo este grupo foi adicionado posteriormente. Tenta-se a seguir clarear esses acontecimentos.

Durante o processo de pesquisa, quando se decidiu pelo Coletivo Antonieta de Barros, fez-se contato inicial para verificar a disponibilidade do grupo em participar. A princípio houve confirmação dessa disponibilidade. Entretanto, como existiu um período grande entre este primeiro contato e a ida até o grupo, cerca de cinco meses, quando se retomou o diálogo o grupo não mais estava articulado. Dito isto, o pesquisador deste trabalho, estava navegando no *Instagram*⁵², e por acaso, descobriu que existia um coletivo feminista novo na cidade de Criciúma. A partir daí iniciou-se um diálogo com este coletivo, que prontamente aceitou participar do processo de pesquisa.

5.2 ENFIM, QUAIS OS PASSOS PARA RESPONDER A ESTA PESQUISA?

Reescrevendo a pergunta que desencadeou esta pesquisa, permite-se olhar para os próximos passos com maior cuidado: “Em que sentido a atuação dos sujeitos nos movimentos sociais na cultura digital contribui com uma formação humana cidadã?”

Para responder à pergunta, além da necessidade de se compreender os movimentos sociais e conceituar formação humana cidadã, é preciso buscar perceber no Coletivo Amplifica que tipo de formação humana cidadã ele propicia para as suas participantes. Não estagnando neste aspecto, é preciso entender como se dá a interferência da mídia social

⁵² Outra mídia social.

Facebook no desenvolvimento desta formação humana. Interfere? Acredita-se que sim, mas é desejo da pesquisa entender melhor como e até onde se dá esta interferência. Que tipo de formação humana é estimulada por estarem conectadas na internet? Inicialmente com estes objetivos formulou-se abaixo dois quadros com perguntas e observações a serem analisadas em dois espaços: Roda de conversa com as mulheres do coletivo e na página do *Facebook* delas.

A aproximação com o coletivo foi feita a partir de uma integrante que faz parte de uma espécie de coordenação do grupo. Agendou-se a roda de conversa e o convite claramente foi feito para todas as membras. Entretanto, no dia, apenas três⁵³ das seis mulheres da coordenação se fizeram presente. A partir disso, decidiu-se aplicar um questionário com as mesmas perguntas usadas no grupo focal para ampliar a pesquisa. Dito isto, ter-se-á três instrumentos de análise, já apontados no início deste capítulo: a roda de conversa com o coletivo, o questionário enviado para as outras mulheres da coordenação e a página da rede social do coletivo no *Facebook*.

No diálogo da roda de conversa com a coordenação do grupo, percebeu-se que a condução do Amplifica partia principalmente deste grupo menor. Desta forma, como o intuito é avaliar a formação humana cidadã nos movimentos sociais, e tendo em vista as características que Gohn (2010a, 2010b, 2014) traz da autonomia presente na condução desses movimentos, optou-se por não ampliar o debate para todas as integrantes, focando a análise apenas na coordenação. Outro detalhe é que o grande grupo não é fixo, são mulheres que participam eventualmente, e, talvez, não representem todo o projeto do coletivo.

Um fato importante neste contato inicial com as representantes do grupo é que na mesma semana em que se retomou o contato com elas, para agendar a data da roda de conversa, elas participavam de um evento na faculdade que estudam. Neste evento, ao estarem apresentando os trabalhos do coletivo, sofreram ataques de grupos conservadores, ligados ao MBL (Movimento Brasil Livre), presentes na própria instituição. Isto as levou a solicitarem, antes do agendamento, vários esclarecimentos sobre a pesquisa. Após responder todas as perguntas⁵⁴, foi possível marcar a data da roda de conversa.

⁵³ Ao final da roda de conversa, mais uma integrante da coordenação e uma integrante do grande grupo apareceram, entretanto pouco participaram do diálogo.

⁵⁴ Importante trazer que as mulheres do coletivo, ao mesmo tempo que solicitavam esclarecimentos, dialogaram com uma amiga do pesquisador que atua

Retoma-se agora os instrumentos utilizados na coleta de dados no quadro 3 e 4. Ressalta lembrar que o questionário enviado posteriormente à realização da roda de conversa possui as mesmas perguntas orientadoras da roda de conversa, bem como as imagens anexadas ao material usado na roda de conversa⁵⁵. Este foi respondido por apenas uma mulher, totalizando o alcance dos instrumentos de coleta de dados para quatro mulheres, do total de seis da coordenação do Coletivo Amplifica. Cabe lembrar que toda a roda de conversa foi gravada e transcrita, adaptando-se com a retirada de alguns vícios de linguagem indiferentes para a análise. Para preservar a imagem das participantes, optou-se pelo uso de nomes fictícios de mulheres que são referências na luta do movimento feminista.

Quadro 3 – Perguntas orientadoras da pesquisa de campo: Roda de conversa

(continua)

OBJETIVOS DE CADA PERGUNTA	QUESTÕES ORIENTADORAS DA CONVERSA/PESQUISA
1. “RODA DE CONVERSA” COM O COLETIVO	
<ul style="list-style-type: none"> • Explorar no momento da apresentação das membras a possibilidade de conhecer os motivos de entrarem/fundarem o coletivo. (Pergunta individual) 	O que motivou você a participar do coletivo?
<ul style="list-style-type: none"> • Explorar elementos que não sejam direcionados por perguntas específicas. 	Qual a história do Coletivo Amplifica?
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender se houve mudanças da criação até o momento na busca da ampliação da formação humana na perspectiva de ampliação da cidadania. 	O que vocês desejam enquanto coletivo? Vocês continuam com o/s mesmo/s objetivo/s?

na mesma instituição que elas estudam. Esse diálogo ajudou que o coletivo conhecesse melhor a pessoa que estava fazendo contato e deu-lhes tranquilidade para aceitarem a proposta.

⁵⁵ Nos apêndices pode-se perceber essa estrutura. No dia da roda de conversa, na medida em que se ia realizando as perguntas, colocava-se ao centro da mesa folhas impressas com as perguntas e imagens do próprio coletivo.

Quadro 3 – Perguntas orientadoras da pesquisa de campo: Roda de conversa

(continua)

OBJETIVOS DE CADA PERGUNTA	QUESTÕES ORIENTADORAS DA CONVERSA/PESQUISA
<ul style="list-style-type: none"> Compreender se houve mudanças da criação até o momento na busca da ampliação da formação humana na perspectiva de ampliação da cidadania. 	<p>Quais eram as ações do coletivo no início? E quais são as ações atualmente?</p>
<ul style="list-style-type: none"> Verificar se a horizontalidade trazida por Castells (2013) como um elemento dos movimentos sociais contemporâneos realmente existe. 	<p>Como vocês se organizam?⁵⁶ Há alguma liderança? Como ela ocorre? Existem espaços de decisão?</p>
<ul style="list-style-type: none"> Avaliar a contribuição da participação no coletivo para a formação humana a partir da ampliação da cidadania das membras. 	<p>O que mudou na vida de vocês após a participação no coletivo?</p>
<ul style="list-style-type: none"> Perceber a transformação que o coletivo proporciona ao seu redor. 	<p>Vocês conseguem perceber mudanças onde há ações que o coletivo realiza?</p>
<ul style="list-style-type: none"> Avaliar a contribuição da participação do espaço virtual para a formação humana. Perceber se elementos que Castells (2013) traz realmente interferem no coletivo e se existem outros. 	<p>Qual o papel da internet e das redes sociais virtuais para o coletivo? Quem cuida das redes sociais do coletivo? Desde que vocês começaram a utilizar o Facebook quais foram as mudanças que perceberam no coletivo?</p>
<ul style="list-style-type: none"> Verificar se existe uma preocupação em se capacitarem. 	<p>Quais possibilidades de formação o coletivo oferece?</p>
<ul style="list-style-type: none"> Perceber que tipo de projeto de futuro visualizam. Seriam projetos que ampliam a formação humana? 	<p>Quais os próximos passos?</p>

⁵⁶ A maneira como se organizam diz muito daquilo que defendem, daquilo que acreditam enquanto projeto de humanidade.

Quadro 3 – Perguntas orientadoras da pesquisa de campo: Roda de conversa

OBJETIVOS DE CADA PERGUNTA	QUESTÕES ORIENTADORAS DA CONVERSA/PESQUISA
<ul style="list-style-type: none"> Avaliar se o coletivo possui um diálogo entre os direitos das mulheres e sua relação com os direitos sociais apontados na constituição de 1988. 	<p>Vocês relacionam a luta social feminista com os direitos sociais (“educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, assistência aos desamparados”) que constam na constituição federal?</p>

Quadro 4 – Perguntas orientadoras da pesquisa de campo: *Mídias sociais*

QUESTÕES ORIENTADORAS DA PESQUISA
2. ANÁLISE DO SITE DA MÍDIA SOCIAL DO GRUPO: <i>FACEBOOK</i>
Questões mais subjetivas:
<ul style="list-style-type: none"> Existe uma relação entre o local e global? Existe características dos movimentos sociais contemporâneos no coletivo na rede? Existe uma proposta de formação humana nas postagens? Buscam a ampliação da cidadania? As postagens corroboram com os dados da roda de conversa e do questionário?
Questões mais práticas
<ul style="list-style-type: none"> Qual a regularidade das postagens? Quais os dados das integrantes?⁵⁷

⁵⁷ Na entrevista foram anotados: nome, e-mail, telefone, mês de ingresso no coletivo e se participam de outra organização de luta.

6 ESCUTA E DIÁLOGO: NA BUSCA DA FORMAÇÃO HUMANA CIDADÃ

Todo o diálogo realizado neste capítulo parte dos dados de pesquisa levantados e da base teórica utilizada. Importante relembrar que na pesquisa de campo foram utilizados a roda de conversa, o questionário com o mesmo teor da roda de conversa e a análise de conteúdo da mídia social *Facebook* do coletivo, em que se analisou as postagens de sua criação no dia 22 de março de 2018 até o dia 7 de novembro de 2018.

As respostas do questionário pouco foram utilizadas ao longo do texto, entretanto, usou-se dele para corroborar as informações apresentadas na roda de conversa e nos conteúdos digitais. Logo, será visível que a maioria das falas serão trazidas a partir das participantes da roda de conversa, que teve uma maior profundidade.

Outro elemento essencial é que como a pesquisa foi realizada apenas com a equipe de organização do coletivo, sempre que na pesquisa se referenciar ao coletivo, está sendo feita referência a este grupo. Este trabalho não consegue dialogar a partir dos dados que possui com as integrantes do grande grupo. Mais à frente esclarece-se esses dois tipos de grupos existentes no movimento social investigado.

Como estratégia metodológica para analisar os dados, tentou-se agrupar inicialmente neste capítulo, a cada subtítulo seguinte, blocos com as questões perguntadas na roda de conversa. Assim, pode existir certa “quebra” na leitura entre um subtítulo e outro. Entretanto, ao final, faz-se uma tentativa de integração de toda a análise na busca de responder o problema deste trabalho e concluir a análise da pesquisa.

6.1 HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO DO COLETIVO AMPLIFICA

Em 2018, no dia 14 de março, foi assassinada no Brasil Marielle Francisco da Silva, conhecida como Marielle Franco. Sua luta social pelos direitos humanos e feministas é referência nacional. Foi a quinta vereadora mais votada na cidade do Rio de Janeiro, para o mandato iniciado em 2017 e que teria fim em 2020. O Rio vivenciava naquele momento uma intervenção federal, a qual ela se fazia muito crítica, denunciando diversos abusos ocorridos. Sua morte desencadeou manifestações ao longo do país e, na cidade de Criciúma/SC, o Coletivo Antonieta de Barros organizou um ato intitulado “Marielle, presente! Vidas negras importam”, no dia 16 de março.

Neste ato estavam algumas integrantes da atual equipe de organização do Coletivo Amplifica, que ainda não existia. A partir deste ato, conversaram da necessidade de criar um coletivo também na faculdade⁵⁸ em que estudavam, surgindo então a proposta de um coletivo. Criou-se assim o Coletivo Amplifica⁵⁹ com as estudantes aqui identificadas⁶⁰ como **Malala, Janis, Dorothy e Maya**. A criação da página na mídia social *Facebook* aconteceu no dia 22 de março e o primeiro encontro presencial ampliado para a participação de outras mulheres se deu no dia 10 de abril.

A criação foi através do ato da Marielle. A gente se juntou e coincidiu essa mesma dor em todas de que a gente queria fazer mais e não estava conseguindo alcançar os objetivos com o coletivo Antonieta, porque o que eles passam não é necessariamente o que a gente passa aqui. [...]. No começo éramos nós quatro, a organização, e a gente entrou em contato com nosso coordenador pra ver a possibilidade de abrir um coletivo aqui. Ele super apoiou, continua apoiando o projeto até hoje. E a partir deste aval dele, a gente começou a colocar em prática de verdade. Agora nós estamos mais estabilizadas, mas no começo a gente fazia reunião mensal (**MALALA**).

Atualmente são 54 mulheres, todas estudantes da faculdade onde atuam, que participam do Coletivo Amplifica. No seu funcionamento, o coletivo possui dois grupos, um que será chamado de “organização” e o

⁵⁸ A faculdade na qual elas estudam é uma referência na região sul de Santa Catarina na oferta de ensino médio técnico. Nas duas últimas décadas começou a oferecer cursos superiores, nas áreas de Engenharia, Comunicação e Tecnologia. Atualmente, com a faculdade, vem se consolidando também como uma referência no ensino superior nas áreas das engenharias. Trata-se de um espaço onde a lógica patriarcal e o número de homens é dominante.

⁵⁹ <http://www.noticias.satc.edu.br/coletivo-amplifica-faz-seu-primeiro-encontro>

⁶⁰ Como trazido na metodologia do trabalho, os nomes adotados são fictícios para preservar a imagem das mulheres do coletivo. Como substituição optou-se por referências da luta feminista trazidas ao longo das próprias postagens do *Facebook* do Coletivo Amplifica, a saber: Janis Lyn Joplin, Malala Yousafzai, Marguerite Ann Johnson (Maya Angelou), Maria da Penha Maia Fernandes, Dorothy Mae Stang, Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de Beauvoir. Apenas o nome do pesquisador se manteve o real.

outro de grupo “amplo”. Não existe uma nomenclatura definida pelo coletivo para esses grupos, entretanto, possuem essa estratégia de organização da sua vida enquanto grupo.

Na organização se fazem presentes seis mulheres, as já citadas que estavam na fundação do grupo, e duas outras mulheres, a **Maria** e a **Simone**, que somaram à equipe, devido a uma ampliação das atividades em que o coletivo atua. Estas novas integrantes da organização participavam desde o início no grupo amplo, entretanto, apenas no segundo semestre de 2018 entraram para a organização.

O coletivo realiza encontros quinzenais, quando realiza debates e estudos sobre temáticas relacionadas à luta das mulheres na sociedade/feminismo. Esta informação que origina da roda de conversa corrobora com o olhar realizado para a página na mídia social, na qual, das 13 postagens que estavam relacionadas aos encontros quinzenais, em apenas uma não foi possível identificar relação com temas da luta feminista. Concordando também com o que afirmam na própria página: “O Coletivo Amplifica é idealizado por acadêmicas da Faculdade [...] para discutir temas relevantes sobre o empoderamento feminino dentro da instituição” (AMPLIFICA, *Facebook*, 2018).

Em média, participam 15 mulheres dos encontros quinzenais e eles são organizados e preparados na sua maioria pela equipe de organização. Entretanto, foi apontado que sempre que alguém consiga, é dado abertura para outras mulheres conduzirem a conversa. Além disso, também trazem outras pessoas de fora do grupo para falar sobre alguns temas específicos.

Juliano: Quando vocês fazem as reuniões quinzenais, quem propõe o debate são essas seis pessoas?

Malala: Isso.

Janis: Mais ou menos, porque perguntamos no outro grupo sugestões e fazemos uma espécie de votação. Ou as vezes colocamos no Instagram: “O que você gostaria?” E olhamos o que foi mais votado. E as vezes a gente decide entre nós também quem a gente acha que vai ser mais relevante, dependendo do momento.

Essa equipe de organização se reúne presencialmente uma vez por mês e possuem um grupo específico delas no aplicativo *WhatsApp*⁶¹, para questões mais imediatas. O grupo amplo também possui um grupo no aplicativo. Cabe ressaltar que além do *Facebook*, possuem uma conta no *Instagram*⁶². Dentro da organização existem quatro mulheres estudantes de publicidade e propaganda e duas do curso de design gráfico. A maioria do coletivo segue na mesma linha, sendo composto, em sua maioria, dos cursos da área da comunicação. Existem poucas mulheres no grupo amplo que são das áreas das engenharias da faculdade. Esse acesso do coletivo mais facilitado nos cursos de comunicação da faculdade se dá pelo apoio dos coordenadores e pela presença maior de mulheres nestes cursos.

Ao serem questionadas sobre a existência de uma liderança, apontaram que não existia, sendo que cada uma teria um papel dentro do grupo, como traz **Malala** a seguir: “Eu acho que a gente nunca impôs cargos hierárquicos. Cada uma tem a sua função, mas nenhuma é a autoridade da outra “(MALALA). Entretanto, a **Malala** acaba se destacando, tanto na representatividade do coletivo, como nas próprias falas durante a roda de conversa. Cerca de 53% das intervenções na roda de conversa foram feitas por ela. **Janis** fez um total de 41% das falas e a **Simone** 6% das falas⁶³.

Estes dados confirmam o que Castells (2013) aponta sobre os movimentos sociais conectados, em que existe uma tentativa em se evidenciar horizontalidade no grupo, mas, na atuação, algumas pessoas acabam se destacando e figurando como representante.

Como cor para o logotipo do coletivo, escolheram o amarelo. Foi uma tentativa de não estigmatizar o coletivo com uma cor que perante a sociedade estivesse mais marcada por um gênero específico. “A gente quis escolher uma cor que fosse mais neutra” (JANIS). Foi uma tentativa de ampliar a abertura das participantes, permitindo que mais mulheres se identifiquem com a atuação no coletivo.

Quando **Simone** foi questionada sobre como se sentia ao entrar para a organização do coletivo, ela trouxe elementos interessantes:

⁶¹ O *WhatsApp* é um aplicado de troca de mensagens de texto, voz, imagens, vídeos e arquivos. Muito utilizado na contemporaneidade para a comunicação entre as pessoas.

⁶² Trata-se de outra mídia social. Entretanto, como o Facebook contempla todas as postagens dela, optou-se por não analisá-la.

⁶³ Importante que nestes dados não constam o tempo de fala de cada uma, mas o número de intervenções.

Eu me surpreendi com o convite para fazer parte. Quando a **Dorothy** me chamou, eu fiquei muito feliz, porque mesmo eu estando no encontro com vocês da Marielle, e [o coletivo] foi uma ideia que vocês comentaram aquele dia, e também comentaram comigo. E mesmo eu participando dos encontros, do grupo, mesmo assim eu não senti que eu fazia alguma coisa de fato. Eu estava ali, mas não estava. E agora eu estou! Me sinto um pouco mais parte (**SIMONE**).

Importante perceber que **Simone** se percebeu parte verdadeiramente do coletivo quando entrou para a organização. Os processos que vivenciam quem organiza e quem participa, são diferenciados. Quando se discute uma formação humana cidadã, existe a necessidade de participação dentro do movimento social. Não se exercita a autonomia se não é possibilitado atuar frente a algo. Essa busca pela participação de todas e a fala da **Simone**, que apresenta um sentimento de pertencimento no momento no qual começa a atuar na condução do Coletivo Amplifica, vem ao encontro ao que Gohn (2010a, 2010b) aponta da necessidade dos movimentos sociais exercitarem a autonomia dos seus participantes e da natureza humana, trazida por Freire (1996), de que as pessoas são seres de prática, e portanto, seres de esperança. Na medida em que à **Simone** foi possibilitada atuar no coletivo, exercita algo intrínseco a sua existência, a sua possibilidade de interferir no mundo.

6.2 NECESSIDADES MOTIVADORAS DA EXISTÊNCIA DO COLETIVO AMPLIFICA

Frente aos dados coletados, percebeu-se como centrais as seguintes motivações/necessidades que levaram as mulheres da organização a estarem no coletivo:

- Necessidade de lutas específicas no local onde estudavam;
- Necessidade de um espaço onde possam contribuir para transformar a sociedade;
- Necessidade de colocar em prática a luta feminista, com a qual já se identificavam;
- Necessidade de um espaço que permita atuação, participação.

Essa síntese das motivações que levaram as mulheres do coletivo a participarem dele será desenvolvida a seguir, com algumas falas delas. A busca por uma atuação mais próxima à realidade foi um dos elementos

desencadeadores do Coletivo Amplifica. Essa necessidade pode ser apontada na fala da **Malala** logo abaixo:

E começou a perceber que os problemas que o Antonieta enfrenta, que ele tenta combater, não são os problemas que a gente enfrenta aqui. Porque a universidade, ela tem um espaço muito mais aberto pra discussão social. E a faculdade aqui, é muito masculina, engenharia basicamente. Então a gente teve essa ideia no dia do ato e resolveu levar para frente (**MALALA**).

A **Janis** acrescenta a necessidade de usar sua própria formação acadêmica na transformação da sociedade:

O que me deu vontade de participar foi sempre a vontade de usar a minha formação, contribuir para alguma coisa que eu acredito, social. Não usar a propaganda pra vender, mas para ajudar a transformar a sociedade, alguma coisa assim, com as coisas que a gente acredita [...]. A gente gosta de fazer esse tipo de coisa mesmo. Não só se indignar com o que tu vê, mas fazer um grupo para tentar mudar isso (**JANIS**).

Ambos olhares, de atuar no seu local e de transformar a realidade, podem ser melhor percebidos com a necessidade que traz Santos (2007) e Severino (1994, 2001) de nossa vivência buscar uma ampliação da cidadania. Afinal, ao buscar transformar a realidade, amplia-se a cidadania das pessoas participantes desse ato. Outro elemento relevante é sobre a formação acadêmica em si, em que sentem não ser suficiente, e por isso buscam ir além dela. Seria como se a humanidade presente nelas, trazido ao olhar de Freire (1996), buscasse retomar aquilo que lhe é essencial, a possibilidade de interferir eticamente no mundo. Buscando assim, sair da possibilidade da domesticação para a decisão de interferência no local onde vivem. **Simone** e **Maria** trazem também outros fortes elementos ligados a essa necessidade de intervenção no mundo:

Eu também participava do Antonieta, eu também estive no ato da Marielle, mas eu nunca senti que eu fiz, fazia algo de fato, pelo que eu acreditava. Nunca. Eu queria fazer mais do que eu achava que

fazia, e foi isso assim, foi o principal motivo (SIMONE).

Eu amo essa causa, amo lutar por nós mulheres. Quando vi a ideia do coletivo, automaticamente pensei "preciso pertencer a isso" e desde então estou aqui (MARIA).

Ambas retomam a necessidade humana dos espaços que participam se abrirem à participação delas. Isso traz forte um elemento humano, apontado por Freire (1996), bem como dos movimentos sociais, apontado por Gohn (2010a, 2010b), a capacidade de conduzirem suas vidas.

6.3 OBJETIVOS DO COLETIVO AMPLIFICA

Na capa da página do Coletivo Amplifica, no *Facebook*, escreve-se: “Voz e espaço às mulheres na academia” (AMPLIFICA, *Facebook*, 2018). Isto resume muito o objetivo traçado pelas participantes. Essa organização dentro da faculdade é trazida por elas como fruto de outras lutas que as mulheres anteriormente já se envolviam⁶⁴. Entretanto, cabe ressaltar, que mesmo a instituição em que participam possuindo uma tendência conservadora, é necessário apontar que, de certa forma, também contribuiu para as condições do surgimento do Coletivo Amplifica. E mesmo que o foco da atuação seja dentro da faculdade em que estudam, dando um espaço de participação para essas mulheres que antes não possuíam, não significa que não percebam a necessidade de um olhar amplo para além da academia. Entretanto, sabem que inicialmente precisam centrar forças em questões mais internas:

Claro que a gente quer os espaços de fora também, a gente não faz as nossas pautas focando só em educação, ou alguma coisa assim. A gente fala de assuntos do mundo inteiro, de outros lugares. Mas acho que a gente começa aqui pela faculdade (JANIS).

No *Facebook* trazem que:

⁶⁴ Durante a pesquisa não foram levantados que espaços seriam estes.

O projeto tem como essência unificar a parcela estudantil feminina através de encontros semanais para discutir temas importantes sobre ser mulher e dividir experiências. Por meio dessas conversações será mais fácil de identificar problemas na faculdade e propor soluções que sejam conscientes de ambos os sexos, visto que a voz feminina, hoje, é menos ouvida. Os encontros ocorrerão semanalmente, no intervalo das aulas, onde debateremos sobre o assédio no dia-a-dia em uma instituição de ensino, o feminismo negro e branco, as lutas das mulheres dentro da faculdade, e suas representações (AMPLIFICA, *Facebook*, 2018).

Essa necessidade de interferirem especificamente na luta das mulheres, com um olhar para elas enquanto um segmento social excluído da sociedade machista, traz elementos marcantes para classificar como um movimento social identitário, que segundo Gohn (2010a, 2010b), luta por questões sociais, políticas, econômicas e culturais de grupos à margem da sociedade.

Uma das integrantes, a **Malala**, traz muito nas suas falas que um dos objetivos do coletivo é a luta das mulheres por inserção igualitária no mercado de trabalho. Quando falava, as outras participantes em momento algum desautorizaram a fala dela, mostrando acordo com as falas. Mas esse assunto, da profissionalização, sempre foi trazido pela **Malala** em toda a conversa. Percebe-se que a fonte desse discurso forte de profissionalização das mulheres dentro da faculdade tem relação com o foco pretendido lá. Entretanto, na seguinte fala pode-se perceber alguns elementos que ajudam na análise:

E isso que eu acabei de mencionar da profissionalização das mulheres é algo que a gente tá colocando em prática agora, que a gente percebeu. Que para andar junto com a faculdade, que é uma faculdade técnica, a gente poderia ajudar nessa parte também, trazendo workshops e palestras mensais, que fossem profissionalizar as mulheres. Porque daí a gente tanto agrada o nosso lado e agrada o lado da faculdade. Acaba andando em conjunto (**MALALA**).

Parece existir certa necessidade de serem aceitas com tranquilidade pela instituição. Outras falas corroboram com esta percepção, como

quando disseram que inicialmente buscaram dialogar com os coordenadores dos cursos para pedir apoio. Outro elemento que se faz necessário observar é que as participantes do coletivo estão justamente inseridas no espaço profissionalizante delas, consequentemente interferindo no caminho que o Amplifica trilha.

Assim, ao mesmo tempo em que buscam atuar tentando transformar a realidade, ampliando a formação humana cidadã delas, como apontado por esse trabalho, acabam também sofrendo pressões da sociedade moderna, com seu olhar focado no consumo, conforme traz Santos (2007), quando o coletivo é colocado a “serviço” da faculdade. A possibilidade de domesticação existente, quando vivenciam uma sociedade construída tecnicamente, e com isso, com intencionalidades, segundo Vieira Pinto (2005), vai sempre existir. Cabe às participantes na sua caminhada irem percebendo essa disputa e buscando ampliar sua leitura de mundo.

6.4 FRENTE DE ATUAÇÃO DO COLETIVO AMPLIFICA

A atuação do Coletivo Amplifica pode ser dividida, como foco, em dois pontos fortes. As reuniões quinzenais e os eventos. “A gente faz essas reuniões quinzenais. E além disso a gente faz eventos. Mensalmente a gente está fazendo workshops e palestras que vão ajudar a profissionalizar as mulheres” (MALALA).

Importante trazer que de todos os encontros quinzenais que o pesquisador teve conhecimento, o foco era sempre o feminismo, e os eventos em geral são voltados ao mercado de trabalho.

Nos encontros discutimos tanto questões atuais, de importância, relevância, para o contexto local, tanto quanto para o movimento e para a mulher na academia. Como por exemplo, até o final do ano a gente está com um cronograma para falar sobre as vertentes do feminismo. Cada encontro vai ser focado em uma vertente especial e vai ser mediado por uma menina do coletivo, não necessariamente a gente, mas que se sinta conectada àquela vertente. Dar esse espaço de fala para que ela possa falar sobre aquela vertente e conhecer as outras meninas (MALALA).

Não se sabe se esta divisão, dos encontros serem mais focados nas questões da luta feminista e os eventos mais focados na profissionalização das mulheres do coletivo, foi pensada estrategicamente.

Nesses eventos e nas próprias mídias sociais divulgam os trabalhos das mulheres do coletivo e da faculdade como um todo:

Janis: A gente tinha de ação no passado, a divulgação dos trabalhos que as meninas faziam, de ilustração, textos. Coisas que as participantes mandavam e a gente ia expondo. Não sei se conseguiu ver no *Facebook*?

Juliano: Sim, sim.

Janis: No *Facebook* agora a gente não faz mais tanto isso, mas nos lugares que a gente vai, que a gente participa, a gente sempre coloca os trabalhos também. Aqui tem também mais alguns [trabalhos expostos pelo coletivo em alguns eventos que estavam impressos com as perguntas da roda de conversa]

Mesmo a **Janis** apontando que não fazem mais com tanta frequência a exposição de trabalhos das mulheres do coletivo, apontou-se na análise do *Facebook* que 16% das postagens caminham nessa direção.

E, ao mesmo tempo que estão focadas em questões mais internas, mostram não estarem desconectadas da realidade ampla, como quando param para discutir sobre eleições. “Domingo a gente vai sentar na casa de uma das integrantes, aberto para o coletivo inteiro, e ter essa conversa sobre intenção de voto, com cenário político e tudo mais” (**MALALA**). Ou quando participam de um ato de apoio à democracia no Brasil, fruto da luta feminista no Brasil, intitulada “#EleNão”⁶⁵. Essa relação entre o local e o global apontada por Giddens (1991), pode ser percebida claramente no Coletivo Amplifica. Entretanto, concordando com o olhar para os movimentos sociais na atualidade, trazido por Gohn (2010b, 2014) e Castells (2013), trazem como atuação um foco maior nas questões locais. Assim, a luta feminista internacional interfere na luta do Coletivo Amplifica, mas caminham por ações mais focadas no espaço em que vivem. Esta consequência pode se dar, pelo que traz Gohn (2010b, 2014), de como já existiram diversas conquistas globais pelos movimentos

⁶⁵ Nas eleições presidenciais no Brasil em 2018, a maioria dos movimentos feministas se colocou contrária à escolha do candidato Jair Messias Bolsonaro, e articularam manifestações em todo o Brasil.

sociais, acabam tendo uma tendência a se voltarem para questões mais locais.

As ações desencadeadas pelo Coletivo Amplifica, casadas com os desejos que possuem de transformar a realidade que conhecem, corroboram com o conceito de movimento social deste trabalho, trazido por Castells (2013), Gohn (2004, 2010a) e Scherer-Warren (1989).

6.5 QUAIS POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO O COLETIVO OFERECE?

Onde o Coletivo Amplifica busca e encontra formação para as participantes? Responder a esta pergunta não é algo evidente, embora pareça. Ao se olhar com um olhar rápido, pode-se apontar que como espaços formativos elas possuem: os encontros quinzenais, os eventos em que participam e as próprias postagens no *Facebook*. E quando questionadas sobre isso, inicialmente apontavam que buscam e oferecem formação nos primeiros dois espaços.

Mas quando se dialoga na roda de conversa sobre o papel das mídias sociais para elas, apontam que ali também trazem elementos que contribuem com a formação das participantes

a gente usa muito para colocar conhecimento, informação. Então é uma forma das meninas também irem lá e acharem alguma coisa de interessante para poder ler, para poder ir aumentando o conhecimento através das nossas redes. Não sendo só divulgação e falando da gente, mas mostrando elas com os trabalhos delas, e também artigos, coisas que podem ser interessantes para elas adquirirem conhecimento (MALALA).

Ao avaliar-se as postagens na mídia social citada, percebe-se que em 13% das postagens existe a possibilidade de ampliar a formação pessoal e profissional das mulheres.

Olhando a partir de Gohn (2010a) para os espaços de educação não formal, em que parte da formação acontece na medida em que vivenciam autonomamente a vida do movimento social, pode-se dizer que a própria condução do coletivo e a realização dos eventos, por parte dessa equipe da organização, propicia uma formação diferenciada em relação ao grupo amplo. Esta possibilidade diferenciada de formação, da equipe de organização para com o grupo ampliado do coletivo, fica evidente na fala

da **Malala**, que ao ser perguntada sobre a participação do coletivo na organização do ato “#EleNão” respondeu:

Eu não consegui participar da organização porque a gente estava em função da Arena Criativa⁶⁶, onde a gente trouxe a Think Eva de São Paulo, que é um núcleo feminino. A gente estava cheia de coisas e eu não consegui estar ativa dentro da organização desse movimento. Mas eu estou em direto contato com uma das organizadoras por causa dessa frente que o coletivo vai ter dentro da manifestação (**MALALA**).

A existência do coletivo propiciou que interferissem, inclusive, em um evento na faculdade delas. Pautando a temática e a pessoa que iria falar sobre o assunto, além de certa autonomia nesta busca. Não se sabe como seria caso o coletivo não existisse. Entretanto, sabe-se que a maneira como se envolveram, entendendo como um espaço ainda mais delas, é fruto dessa existência social de luta.

Uma formação para a autonomia e, conseqüentemente, uma formação humana cidadã, só pode ocorrer quando as pessoas envolvidas podem participar. Ao se envolverem diretamente com a vida dinâmica do coletivo, com sua organização, as mulheres do coletivo acabam experienciando uma formação mais ampla que as mulheres que eventualmente acompanham os encontros quinzenais. É necessário trazer presente que assim como a **Simone** e a **Maria**, que somaram na equipe de organização depois e já ajudavam, em certa medida, o grupo, podem existir outras participantes que se envolvem na condução do coletivo, mas não assumam esse papel de liderança.

É preciso lembrar que, como as mulheres do coletivo estudam na faculdade e como possuem uma vida fora dela, segundo Gohn (2010a), vivenciam nesses dois espaços, consecutivamente, uma formação formal e informal. Assim, ao retomar os espaços em que o Coletivo Amplifica encontra formação, pode-se sintetizar que esta pesquisa aponta como espaços de uma educação não formal os seguintes locais: os encontros quinzenais, os eventos em que participam e o *Facebook*. Entretanto, é importante lembrar que também vivenciam espaços de educação formal e informal.

⁶⁶ A Arena Criativa é a Semana Acadêmica dos cursos de Design Gráfico, Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Faculdade onde o coletivo atua.

6.6 QUE MUDANÇAS A EXISTÊNCIA DO COLETIVO PROPORCIONA?

Inicia-se esse subtítulo com uma síntese das mudanças que a participação no Coletivo Amplifica proporcionou às participantes:

- Ampliou sentimento de pertencimento/identificação a uma luta social;
- Ampliou a possibilidade de transformar a realidade;
- Ampliou o conhecimento sobre a luta social de que participam (feminismo);
- Ampliou o vínculo interpessoal das participantes do coletivo;
- Ampliou a percepção das pessoas ao redor da luta social que participam. Viraram referências na luta feminista dentro e fora da faculdade⁶⁷.

Apontadas as mudanças, traz-se as falas das participantes para corroborar com esta síntese. Primeiramente com a **Malala** e a **Maria**, pode-se perceber fortemente os elementos de ampliação da compreensão da luta feminista e de possibilitar uma ampliação na transformação da realidade.

Desde os 15, 16 anos eu já me intitulo feminista, mas eu não entendia tão bem do movimento. Daí desde que a gente abriu o coletivo eu me aprofundei muito mais nas causas e também eu me sinto muito mais parte de uma comunidade. [...] É como se a gente tivesse uma probabilidade maior de fazer diferença e ajudar as garotas que realmente não tinham para onde correr. Agora elas têm o coletivo, que é como se fosse um grupo de apoio (**MALALA**).

“Mudou muita coisa! Me compreendi mais dentro da causa feminista, comecei a expor meus desenhos e encontrei neles minha forma de militar - essa foto aqui de cima foi minha primeira exposição (**MARIA**).

⁶⁷ Tanto em um caráter de ajuda, em que as pessoas sabem a quem recorrer com relação à luta feminista, como também em um caráter de enfrentamento, quando as pessoas sabem que, se “vacilarem”, existe um grupo que vai fazer um enfrentamento.

Quando o coletivo contribui para a ampliação do conhecimento da luta feminista, bem como possibilita aprenderem via processos de educação não formal, apontados por Gohn (2010a) e trazidos no subtítulo anterior, está contribuindo para a libertação destas mulheres da domesticação. Isto pois, ao fazerem isto, as mulheres participantes do coletivo ampliam seus entendimentos dos sistemas abstratos, conforme Giddens (1991), ou da técnica, conforme Vieira Pinto (2005), ampliando a capacidade de perceberem as estratégias de domesticação existentes na sociedade.

A seguir, a **Janis** e a **Malala**, além de apontarem a possibilidade de interferirem na sociedade, trazem a transformação que o coletivo realizou nelas, tornando-as referências dessa luta feminista. Assim, a simples existência do coletivo já traz mudanças nas pessoas ao seu redor, mesmo não participando do grupo. Poder-se-ia escrever essa análise da seguinte forma: a participação no coletivo muda as integrantes e a presença delas nos seus espaços interfere positivamente, fazendo delas referências da luta social feminista.

E enquanto a gente não participava, ou não fazia alguma coisa, eu conseguia ver o que achava que era errado, mas até o momento não fazia nada para mudar aquilo. E é interessante, por mais que a gente não vá fazer alguma coisa muito grande, que vai sair em todos os lugares como notícia, a gente consegue influenciar um pouco do nosso meio. E isso faz bastante diferença [...]. Então a gente parou só de refletir “nossa, como é errado aquilo que acontece!” e começou a tentar transformar essas coisas que são erradas em coisas boas. E isso é interessante. E até as pessoas que talvez tenham um pouco de preconceito, como o pessoal das engenharias. É legal saber que eles sabem da nossa existência. Sabem o que a gente está fazendo. Porque antes eles só ignoravam o fator “mulher e preconceito”. Agora não, agora eles já nos conhecem e pelo menos vão refletir um pouco mais, mesmo que ainda com preconceito (**JANIS**).

Amigos e colegas de trabalho, só de saber que a gente participa de um coletivo, não necessariamente de algum lugar que a gente vai participar ou alguma coisa assim. Mas de que a gente faz os encontros, discute, conversa. Isso

talvez abra uma pauta que talvez não existia antes, que era o feminismo (**JANIS**).

A faculdade tem uma atlética, que quer se reposicionar e quer conversar com a gente pra fazer esse trabalho. Que é porque no começo do ano, ou no ano passado, eles fizeram uma festa chamada "na boca da mina", e pegou bem mal. E eles têm agora essa visão machista de toda a comunidade (**MALALA**).

Em todas as falas trazidas fica evidente a percepção de que agora se sentem parte de um espaço de luta. Interessante trazer que, além disso, com a fala da **Janis** abaixo e com a de **Malala** corroborando, percebe-se essa importância aos vínculos interpessoais que se ampliaram. Traço marcante dos movimentos sociais contemporâneos, segundo Gohn (2010b). Pode-se avaliar isto no seguinte diálogo:

Janis: Uma coisa que eu percebi também, na faculdade, é que agora a gente conhece muitas meninas que têm por aqui. Meninas que talvez nos quatro anos de faculdade a gente pudesse só passar reto ou dar um oi, ou "ah, conheço de vista". E agora não, tá com esse nível de saber o que que ela pensa, o que as outras meninas estão passando. A gente consegue conversar bastante no grupo sobre esse tipo de coisa.

Malala: É. Criou uma rede afetiva

O olhar profissional também foi trazido pela **Malala**, quando contava da experiência que teve ao participar de um evento em que o coletivo foi convidado a falar sobre “mercado criativo”. Na fala, ela traz a diminuição de preconceitos neste espaço para com as mulheres.

Eu pelo menos percebi uma mudança drástica. A gente trouxe questões que as pessoas não pensavam. O mercado criativo é muito masculinizado e preconceituoso. E muitas das pessoas que estavam lá assistindo a gente eram homens. Então a gente trouxe um olhar feminino pra esse meio profissional, para que eles começassem a pensar um pouco mais, de como é ser mulher dentro de um mercado que, por ser

criativo, deveria ser mais aberto, mas na verdade não é (MALALA).

Sobre a ampliação do vínculo interpessoal já levantado, é importante refletir que é natural que um grupo, quando recém-criado, busque, em um primeiro momento, se conhecer mais. Assim como o faz o ser humano em qualquer situação de uma nova aproximação com outras pessoas, ao menos quando desejam atuar juntos. Resta saber se, em um próximo passo, o coletivo partiria para lutas mais amplas, globais, ou se isto é evidência de um movimento social dentro da cultura digital, como aponta Castells (2013) e Gohn (2010b), com foco maior no local e nos vínculos pessoais.

Quando perguntadas sobre as mudanças pessoais, todas trouxeram elementos que consideravam positivos. Não foram questionadas se existia algo que mudou “para pior”. Apenas na análise dos dados que se percebeu essa necessidade. Ficando a análise focada nas ampliações, nos elementos que avançaram pessoalmente e coletivamente.

Outro detalhe é que, de certa forma, algumas mudanças nas mulheres se interligaram com as motivações apresentadas anteriormente da entrada ao coletivo. Isto evidencia que atingiram parte desses objetivos, ou que, ao responder, levaram em consideração aquilo que estavam vivenciando. Como se existisse uma mistura das lembranças das motivações com as lembranças do que sentiam no momento da roda de conversa.

Essa identificação com o espaço de transformação que o coletivo tem proporcionado na vida delas dialoga harmoniosamente com a natureza humana que Freire (1996), Suchodolski (2002) e Severino (1994, 2005, 2006, 2010) trazem, de um ser para atuar, de um ser para transformar a realidade, de um ser que se coloca no mundo. E mesmo existindo, como traz Freire (1987) e Vieira Pinto (2005), forças que tentam domesticar essa atuação, ou até controlá-la, pode-se perceber que o coletivo tem feito um olhar mais voltado para a libertação do que para a domesticação.

6.7 O COLETIVO AMPLIFICA E A CULTURA CONTEMPORÂNEA DIGITAL

Entende-se que, como aponta Castells (2013), a lógica da rede se faz presente nos movimentos sociais para além dos espaços *on-lines*. Neste tópico, para trabalhar a relação do coletivo com a cultura digital, optou-se por inicialmente apontar percepções a partir da mídia social

Facebook e, após isso, trazer percepções desta cultura digital também presente nos espaços *off-lines*.

6.7.1 Qual a relação do Coletivo Amplifica com o *Facebook*?

A criação da página nesta mídia social foi anterior ao primeiro encontro. Começam o coletivo desde o princípio mostrando muita organização. Assim, trazem primeiro algumas postagens sobre empoderamento feminino e em seguida iniciam convidando para participar do coletivo. Este olhar corrobora com as falas das mulheres da organização que apontam que as mídias sociais são usadas para divulgar e atrair novas mulheres para o grupo.

Eu enxergo hoje como uma forma de divulgação, de a gente ir recrutando mais meninas e deixar a nossa conversa mais plural. E também as redes sociais a gente usa muito para colocar conhecimento, informação. Então é uma forma de as meninas também irem lá e acharem alguma coisa de interessante para poder ler, para poder ir aumentando o conhecimento através das nossas redes. Não sendo só divulgação e falando da gente, mas mostrando elas com os trabalhos delas, e também artigos, coisas que podem ser interessante para elas adquirirem conhecimento (**MALALA**).

Uma vê o desenho da outra, e comenta, daí uma pessoa que nem conhece, que só curtiu a página vai lá e conhece também. E vai divulgando (**JANIS**).

Algo muito interessante sobre a página é que antes de a construírem, fizeram um estudo e análise de postagens de outros coletivos feministas. Avaliaram nas postagens o que gerava maior interesse, olhando o número de curtidas, comentários e compartilhamentos. Nem sempre os espaços de lutas usam dos conhecimentos técnicos que possuem tão claramente. Elas migram da luta para o lado profissional com muita tranquilidade, nas falas, na maneira de se portarem, mostram que não existe separação, como se em caixinhas. O intercâmbio entre esses conhecimentos acontece, parece, que de forma natural. Afinal, não somos feitos em pedaços, mas como um todo.

Os vínculos interpessoais novamente surgem em pauta quando dialoga-se sobre a rede virtual. Mostrando esse interesse forte na sua

ampliação e na valorização dos próprios trabalhos das participantes, o que também amplia os vínculos entre as mulheres do coletivo.

Parte das curtidas são das meninas que fazem parte do grupo. Então a gente divulga coisas delas, de alguns trabalhos, e cria um tipo de ciclo, uma rede. Porque todo mundo comenta, porque no grupo todo mundo acaba se conhecendo. Então são quase 60 meninas que viraram amigas ali dentro do grupo (JANIS).

Nas falas sobre o *Facebook*, sobre essa atuação no espaço virtual, no *on-line*, traz um elemento marcante e que no início do processo desta pesquisa se observou: a necessidade do espaço virtual como aporte para o espaço *off-line*. Usam da mídia social como algo necessário frente à existência do grupo físico.

Acho que dependendo do que a gente posta a gente consegue atrair mais pessoas interessadas no coletivo, nas causas. [...] Então a gente conseguiu uma forma de se comunicar com as pessoas e convidar elas para conhecer o coletivo, divulgando outras coisas que não são só as nossas informações (JANIS).

Outro elemento trazido é a necessidade de a existência do coletivo estar conectada com a comunicação desta existência a outras pessoas. Assim, a rede social virtual também é espaço de se mostrarem ao mundo.

Eu acho também importante para que regionalmente as pessoas saibam que a gente ainda está em atuação. Porque quando tu vais pesquisar algum coletivo e não vê nenhum tipo de movimentação nas redes, logo associa que ele não está mais em funcionamento. Porque né, hoje a gente tem que estar online também. Então acho que é um dos motivos da gente se manter sociais é para que regionalmente as pessoas nos conheçam e saibam que a gente está funcionando, que é uma organização (MALALA).

Todos esses elementos trazidos dialogam com a sociedade em rede que Castells (2005) aponta, e da modernidade que Giddens (1991) traz, interligando o local e o global, sendo instrumento e ao mesmo tempo local de atuação. Assim, a rede serve ao espaço virtual como ao real, interliga o Coletivo Amplifica com outros grupos feministas no mundo, como por exemplo, quando elas trouxeram que antes investigaram as páginas de outros coletivos feministas para pensarem a própria atuação neste ambiente digital.

6.7.2 Dados levantados: *Facebook*

Tentou-se fazer alguns recortes para as postagens realizadas pela organização do Coletivo Amplifica, com intuito de trazê-los nos diálogos dos subtítulos deste capítulo da dissertação, alguns, inclusive, já foram usados, mesmo que apenas agora se traga a maneira como eles foram levantados.

Em um primeiro olhar, a partir de todas as postagens, criou-se seis categorias. Após isto, ao reanalisar as postagens, enquadrou-se cada postagem em apenas uma categoria. Assim, por exemplo, mesmo que determinada postagem tivesse características de divulgação do coletivo e de divulgação dos trabalhos das mulheres do coletivo, fez-se subjetivamente uma escolha entre as duas categorias.

Quadro 5 – Análise ampla da página do coletivo

(continua)

Categorias de análise das postagens	Nº de postagens	Valor percentual ⁶⁸	Exemplos ⁶⁹
Externas às atividades do coletivo – compartilhamentos de notícias ligadas à luta das mulheres do Brasil e no Mundo	18	24%	Com o seguinte texto: “Ontem na TV Aparecida tivemos Maya Ribeiro , a primeira mulher negra a mediar um debate de candidatas à presidência do Brasil. Estamos felizes pelos 'avanços', mas é engraçado e triste quantas primeiras vezes

⁶⁸ Valores percentuais foram arredondados para duas casas decimais.

⁶⁹ Em algumas postagens existiam “emojis”, pequenas imagens, que foram retirados dos textos.

Quadro 5 – Análise ampla da página do coletivo

(continua)

			ainda temos em pleno século XXI. Parabéns, Maya . Você nos representa” (AMPLIFICA, <i>Facebook</i> , 2018). Compartilharam um link externo de uma reportagem sobre a temática.
Características de apoio interpessoal às mulheres e suas dores cotidianas	17	24%	Uma das últimas postagens nessa categoria, possuía o seguinte texto: “Se disserem que você não pode, faça. Se disserem que você não é capaz, não acredite. Se subestimarem seu valor, mostre seu poder. Se infringirem seus direitos, lute. Mulher, resista. Lembre-se: você é forte e vamos passar por isso juntas” (AMPLIFICA, <i>Facebook</i> , 2018).
Relacionadas aos encontros quinzenais – com pauta feminista/luta das mulheres ⁷⁰	13	18%	“Tão preparadas? Hoje é o nosso primeiro encontro do semestre e será um prazer ver você por lá. Vamos aproveitar a ocasião para celebrar os 12 anos da lei Maria da Penha e discutir um pouco sobre as experiências de cada uma. Se você é novata e ainda tá indecisa, não fica não. Vamos recebê-la de braços abertos. Às veteranas, é imensamente bom reencontrá-las” (AMPLIFICA, <i>Facebook</i> , 2018).
Divulgando trabalhos e produções artísticas das mulheres estudantes da faculdade	11	16%	Com o seguinte texto: “Tá preparado pra ver poder e conhecimento no palco? Então não perca as acadêmicas maravilhosas que apresentarão o Trabalho de Conclusão de Curso no BUZZ hoje – o famoso TCC. Força, girls! Estamos com vocês” (AMPLIFICA, <i>Facebook</i> , 2018),

⁷⁰ Importante apontar que dessas 13 postagens, apenas em uma a temática não estava identificada. O restante, 12, possuíam relação direta com a luta feminista.

Quadro 5 – Análise ampla da página do coletivo

(continua)

Categorias de análise das postagens	Nº de postagens	Valor percentual⁷¹	Exemplos⁷²
			divulgaram uma imagem com cronograma de apresentação de Trabalhos de Conclusão de Curso de algumas mulheres da faculdade.
Divulgação do coletivo ⁷³	7	10%	Divulgaram a imagem de algumas mulheres da organização presentes em um evento cultural com o seguinte texto: “Nossas garotas e as artes das meninas no último Rolê das Manas no @casa.colherdecha. Muito obrigada a casa pela oportunidade, e às manas que expuseram seus trabalhos” (AMPLIFICA, <i>Facebook</i> , 2018).
Ligação forte ao mercado de trabalho	6	8%	Com o texto “Já fez os planos pra esse final de semana de feriado? A gente tem uma dica! Domingo, dia 14 de outubro, o Núcleo Comunicação realizará a primeira edição do Encontrão da Comunicação. Com uma proposta descontraída, o evento respira cultura, arte e cria um ambiente de troca de ideias perfeito para um bate-papo de fim de domingo. Nós, do

⁷¹ Valores percentuais foram arredondados para duas casas decimais.

⁷² Em algumas postagens existiam “emojis”, pequenas imagens, que foram retirados dos textos.

⁷³ Importante ter clareza que toda e qualquer postagem na página do coletivo possui caráter divulgativo. Entretanto estas formam postagens que especificamente divulgavam alguma participação das mulheres do coletivo em algum evento.

Quadro 5 – Análise ampla da página do coletivo

Categorias de análise das postagens	Nº de postagens	Valor percentual	Exemplos
			Amplifica, já temos presença confirmada e estaremos lá exibindo os trabalhos das nossas artistas. O Encontro começará a partir das 17 horas do dia 14 de outubro no Colher de Chá, de Içara. Nos vemos lá?” (AMPLIFICA, Facebook, 2018) compartilharam imagens com informações deste evento.
Total de postagens	71	100%	

Um outro olhar realizado para as postagens do coletivo foi relacionado a autoria das postagens. Dentre as 71 postagens, três foram compartilhamentos diretos, sem contribuição da equipe de organização do coletivo. Entretanto, em todas as outras 68 postagens, ou o texto era criação delas, ou elas reescreviam a partir do material compartilhado. Trazem fortemente a questão da autoria⁷⁴ nestas postagens. Na roda de conversa, ao serem questionadas sobre essa característica, se existia intencionalidade nesta prática autoral, apontam que seria fruto da formação profissional que tiveram.

Acho que é a formação acadêmica. Estratégico não é. A gente não está ali atuando como se fosse um veículo, um jornal. Mas, querendo ou não, a gente comunica, e pode gerar algum tipo de influência, então a gente não pode ser só um eco. A gente tem que dar a nossa opinião. Acho que por nós todas sermos da comunicação, a gente acaba lendo e dizendo o que a gente enquanto coletivo interpretou, achou. [...] A gente tem sempre que escrever o que a gente acha (JANIS).

⁷⁴ Cabe ressaltar o trabalho de uma colega do programa do mestrado sobre o plágio acadêmico. No trabalho intitulado “As concepções de plágio acadêmico e os processos de autoria no âmbito da Pós-Graduação stricto sensu” discute-se entre vários elementos, a concepção de autoria. Sugere-se para um futuro debate sobre autoria a retomada deste trabalho escrito pela Jenifer Sabrina Zuze.

Não existe clareza se a formação acadêmica direciona nesse sentido de trazer a autoria tão forte. Parece que, na verdade, o perfil das mulheres que buscam e já atuam no coletivo tenciona muito mais nesse sentido. Independentemente se isso vem da formação formal ou não formal, algo extremamente relevante é o fato de que esta prática de reescrever as postagens permite uma leitura da realidade a partir de seus olhares. Permite uma ampliação da ciência da técnica, como traz Vieira Pinto (2005), na medida em que ampliam suas visões do mundo. Não aceitam o conhecimento finalizado, mas o reescrevem a partir de seus olhares.

Continuando na análise das postagens, se elas fossem divididas em apenas duas categorias, uma relacionada a questões mais amplas, globais, onde se buscam intervenções na sociedade que atinjam diretamente a vida das pessoas; e outra relacionada a questões mais locais, de caráter interpessoal, mais focadas nas mulheres que participam do coletivo, na luta específica do movimento, a luta feminista, teríamos o seguinte quadro:

Quadro 6 – Análise das categorias local/global na página do coletivo

(continua)

Categorias de análise das postagens	Nº de postagens	Valor percentual	Exemplos
Questões mais locais/interpessoal	66	93%	Com fotos do um encontro quinzenal delas, divulgaram o seguinte texto: “Esse foi o nosso encontro ontem sobre feminismo radical. Mais uma noite de troca de informações com muita mulher forte juntas! Obrigada pela presença de todas, meninas!” (AMPLIFICA, Facebook, 2018).
Questões mais globais/amplas ⁷⁵	5	7%	Com uma imagem de mulheres com bandanas compartilharam

⁷⁵ Todas as postagens enquadradas nesta categoria possuíam forte vínculo com a democracia, seja trazendo debate sobre as eleições ou sobre pautas do congresso.

Quadro 6 – Análise das categorias local/global na página do coletivo

Categorias de análise das postagens	Nº de postagens	Valor percentual	Exemplos
			o seguinte texto: “Hoje, 14/06/2018 nossas hermanas da Argentina fizeram história. A lei que descriminaliza o aborto foi aprovada na câmara e agora vai ao Senado. A luta das manas tá linda! Teve até vigília em frente ao congresso durante toda a votação. #abortolegal #direitodasmulheres #feminismo #nenhumdireitoamenos” (AMPLIFICA, <i>Facebook</i> , 2018).
Total de postagens	71	100%	

A rede social virtual do coletivo também corrobora com a análise dos movimentos sociais contemporâneos possuírem foco nos vínculos pessoais. Sabe-se também, segundo Gohn (2010a, 2010b), que o Coletivo Amplifica é um movimento social identitário, e com isso, com essa característica mais voltada para o local. Sendo inegável a percepção de que atuam fortemente nessa área.

Ao se realizar um olhar para as postagens pelo viés formativo, como pode ser visualizado no quadro abaixo, buscou-se postagens que possibilitem ampliar a formação das participantes além do que encontram no cotidiano presencial do coletivo, e postagens que trazem apenas característica de informar algo que ia acontecer ou que já havia acontecido.

Quadro 7 – Análise da formação na página do coletivo

Categorias de análise das postagens	Nº de postagens	Valor percentual	Exemplos
Material mais informativo ⁷⁶	62	87%	Com o texto “Mulher que se ama, se cuida! Faça o autoexame e previna-se contra o câncer de mama.” (AMPLIFICA, <i>Facebook</i> , 2018), trazem uma imagem sobre os cuidados na prevenção do câncer de mama.
Material com textos/vídeos possibilitando ampliar a formação pessoal e/ou profissional ⁷⁷	9	13%	“Entre as listas mais acessadas da Biblioteca Pública de NY, a seleção "Know Your Feminisms" traz 14 títulos de livros feministas indispensáveis. A Revista CULT fez uma matéria contando um pouco sobre cada um deles. Você já leu algum deles? Comenta aí. Link da lista de livros em inglês: https://www.nypl.org/blog/2016/03/08/know-your-feminisms ” (AMPLIFICA, <i>Facebook</i> , 2018).
Total de postagens	71	100%	

6.7.3 A cultura digital e o espaço *off-line*

Ao se ver um coletivo de mulheres se organizando na sua faculdade em torno da luta feminista, é possível ver também a influência que diversos movimentos feministas têm no mundo todo.

Quando participam de um ato, organizado por outro grupo, relacionado à morte de uma referência na luta pelo feminismo, dois dias

⁷⁶ Não se quer desconsiderar o caráter formativo de todo tipo de postagem, entretanto, aqui agrupou-se questões mais ligadas ao cotidiano do coletivo. Quando, por exemplo, convocam para um encontro delas, ou quando se posicionam politicamente, ou quando trazem presente obras das mulheres da faculdade, estão proporcionando também formação, mas trazem elementos que ocorrem independentemente das postagens.

⁷⁷ Se apontou aqui as postagens que possibilitem buscar conhecimentos em outros espaços para além do coletivo e do seu local de atuação presencial.

após seu assassinato, trazem presente essa forte conexão entre o local e o global trazido por Giddens (1991) e essa ligação em rede com outras lutas, locais e mundiais.

O Coletivo Amplifica surgiu de algumas angústias, anseios de suas mulheres, mas surgiram também por essa relação que tiveram com o Coletivo Antonieta de Barros. Essa relação, em rede, reforça a lógica da sociedade em rede de Castells (2005), interligando *on-line* e *off-line*. E o fato de após isso, terem criado a página no *Facebook*, corrobora com Castells (2013) ao trazer que parte dos movimentos sociais surgem a partir desse diálogo nas redes sociais virtuais. Claro que as mulheres que “fundaram” o coletivo tinham laços presenciais na faculdade em que atuam, entretanto, a mídia social teve papel central nesse surgimento.

6.8 UTOPIA E ESPERANÇA DO COLETIVO AMPLIFICA

Ao sonharem, o Coletivo Amplifica tenciona uma formação humana cidadã, afinal, enxergam uma possibilidade de uma sociedade diferente da colocada atualmente. Aqui separou-se em duas seções, a primeira com um olhar para um sonho de continuidade do que já estão vivenciando. E, na segunda, um sonho mais distante do que experimentam atualmente.

6.8.1 Continuidade da caminhada

Quando se questionou sobre os próximos passos do coletivo, um elemento marcante dessa resposta é a necessidade de que o coletivo consiga chegar nas engenharias. Essa resposta é confirmada ao longo de toda a roda de conversa e no questionário, em que, em vários momentos, destacam a dificuldade e a necessidade de atuarem também nas engenharias da faculdade delas.

Malala: Dentro dos cursos de comunicação a gente tem bastante abertura por causa dos coordenadores que apoiam bastante o projeto. Mas se a gente vai tentar ir na engenharia ou qualquer outro curso, é bem mais complicado.

Janis: Acho que é uma meta né.

Malala: É uma meta!

Acredito que atingir mais meninas, principalmente da parte da engenharia da faculdade (**MARIA**).

Outra resposta forte, que pode ser percebida tanto nas respostas das rodas, como no questionário e na análise realizada no *Facebook*, é o desejo de continuarem ampliando os vínculos entre as participantes dos grupos. Importante lembrar que na análise realizada na mídia social percebe-se que 93% das postagens tencionam um olhar mais interpessoal, ressaltando e buscando ampliar os vínculos entre as mulheres.

Eu acho que a gente continuar a fazer os nossos encontros e ficar cada vez mais próximas. Quando a gente começou, não que a gente fosse perdida, mas a gente ainda estava ajustando as coisas que a gente fazia. E agora a gente está conseguindo fazer isso muito mais forte né, se estabilizar (**JANIS**).

Como a equipe de organização tem consciência, pois analisa isso, que a maioria das pessoas que acompanham as postagens são as próprias participantes do Coletivo Amplifica, sabem que essas postagens ao serem direcionadas para essa questão interpessoal, vão atingir principalmente suas colegas no grupo amplo.

Uma outra fala da **Janis** que reforça esse olhar para a importância dos vínculos interpessoais, é quando ela estava respondendo sobre questões da luta feminista e suas relações com a constituição federal, e traz o seguinte:

E sobre assistência aos desamparados[...] Não totalmente desamparados porque as pessoas que estudam aqui na faculdade, elas não são totalmente desamparadas. Elas têm suas casas e tudo mais. Mas esse desamparo pode ser um desamparo emocional. O desamparo de alguém que sofre de alguma coisa, que não necessariamente foi agredida de um modo físico, mas um modo psicológico. Que é quando as meninas vêm conversar com a gente. A gente já teve caso que a gente não imaginava, e acabamos descobrindo, e isso foi porque se sentiu à vontade pra conversar com a gente. Querendo ou não essa era uma menina desamparada que precisava de ajuda (**JANIS**).

Um outro elemento que fica explícito na fala anterior da **Janis**, é o desejo de continuarem com os encontros quinzenais. Explicitou o que estava implícito em todos os momentos da roda. Os encontros sempre foram tratados como um caminho a continuar sendo seguido.

Pode-se assim destacar os seguintes passos que o Coletivo Amplifica deseja:

- Atingir outras mulheres, principalmente das engenharias da faculdade onde atuam;
- Ampliar ainda mais os vínculos entre as participantes;
- Continuar com os encontros quinzenais.

Ao olharem para as mulheres que ainda não vivenciam o espaço do coletivo, evidenciam a busca da liberdade trazida por Freire (1996), desejam construir uma sociedade diferente, mas que englobe os outros nela, neste caso as outras mulheres. Assim, vão se propondo a, coletivamente, construírem a sociedade livre das amarras do machismo, libertando homens e mulheres⁷⁸.

A retomada forte de ampliação dos vínculos entre as participantes ressalta o caráter de um movimento social na cultura digital trazido por este trabalho, apontando o olhar mais voltado para as questões pessoais como já trazido por Gohn (2010b, 2014) e Castells (2013) ao longo da análise dos dados.

E o sonho de continuação dos encontros quinzenais propicia e amplia a capacidade de enxergarem com mais profundidade os sistemas abstratos/técnicas, trazidas por Giddens (1991) e Vieira Pinto (2005), dando cada vez mais condição de interferirem mais criticamente em uma sociedade em que, como aponta Santos (2007), está dominada pelo consumo e sua lógica destrutiva da cidadania humana.

6.8.2 Ampliando o campo da ação: em busca de mais autonomia

Existe um acontecimento interessante que surgiu na roda de conversa. Trata-se de um comentário da **Malala** sobre o desejo de que, no futuro, o coletivo possa ter um CNPJ⁷⁹. Inicialmente, quando questionadas sobre as possibilidades de formação que o coletivo oferece,

⁷⁸ Um elemento que ao longo da dissertação não surgiu é referente à participação dos homens no coletivo. Nas reuniões quinzenais, os homens não participam, entretanto nas outras atividades do Amplifica, percebe-se a presença deles. Tanto que quando questionadas da participação dos homens em um ato por elas organizado, trouxeram a importância de participarem mas de não tomarem o espaço de fala das mulheres, haja visto isto já ocorrer com tanta frequência na sociedade. Não se investigou exatamente como é essa relação dos homens com o coletivo feminista e se elas enxergam a possibilidade da participação deles no coletivo futuramente.

⁷⁹ Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica.

entenderam que se perguntava se elas ofereciam cursos, formações. Deste entendimento inicial surgiu a seguinte resposta:

Só que a gente não pode formar nada porque a gente não é um grupo com CNPJ, não tem nenhum tipo de autorização para poder formar as pessoas. A gente só vai dar abertura para que elas tenham conhecimento, mas não tem nada passado pelo MEC, ou algo do tipo (**MALALA**).

Com isso, foi-se questionado se elas possuíam intenção de um dia ter CNPJ:

Juliano: E vocês têm intenção de algum dia chegar a ter CNPJ? Já conversaram sobre isso?

Malala: Eu tenho a intenção de ir para o próximo passo do coletivo ir para uma ONG. Daí a ONG precisa de CNPJ registrado né. Eu acho que, vendo numa linha do tempo, essa seria a próxima etapa.

Janis: Solidifica mais.

Foi a primeira vez em toda a roda de conversa em que a **Malala** falou na primeira pessoa. Mesmo na sequência a **Janis** confirmando a fala dela, percebe-se que isto parte da própria **Malala**, e que foi lançado como proposta para algumas meninas da equipe de organização. Como pode ser visto a seguir:

Janis: Solidifica mais.

Juliano: Chegaram a conversar com as meninas isso?

Malala: A gente conversou. Na verdade, na última reunião eu comentei com vocês essa ideia, que vai ter um espaço de tempo de um a dois anos. Então a gente tem bastante tempo ainda para estabilizar.

Durante a roda de conversa, a **Malala** teve um destaque nas falas, como já trazido. Isto pode ter relação com a idade dela, pois dentre as participantes da roda ela era a mais nova, com 19 anos. A **Simone** possuía 21 anos, a **Janis** 24 anos, e a **Maya** 23 anos⁸⁰. Entretanto, não parece que a motivação de tantas falas possui relação etária, ou com o

⁸⁰ A **Maria** que não estava na roda de conversa e respondeu ao questionário possui 20 anos.

amadurecimento pessoal dela. O que se percebe é de que no grupo ela se destaca como uma liderança. Mesmo que durante a roda as participantes tenham negado que existia uma líder do grupo, no questionário, a **Maria** traz forte isto ao ser indagada da existência de uma liderança do coletivo: “A **Malala** geralmente está à frente das atividades” (**MARIA**). Não significa que ela foi escolhida como líder, mas que acaba se destacando, como aponta Castells (2013), que mesmo em um movimento social nesta cultura digital tendo dificuldade em aceitar posições hierárquicas, dentre os participantes acaba que algumas pessoas se destacam. A própria existência de dois grupos, um de organização e um amplo, ressalta a existência de hierarquia na lógica do grupo.

Mas qual relação desse possível papel de liderança da **Malala** com o CNPJ que ela traz? Se ela acaba se destacando na equipe, é natural que os gestores, professores e outras lideranças da faculdade a vejam como uma referência. Dito isto, é natural que quem está à frente de determinado grupo sofra maior parte das pressões. Ressalta-se que mesmo as mulheres trazendo que tiveram apoio dos seus coordenadores, ainda estão presentes em um estabelecimento muito machista⁸¹, com uma visão patriarcal forte. Assim, a ideia do CNPJ pode ser apontada como uma saída deste controle, como uma possível busca de maior autonomia da faculdade.

Partindo desse elemento final, pode-se retomar os sonhos do coletivo da seguinte forma:

- Atingir outras mulheres, principalmente das engenharias da faculdade onde atuam;
- Ampliar ainda mais os vínculos entre as participantes;
- Continuar com os encontros quinzenais;
- Ampliar a autonomia do coletivo (expandir o coletivo para além da faculdade).

Este elemento acrescentado permite avaliar que o coletivo possui uma busca de maior autonomia, trazida na proposta de Freire (1996), em acordo direto com os outros autores usados para conceituar formação humana neste trabalho.

Algo que não é papel desta pesquisa, mas como o coletivo terá acesso a ela, aponta-se nela a preocupação dessa saída da “informalidade”

⁸¹ Durante a roda de conversa, ao trazerem que a faculdade era uma instituição “muito masculina”, bem como outras falas, trazem o machismo presente na sociedade e na faculdade em que atuam. Acabou-se não investigando outros elementos que reforçassem essa conclusão, entretanto para as mulheres do coletivo claramente o machismo é predominante também na faculdade em que atuam.

para a “legalidade” com a existência do CNPJ. A experiência enquanto atuação no terceiro setor tem demonstrado que quando um movimento social se institucionaliza, acaba enfrentando um número maior de burocracias e se enquadrando de certa forma nas estruturas de poder existente. Um exemplo prático: Se uma ONG vai em busca de fontes de recurso, se os encontrar, acabam enfrentando recursos com destinações tão específicas que acabam por limitar a atuação da ONG. Este alerta vem no sentido de ajudar o Coletivo Amplifica nos próximos passos, visto o olhar esperançoso para aquilo que as mulheres participantes dele vêm fazendo na realidade em que vivem. Natural que ao terminarem seus cursos superiores, a faculdade vai ser pequena para a atuação delas. Se o caminho é a busca de CNPJ ou a continuidade enquanto movimento social, a decisão cabe a elas, aqui apenas surge um elemento de reflexão. Não significa uma crítica a busca de maior autonomia, pelo contrário, mas de um cuidado que o caminho que estejam delineando a longo prazo não consiga atender essa expectativa de autonomia institucional.

6.9 UMA FORMAÇÃO HUMANA CIDADÃ?

Iniciou-se esta pesquisa com a necessidade de se compreender a formação humana cidadã desenvolvida nos movimentos sociais dentro da cultura digital. Uma das percepções que se foi desenvolvendo ao longo da pesquisa é a necessidade de, para além de entender esta problemática, perceber que em todos os espaços que as pessoas vivenciam existe imbricada uma formação humana. Esta formação nestes espaços pode levar o ser humano a desenvolver sua autonomia ou agredir seu desenvolvimento, o privando da liberdade de escolha e de um olhar crítico para a realidade.

Em tempos em que se exaltam atrocidades entre países e entre pessoas, quando o conservadorismo se faz forte, sempre surgem, dialeticamente, a presença de forças que apontam para uma formação da pessoa enquanto ser para a liberdade e para os outros, que amplia sua vida em conjunto com a coletividade da humanidade.

Dentro da cultura digital, na qual o local e o global trazidos por Giddens (1991) se conectam à sociedade em rede apontada por Castells (2005), negar a existência de forças conservadoras que continuam dominando a partir das técnicas, como nos alerta Vieira Pinto (2005), é deixar que a domesticação continue sendo realidade. Os movimentos sociais e, nesse caso, o Coletivo Amplifica, na medida em que possibilita ampliar a leitura de mundo das mulheres que participam dele, permite que estas diminuam as possibilidades de domesticação. Entretanto, é inegável

que, mesmo com a proposta do coletivo sendo libertadora, acaba que, dialeticamente, as forças domesticadoras também existem dentro dele, fato evidenciado na tentativa do coletivo em se adaptar à lógica de mercado trazida pela faculdade onde atuam, quando uma parte da força de atuação do coletivo vai ao encontro da lógica tecnicista da faculdade, ao invés de questionarem essa lógica. Deixam-se, assim, neste ponto, sofrerem uma pressão da sociedade de consumo, diminuindo a possibilidade de ampliação da cidadania que Santos (2007) traz. Embora aponte-se esta força domesticadora presente na vida do coletivo, todos os outros elementos que a análise dos dados possibilitou apontam para o seu contrário. Ou seja, o coletivo tem demonstrado ser elemento que possibilita a ampliação da cidadania e, conseqüentemente, a ampliação dos direitos das mulheres que participam dele, bem como da possibilidade de elas interferirem na sociedade em que vivem.

Quando foram questionadas sobre qual a relação que faziam entre o movimento feminista e os direitos sociais da constituição, algo que chamou a atenção foi a capacidade de rapidamente relacionarem para cada ponto uma pauta feminista. Foram respondendo e rapidamente citaram vários exemplos de como pode-se relacionar o feminismo com a constituição neste quesito.

A gente pode pensar em cada ponto como mulher. Qual é o espaço da mulher dentro de cada um desses pontos? Educação: Qual o espaço da mulher aqui dentro da faculdade? Qual espaço das mulheres negras dentro da faculdade? Saúde: Qual é a saúde para uma mulher que aborta? Existe? O que ela recebe neste setor na saúde? Alimentação: Talvez a gente possa falar sobre voltar um pouco mais para atrás, sobre patriarcado, onde a mulher vai comer menos e vai deixar um pouco mais porque o homem trabalhou. [...] Trabalho: Não precisa nem dizer, quando a gente fala que ganha menos. Moradia: A gente pode relacionar a mães solteiras que lutam para ter sua própria casa, que a mãe sempre fica com o filho. Então todos são pontos, principalmente segurança, que a gente pode relacionar ao feminismo porque em todos os pontos sociais a mulher acaba sofrendo com desigualdades (JANIS).

Esta capacidade de relacionar os direitos sociais com a luta feminista, bem como as diversas possibilidades de atuação

transformadora na sociedade trazidas pelo coletivo apontam, dentro da perspectiva de Santos (2007), para uma cidadania ampliada do grupo.

Atualmente, a maioria das intervenções do coletivo atingem a própria instituição de ensino em que vivenciam. Entretanto, apontam expectativas de ampliarem a autonomia delas na busca de irem além da própria faculdade daqui a alguns anos. Este elemento forte em toda a análise, a de transformar a realidade em que vivem e de tentarem ampliar essa construção da maneira mais coletiva possível, corrobora com a concepção de movimento social deste trabalho trazida por Castells (2013), Gohn (2010a, 2010b) e Scherer-Warren (1989). Assim como o Coletivo Amplifica também traz elementos que apontam para as características de movimentos sociais nesta cultura digital, como a busca pela horizontalidade trazida por Castells (2013), a lógica em rede apontada por Gohn (2010a, 2010b) e Castells (2013), bem como a busca por vivenciarem discussões mais ligadas aos vínculos interpessoais, como aponta Gohn (2010b).

Mostrou-se que com a atuação da equipe de organização, estas mulheres do coletivo vivenciam principalmente processos de educação não formal, como apontados por Gohn (2010a), na medida em que não possuem “professores”, e acabam aprendendo com o próprio processo autônomo de condução do coletivo, seja na condução dos encontros quinzenais, seja na realização dos eventos, ou seja nas outras atividades em que o coletivo se envolve.

Fica claro que as mulheres do coletivo, dentro dele, vivenciam principalmente uma formação humana que privilegia a autonomia, com a possibilidade de transformação da realidade em vistas de ampliação da cidadania. Tendo-se em vista o sonho delas em ampliar o coletivo para as mulheres que ainda não participam dele nas engenharias, trazendo presente uma necessidade de as conquistas e percepções que possuem se estenderem para além delas. Isso, casado com a insistência em atuarem, de criarem esse espaço de luta, e de irem participando enquanto detentoras do direito à voz na faculdade em que vivenciam, corroboram com a visão que este trabalho possui sobre formação humana cidadã e, de certa forma, responde ao problema de pesquisa.

7 CONCLUSÃO

Ao longo do texto, buscou-se conduzir o trabalho a partir do problema de pesquisa e dos objetivos específicos apresentados a priori. Ao concluir este trabalho, opta-se por revisitá-los pontualmente. Antes, retoma-se novamente o problema desta pesquisa: “Em que sentido a atuação dos sujeitos nos movimentos sociais na cultura digital contribui com uma formação humana cidadã?”, e os objetivos específicos, que foram: Compreender o que são movimentos sociais na contemporaneidade; Definir o que se entende por formação humana cidadã; e Verificar como esses espaços contribuem para formação humana cidadã.

A partir do diálogo entre Castells (2013), Gohn (2010a, 2010b, 2014) e Scherer-Warren (1989) chegou-se ao conceito de movimento social. Como característica marcante, todo movimento social age dentro da possibilidade de transformação que a sociedade possui. Assim, dada uma realidade, atuam na tentativa de modificá-la a partir dos interesses dos seus participantes. Estes podem ser individuais ou coletivos, atendendo às necessidades específicas dos seus participantes ou de mais pessoas, em uma tentativa de buscar uma transformação mais ampla do que a própria realidade específica do movimento social.

Nesta pesquisa, o Coletivo Amplifica corrobora com a concepção de movimento social, sendo que, de um total de 54 mulheres, investigou-se quatro dentre as seis integrantes da sua equipe de organização. Essa tentativa de modificar a realidade, no coletivo, pode ser vista fortemente no meio acadêmico que frequentam, onde tentam dar voz às mulheres que, por um contexto local e global, possuem pouca possibilidade de atuação. Ampliam a possibilidade de mudança quando trazem seus desejos de que, após certo tempo, possam trabalhar além do espaço da faculdade; ou quando, mesmo agindo dentro da instituição de ensino que frequentam, fazem contribuições na formação das mulheres que dele participam e que estas acabam modificando seus espaços pessoais e profissionais. A partir do olhar da sociedade em rede de Castells (2005), com a existência do coletivo nos espaços *on-line*, nesta pesquisa o *Facebook*, possibilitam também interações que vão além dos seus espaços *off-line*.

Os movimentos sociais, ao longo da história do Brasil e do mundo, acabaram por contribuir na criação de espaços mais institucionalizados no final do século XX, com o surgimento de organizações do terceiro setor e espaços governamentais de decisão, como os conselhos de direito. Estes espaços podem caminhar contribuindo com a luta de transformação

da sociedade, ampliando os direitos das pessoas, em parceria com os movimentos sociais, ou dificultando a busca por cidadania dos seres humanos ao estarem atrelados a outros interesses (GOHN 2010a, 2014). Percebeu-se do Coletivo Amplifica, na tentativa de saírem do espaço “restrito” acadêmico, o possível desejo de se tornarem uma entidade do terceiro setor. Isto foi pontuado nesta pesquisa e feito o alerta que a história aponta a necessidade de existência dos movimentos sociais para além dos espaços institucionalizados.

Tudo isso acontecendo em uma época que Giddens (1991) classifica como modernidade e que possui uma relação de forças entre os estados-nações e suas quatro dimensões: o capitalismo, o industrialismo, a vigilância e o poder militar. Santos (2007) corrobora, entretanto, aponta que estes estados-nações sofrem uma maior influência do mercado financeiro, em que a lógica do consumo permeia a vida das pessoas, interferindo na cidadania delas. Assim, o central não é a ampliação dos direitos das pessoas, mas o consumo. Antes de se discutir as necessidades individuais e coletivas, pergunta-se o que o mercado deseja. Este elemento de interferência na sociedade também se dá presente nos movimentos sociais, mesmo eles atuando de forma crítica. Como foi verificado com o Coletivo Amplifica, no qual percebeu-se que mesmo atuando na tentativa de buscar mais direitos para as mulheres, acaba sofrendo pressão do olhar da instituição em que atuam, surgindo no discurso delas a necessidade forte do olhar profissional, na tentativa de “acalmar” as pressões, tendo visto que atuam em uma instituição fortemente técnica, profissionalizante. Por outro lado, pode-se inferir que ainda há espaços para a formação política dentro das instituições de ensino superior, posto que o encontro destas mulheres e o próprio movimento ocorre no contexto de uma faculdade, mesmo que este seja por iniciativa dos estudantes.

Esta contemporaneidade, fortemente marcada pela cultura digital, pelas relações de forças entre diversos poderes citados anteriormente, interfere nos espaços *on-line* e *off-line*, devido à lógica da sociedade em rede trazida por Castells (2005). Ao permear o real e o virtual, interferem ambos os espaços também na vida de um movimento social. Assim, a luta por transformação exige clareza das disputas entre as forças de poder, seja nos espaços *on-line* ou nos espaços *off-line*. É preciso conhecer os recursos tecnológicos e suas potencialidades a fim de compreender as formas de dominação que se estabelecem por meio destas, bem como entender a própria forma como a sociedade está estruturada.

Essas ferramentas, estratégias, denominadas por Viera Pinto (2005) de técnicas e por Giddens (1991) de sistemas abstratos, podem ser

usadas na busca da dominação ou refutá-la. Assim, aumentar a possibilidade de transformar a realidade é ampliar o conhecimento dessas técnicas, bem como apropriar-se dos mecanismos de dominação possibilitados por estas. O Coletivo Amplifica, ao realizar os encontros quinzenais com o debate de temáticas próprias da luta feminista, bem como ao participarem de eventos, ou via processos de educação não formal na medida em que atuam enquanto movimento social, apontado por Gohn (2010a), seja nos espaços *on-line* ou *off-line*, possibilita essa leitura mais crítica da realidade e das forças que disputam a condução da sociedade.

Ao olhar para os movimentos sociais nesta cultura digital, Gohn (2010a) e Castells (2013) trazem que os movimentos sociais contemporâneos buscam maior horizontalidade na sua atuação por vivenciarem uma sociedade em rede. Neles, segundo Gohn (2010a), tem-se espaços possíveis para uma formação diferenciada, nos quais aprendem na medida em que atuam com os diversos sujeitos participantes do movimento social, não necessariamente um professor. Esta formação estabelece fortes vínculos no âmbito de uma atuação autônoma, considerada por Gohn (2010a) de uma educação não formal. Sendo que a educação formal seria mais ligada aos espaços institucionalizados na sociedade com a função de ensinar, e a educação informal seria uma espécie de formação que acontece na medida em que se vivencia os vínculos interpessoais ao longo da vida, como na família, grupo de amigos, entre outros espaços sociais. O Coletivo Amplifica surge em um espaço de educação formal, uma instituição de ensino superior, entretanto, ao atuar, exercita fortemente a educação não formal, como já trazida no parágrafo anterior.

Esta análise do conceito dos movimentos sociais e dos desafios que encontram na cultura digital dialoga com o conceito de formação humana cidadã deste trabalho. Um movimento social, na medida em que exercita a autonomia de seus participantes, e neste caso, das mulheres do Coletivo Amplifica, possibilita um respeito ao que Freire (1996) chama de inconclusão do ser humano. De tal forma que não é possível aceitar que a sociedade e sua condução estejam fixados em um único caminho. O coletivo, na pesquisa de campo, mostrou propiciar que a equipe de organização tem muita autonomia na condução da vida deste. Claro que é importante lembrar que, dialeticamente, este também está imerso em situações autoritárias, como foi visto com a tentativa de dar um retorno às expectativas da própria faculdade que estudam.

Quando o Coletivo Amplifica olha para a realidade das mulheres da faculdade e constrói um caminho formativo, que busca capacitar

teoricamente as participantes com relação ao feminismo e outras pautas, quando busca ampliar os direitos das participantes e enxerga a necessidade de incluir outras mulheres nessas conquistas, está contribuindo para uma formação cidadã na perspectiva que Santos (2007) e Severino (1994, 2005, 2006, 2010).

E um movimento social, ao visualizar a realidade como possível de ser transformada, saindo de uma tendência essencialista e existencialista, projeta uma educação virada para o futuro, como defende Suchodolski (2002), e possibilita que, como Freire (1987) traz, se rompa com a dominação existente, seja ela em nível mais local ou global, pessoal ou interpessoal, nos espaços *on-line* ou *off-line*. O Coletivo Amplifica enxerga um futuro diferente do que é posto pela sociedade local e global, e atua buscando essa mudança, concordando com o que trazem Freire (1987) e Suchodolski (2002) e propiciando uma formação do ser humano enquanto ser que está no mundo e pode interferir nele. A realidade não está dada e muito menos existem valores morais que sejam intocáveis, essenciais. Atuam, tal qual o Coletivo Amplifica, no chão que pisam, pois entendem que é possível (re)construir aquilo que é definido como essência, e que a realidade pode ser transformada em algo mais justo para a humanidade.

Assim, a partir de Freire (1987, 1996), Suchodolski (2002), Severino (1994, 2005, 2006, 2010) e Santos (2007) entende-se que uma formação humana cidadã ocorre na medida em que as pessoas atuam em uma realidade na perspectiva de modificá-la na busca de ampliação da cidadania das pessoas. Com a consciência de que a ampliação da cidadania só é possível na medida em que se busca um diálogo harmônico entre as necessidades individuais e coletivas dos humanos e humanas. Os movimentos sociais, ao atuarem na busca da transformação da realidade, corroboram com a ampliação da cidadania de seus participantes, na medida em que estes ampliam seus conhecimentos das técnicas usadas para a dominação e lutam por mais direitos.

Mesmo os movimentos sociais sendo palco de processos educativos não formais e, consecutivamente, contribuindo teoricamente para uma formação humana cidadã, não significa que ela também não possa ser desenvolvida nos espaços educacionais formais e informais. Isto pode ocorrer, desde que se possibilite perceber com mais clareza as estruturas de domínio existentes na cultura digital, propiciando às pessoas se colocarem como agentes transformadores da realidade. O próprio surgimento do Coletivo Amplifica permite visualizar este elemento, afinal, para tal, precisa de algumas condições prévias, como a crença de que a sociedade pode ser diferente, como trazida por Castells (2013), e

isto se deu anteriormente à existência do coletivo, significando que os espaços formais e informais nos quais as mulheres participaram/participam deram suas contribuições também.

Feito essa retomada dos movimentos sociais na cultura digital e do que seria uma formação humana cidadã, chegou-se à pergunta central deste trabalho, onde se busca perceber a contribuição da vivência no Coletivo Amplifica para uma formação humana cidadã. Para tal busca, optou-se por investigar a partir de uma roda de conversa com a equipe de organização do coletivo, bem como também analisar a mídia social *Facebook* do grupo.

Toda essa visão conclusiva da base teórica construída na dissertação, em diálogo com os dados trazidos da pesquisa de campo, aponta que o Coletivo Amplifica é um movimento social que existe dentro da cultura digital e, como tal, se evidencia os elementos apresentados nesta base teórica. Dito isto, na tentativa de responder à pergunta central desse trabalho, tem-se algumas conclusões significativas. Uma, que não foi pensada a princípio, seria de que no Coletivo Amplifica existem, além dos espaços autônomos, de libertação, também espaços de controle, de interferência da lógica de consumo na vida do Coletivo. Assim, mostram nas suas falas que a instituição (faculdade) em que estudam possui certa interferência na condução do próprio Coletivo, quando este deixa de atuar enquanto um movimento social, transformando a realidade, para se adaptar à lógica existente. E o outro, com mais evidência, que o Coletivo contribui para a equipe de organização deste, um espaço autônomo de atuação, propiciando participação, onde buscam, a partir dos seus anseios, interferir na realidade de opressão, inclusive profissional, que as mulheres vivenciam. Buscam ainda ampliar os direitos para além das suas participantes, tentando atingir outras mulheres, que não estão envolvidas com o coletivo, dentro da faculdade e fora. Mostram assim, na maneira como conduzem e atuam, que possibilitam a ampliação da formação humana cidadã de suas membras, de acordo com o conceito construído com Freire (1987, 1996), Suchodolski (2002), Severino (1994, 2005, 2006, 2010) e Santos (2007).

Como uma das percepções finais da pesquisa, visualiza-se que, para aprofundar a resposta ao problema levantado inicialmente, necessitar-se-ia maior acompanhamento da vivência delas cotidianamente, algo processual, que consiga perceber mudanças históricas na vida delas e no local onde atuam. Um olhar acompanhando com mais cautela a vida cotidiana do coletivo pode ampliar a percepção de como se dá a interferência desta atuação na formação humana cidadã de suas participantes. Isto, com a possibilidade de uma análise

comparativa entre a equipe de organização e as outras participantes do grupo amplo, traria maiores elementos de análise, bem como possibilitaria comparar com mais detalhes as diferenças de ocupar os dois espaços (equipe de organização e o grupo amplo) na formação humana cidadã delas.

Algo inquietante no processo desta pesquisa foi a desmobilização do Coletivo Antonieta de Barros, que acabou proporcionando a aproximação com o Coletivo Amplifica. Surge uma pergunta com isso: seria esta vida curta do coletivo Antonieta uma característica dos movimentos sociais na cultura digital? Ou não? Qual a perspectiva de existência dos coletivos nesse contexto?

Feito o levantamento dessa dúvida que a pesquisa propiciou, deseja-se firmar uma outra conclusão para além da resposta ao problema de pesquisa. O de que, assim como Gohn (2014), concorda-se com a necessidade da existência dos movimentos sociais nesta sociedade e em outras, como agentes fundamentais de transformação. Aqueles e aquelas que ficam à margem da lógica dominante precisam pautar a ampliação de suas cidadanias e, conseqüentemente, das cidadanias de todas as outras pessoas. Sempre com a necessidade de um olhar para as forças conservadoras que atuam nos movimentos sociais contemporâneos, haja visto as evidências desta pesquisa da pressão da instituição sobre o coletivo, e do atual cenário nacional, onde existem projetos em trâmite no legislativo que buscam criminalizar os movimentos sociais. De quem viria a crítica social e a possibilidade de mudança? De espaços institucionalizados? Barrar esse ataque e continuar com a luta dos movimentos sociais contribui para um futuro diferente a partir da atuação no presente.

REFERÊNCIAS

AMPLIFICA, Coletivo. **Voz e espaço às mulheres na academia**. 2018. Página do Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/coletivoamplifica/>>. Acesso em: 10 nov. 2018.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, Distrito Federal: Senado Federal, 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: 10 set. 2018.

_____. **Estatuto da Juventude**. LEI Nº 12.852, DE 5 DE AGOSTO DE 2013. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112852.htm>. Acesso em: 30 ago. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede: do conhecimento à Política**. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (Orgs.) *A Sociedade em Rede: do Conhecimento à Ação Política*. Lisboa – Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p. 17-30, 2005.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB. **Evangelificação da juventude: desafios e perspectivas pastorais**. São Paulo: Paulinas, 2007.

DEMO, Pedro. **A força sem força do melhor argumento: ensaio sobre “novas epistemologias virtuais”** / Pedro Demo. – Brasília: Ibict, 2010. 139p. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/959>>. Acesso em: 27 abr. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais**. São Paulo: Cortez, 2010a.

_____. **Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b.

_____. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 2014.

GROPPO, Luís Antonio. **Juventude: ensaios sobre Sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

INSTITUTO CATARINENSE DE JUVENTUDE. **Quem somos**, 2012. <http://icj.org.br/novo/?page_id=2> Acesso em: 22 jul. 2017.

_____. **Vozes da juventude catarinense: rodas de conversa / Instituto Catarinense de Juventude**. - Xanxerê: Newsprint, 2014. 64 p. Disponível em: <http://icj.org.br/novo/?page_id=269>. Acesso em: 18 jul. 2016.

PASTORAL DA JUVENTUDE. **História da Pastoral da Juventude**, jan/2018. <<http://www.pj.org.br/quem-somos/historia-da-pastoral-da-juventude/>>. Acesso em: 16 set. 2018

PEIXOTO, Joana. Relações entre sujeitos sociais e objetos técnicos uma reflexão necessária para investigar os processos educativos mediados por tecnologias. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 61, p. 317-332, jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782015000200317&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 maio 2016.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: USP, 2007.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 1989.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Desafios da formação humana no mundo contemporâneo. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 29, p. 153-164, 2010.

_____. Educação e ética no processo de construção da cidadania. *In*: LOMBARDI, José Claudinei; GOERGEN, Pedro. **Ética e educação: reflexões filosóficas e históricas**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **Educação, trabalho e cidadania: a educação brasileira e o desafio da formação humana no atual cenário histórico**. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, v. 14, n.02, p. 65-71, 2001.

_____. **Em busca do sentido da formação humana: tarefa da Filosofia da Educação**. Educação e Pesquisa (USP Impresso), v. 32, p. 619-634, 2006.

_____. **Filosofia da educação construindo a cidadania**. São Paulo: FTD, 1994.

SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: pedagogia da essência e a pedagogia da existência**. São Paulo: Centauro, 2002.

TIBURI, Marcia. **O que é feminismo?** Mar, 2015. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/o-que-e-feminismo/>>. Acesso em: 01 nov. 2018.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1995.

VIEIRA PINTO, Álvaro. A Tecnologia. *In*: Vieira Pinto, A. **O Conceito de Tecnologia**. 2v. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

APÊNDICES

Quadro 8 – Levantamentos de pesquisas na tentativa de diálogo com a temática do trabalho.

Palavras Pesquisadas	Nº de Artigos	Artigos em português (Brasil)	Relacionam movimentos sociais e internet	Relacionam a formação humana e os movimentos sociais que atuam ou se utilizam da internet	Estudam algum movimento social específico	Se relacionam com outros elementos não relevantes para esta pesquisa
#1: "MOVIMENTOS SOCIAIS" "INTERNET"	11 ⁸²	7	1. A Internet e os novos processos de articulação dos movimentos sociais ⁸³ 2. Geração Internet: quem são e para	0	1. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013 ⁸⁷	Saúde na cidade. 1. Mapeando iniciativas territoriais saudáveis, suas características e evidências de efetividade. ⁸⁸

⁸² A rede Scielo apontou 13. Entretanto dois textos foram desconsiderados pois um artigo era repetido e outro se tratava de uma resenha de livro.

⁸³ Traz presente que se vive uma luta de classes, e que a internet é apenas ferramenta e que sem ela a luta social ainda acontece e aconteceria

⁸⁷ Na pesquisa se identifica dois movimentos centrais que desencadeiam as mobilizações de junho de 2013, e que com isso acaba apontando alguns elementos específicos destes movimentos: Movimento Passe Livre (MPL) e os Comitês Populares Da Copa.

⁸⁸ Fala sobre promoção de saúde. Os movimentos sociais aparecem, pois para a pesquisa, contribuíram na busca da saúde das cidades. A pesquisa busca identificar elementos característicos de cidades saudáveis no Brasil.

			<p>que vieram. Um estudo de caso⁸⁴</p> <p>3. Manifestações sociais e novas mídias: a construção de uma cultura contra-hegemônica⁸⁵</p> <p>4. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013⁸⁶</p>			<p>Cultura do estupro:</p> <p>2. Novos cenários: entre o “estupro coletivo” e a “farsa do estupro” na sociedade em rede.⁸⁹</p> <p>Ecologia:</p> <p>3. Redes-bioma: informação e comunicação para ação sociopolítica em ecorregiões.⁹⁰</p>
--	--	--	---	--	--	---

⁸⁴ O centro desta pesquisa é traçar um perfil de jovens universitários (na maioria), enquadrando-os enquanto uma GI (Geração Internet). E traz uma pequena discussão desta geração com os movimentos sociais, mas o foco é o perfil.

⁸⁵ Debate a importância das novas tecnologias de comunicação na luta dos novos movimentos sociais e do uso da imagem como luta contra-hegemônica.

⁸⁶ Discute a importância de movimentos sociais para o início das mobilizações massivas em junho de 2013 no Brasil.

⁸⁹ Trata de uma análise dos discursos de pessoas em relação ao caso de estupro de uma jovem no Rio em maio de 2016. A autora faz uma análise da interferência da sociedade em rede como estes discursos. E ao analisar os discursos ela traz uma diferenciação de discursos de participantes de movimentos feministas e dos que não participavam.

⁹⁰ Traz um pouco do histórico dos biomas brasileiros e das ONGs que se articulam em redes de proteção destes biomas. E que dentre as várias estratégias de luta, uma delas é o uso da internet para fazer a comunicação de suas “descobertas” para a sociedade.

#2: "MOVIMENTOS SOCIAIS" "INTERNET" "EDUCAÇÃO"	1	1	1. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013 [já consta na pesquisa #1]	0	0	0
#3: "MOVIMENTOS SOCIAIS" "DIGITAIS"	6	2	1. O renascimento da Comunicação para a transformação social: redefinindo a disciplina e a prática depois da 'Primavera Árabe' ⁹¹	0	0	Categoria de leitura para protestos sociais: 1. A tomada do palco: performances sociais de Mao Tsé-Tung a Martin Luther King, e a Black Lives Matter hoje
#4: "MOVIMENTO SOCIAL" "DIGITAIS"	1	1	0	0	0	Comunicação: 1. Explorando a dimensão empírica da cidadania comunicativa e

⁹¹ Seu foco é discutir a temática da comunicação enquanto elemento de transformação social que surge como pauta a partir dos novos movimentos sociais. E para isso o artigo traz um pouco dos movimentos sociais na contemporaneidade.

						direito à comunicação ⁹²
#5: "MOVIMENTO SOCIAL" "DIGITAL"	2	2	1. O movimento software livre do Brasil: política, trabalho e hacking ⁹³	0	1. O movimento software livre do Brasil: política, trabalho e hacking.	Comunicação: 1. Explorando a dimensão empírica da cidadania comunicativa e direito à comunicação [já consta na pesquisa #4]
#6: "COLETIVOS" "INTERNET"	8	7	1. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013 [Já consta na pesquisa #1]	0	1. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo.	Saúde: 1. Padrões de acessos a informações sobre proteção antiUV durante os verões brasileiros: haveria um “efeito verão”? ⁹⁶

⁹² Traz um diálogo do direito à comunicação a partir de um estudo da relação entre as rádios comunitários e o Movimento Sem Terra (MST).

⁹³ O autor analisa o movimento software livre no Brasil, e para isso faz um olhar histórico e da subdivisão não tão evidente entre duas correntes (*open e free*). Ele enquadra este movimento enquanto um movimento social. Entretanto, a discussão fica em torno destas duas correntes e da influência na realidade delas no Brasil. Praticamente não faz um debate deste movimento na internet.

⁹⁶ Artigo discute crescimento de pesquisas sobre saúde da pele na internet em diferentes épocas do ano.

		<p>2. Democracia digital e experiências de e-participação: webativismo e políticas públicas.⁹⁴</p> <p>3. Feminismos web: linhas de ação e maneiras de atuação no debate feminista contemporâneo⁹⁵</p>			<p>2. Escolha do tipo de parto: fatores relatados por puérperas⁹⁷. Tecnologias da Informação:</p> <p>3. Ações Coletivas e Tecnologia da Informação: Efeitos Indutores à Configuração dos Coletivos Inteligentes.⁹⁸ Comunicação:</p> <p>4. Redes Sociais e Juventude Rural: apropriações de propostas de Comunicação para o desenvolvimento</p>
--	--	---	--	--	--

⁹⁴ Basicamente este artigo analisa a influência do webativismo na pauta de políticas públicas.

⁹⁵ O artigo dialoga em como a internet contribui para o movimento feminista.

⁹⁷ Este artigo estuda depoimentos coletados de mulheres que recém deram a luz.

⁹⁸ Este artigo pesquisa como as Tecnologias da Informação (TI) interferem nas Comunidades de Prática (CoP). Para isso os pesquisadores avaliaram a relação entre listas de discussões eletrônicas no Conselho Nacional das Entidades de Provedores de Serviços de Internet (CONAPSI).

						em redes globalizadas. ⁹⁹
#7: "COLETIVOS" "INTERNET" "EDUCAÇÃO"	2	2	1. Movimentos sociais contemporâneos no Brasil: a face invisível das Jornadas de Junho de 2013 [Já consta na pesquisa #1].	0	0	Saúde: 1. Escolha do tipo de parto: fatores relatados por puérperas [Já consta na pesquisa#6].
#8: "COLETIVOS" "DIGITAIS"	3	1	0	0	0	Comunicação: 1. Deslocando fronteiras: notas sobre intervenções estéticas, economia cultural e mobilidade juvenil em áreas periféricas de São Paulo e Lisboa. ¹⁰⁰

⁹⁹ Traz uma pesquisa de como acontece a comunicação entre jovens do Brasil (Nova Olinda), Angola e Moçambique. Isso aconteceu através da articulação de ONGs destes países através do projeto “Rede de Crianças e Adolescentes Comunicadores de Língua Portuguesa”.

¹⁰⁰ Este artigo faz um diálogo da contribuição de mecanismos digitais (inclusive a internet) na comunicação de grupos de hip-hop das periferias de São Paulo e Lisboa para o mundo, rompendo com a barreira do local. Embora traga presente a relação destes

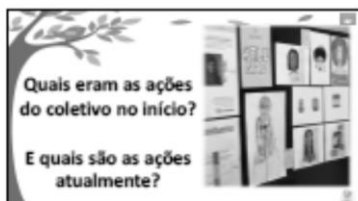
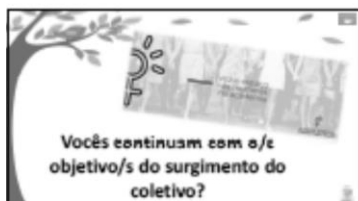
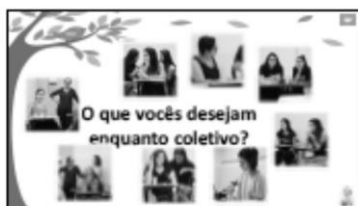
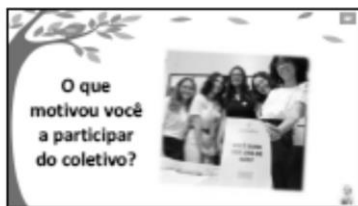
#9: "COLETIVOS" "DIGITAL"	6	3	1. A biopolítica do corpo feminino em estratégias contemporâneas de ativismo digital. ¹⁰¹ 2. Democracia digital e experiências de e-participação: webativismo e políticas públicas [Já consta na pesquisa #6].	0	1. A biopolítica do corpo feminino em estratégias contemporâneas de ativismo digital.	Comunicação: 1. Deslocando fronteiras: notas sobre intervenções estéticas, economia cultural e mobilidade juvenil em áreas periféricas de São Paulo e Lisboa [Já consta na pesquisa #8].
#10: "COLETIVOS" "DIGITAL" "EDUCAÇÃO"	1	0	0	0	0	0


grupos com os meios digitais, não aborda os grupos enquanto movimentos sociais. Mas a relação entre estes “coletivos” (grupo de pessoas que se reúne com algumas afinidades) e outras pessoas distantes da realidade local. Diria que o foco do texto é trazer presente a interconexão entre o on e off-line.

¹⁰¹ Trata-se de um artigo que traz grupos e pessoas feministas que se utilizam da imagem do corpo feminino e de sua divulgação nas redes sociais para exporem suas lutas. Para tal, o pesquisador analisa a repercussão das fotos da egípcia Aliaa Magda Elmahdy e das ações dos coletivos Pussy Riot (Rússia) e Femen (Ucrânia). O contexto digital aqui não é o foco do diálogo, mas sim a imagem enquanto luta por direitos.


#11: "COLETIVOS" "DIGITAIS" "EDUCAÇÃO"	0	0	0	0	0	0
#12: "MOVIMENTOS SOCIAIS" "FORMAÇÃO HUMANA"	0	0	0	0	0	0
#13: "MOVIMENTO SOCIAL" "FORMAÇÃO HUMANA"	0	0	0	0	0	0
TOTAL DE ARTIGOS DIFERENTES	28	19	9	0	4	10

Material impresso usado para realizar a roda de conversa






Como vocês se organizam?
Há alguma liderança?
Como ela ocorre?
Existem espaços de decisão?




O que mudou na vida de vocês após a participação no coletivo?

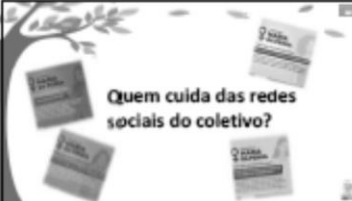
Vocês conseguem perceber mudanças onde há ações que o coletivo realiza?




Qual o papel da internet e das redes sociais virtuais para o coletivo?




Quem cuida das redes sociais do coletivo?



Desde que vocês começaram a utilizar o Facebook quais foram as mudanças que perceberam no coletivo?




Quais possibilidades de formação o coletivo oferece?




Quais os próximos passos?

Vocês relacionam a luta social feminista com os direitos sociais ("educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, assistência aos desamparados") que constam na constituição federal?



Valeu!!!



Questionário virtual usado como fonte de dados

Coletivo Amplifica e Formação Humana

Primeiro muito obrigado por toparem participar desse diálogo com o meu mestrado em Educação.

Me chamo Juliano Carrer, sou professor e o que me motivou a chegar até esse momento da pesquisa com vocês tem relação forte com a admiração da luta dos movimentos sociais e da luta feminista.

Essa pesquisa vai dialogar sobre formação humana e o coletivo.

Vou ter todos os cuidados necessários com a imagem do coletivo e das mulheres que participaram desse diálogo, assim, os nomes não serão citados e antes de fechar a dissertação vou entrar em contato com vocês.

Me comprometo a fazer um retorno com as mulheres do coletivo Amplifica ao final da pesquisa caso desejem.

As primeiras perguntas são informações de contato e depois serão 14 perguntas abertas que dialogam com a pesquisa sobre formação humana.

Nome

Sua resposta

E-mail

Sua resposta

Número de telefone

Sua resposta

Idade

Sua resposta

Desde quando participa do coletivo?(mês)

Sua resposta

Participa de outra organização de luta? Qual?

Sua resposta

Coletivo Amplifica e Formação Humana



O que motivou você a participar do coletivo?

Sua resposta



Qual a história do Coletivo Amplifica?

Sua resposta





O que vocês desejam enquanto coletivo?

Sua resposta

Vocês continuam com o/s objetivo/s do surgimento do coletivo?

Sua resposta



Quais eram as ações do coletivo no início?E quais são as ações atualmente?

Sua resposta



Como vocês se organizam? Há alguma liderança? Como ela ocorre?Existem espaços de decisão?

Sua resposta



O que mudou na sua vida após a participação no coletivo?

Sua resposta



Vocês conseguem perceber mudanças onde há ações que o coletivo realiza?

Sua resposta

Qual o papel da internet e das redes sociais virtuais para o coletivo?

Sua resposta





Quem cuida das redes sociais do coletivo?

Sua resposta



Desde que vocês começaram a utilizar o Facebook quais foram as mudanças que perceberam no coletivo?

Sua resposta



Quais possibilidades de formação o coletivo oferece? (Onde buscam/encontram formação para as participantes?)

Sua resposta





Quais os próximos passos?

Sua resposta



Vocês relacionam a luta social feminista com os direitos sociais ("educação, saúde, alimentação, trabalho, moradia, transporte, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, assistência aos desamparados") que constam na constituição federal?

Sua resposta

Valeu!!!

